

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CINTHYA FERRI DUTRA DE ALMEIDA CESAR

HISTÓRIAS DE VIDA, OPÇÕES TEÓRICAS EM PSICOLOGIA:
Uma Abordagem Fenomenológica

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CINTHYA FERRI DUTRA DE ALMEIDA CESAR

**HISTÓRIAS DE VIDA, OPÇÕES TEÓRICAS EM PSICOLOGIA:
Uma Abordagem Fenomenológica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a. Marília Ancona – Lopez.

SÃO PAULO
2007

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

À Deus, Pai de amor e de esperança.

À Maria, mãe do mais puro e sincero acolhimento.

Ao Santo Antônio, Santa Terezinha, Pe. Pius e anjos do céu, amigos consoladores, protetores e inspiradores.

À minha mãe Sandra, modelo de amor, fé e esperança, que sempre acreditou em mim, independente das circunstâncias.

Ao meu pai Heitor, amor que se revela através da sua presença nos momentos quando mais preciso.

À minha vó Ovidia e tia Fati, pelas orações, incentivos e demonstrações de amor.

As minhas queridas irmãs Carolina e Daniela, pelo olhar afetuoso e palavras doces que marcaram meu coração, transformando meu viver.

Aos meus queridos sogros Vanderlei e Altairdes, Giovana e Matheus, minha segunda família, que me acolheu com carinho em suas vidas.

À todos os meus queridos amigos que conquistaram meu coração e minha fidelidade durante minha longa jornada, em especial, Analú, Giovana, Michele, Rita, João, Andréa, Vanessa, Gil, Adriana, Anselmo, Wandro e Cristina.

À Simone, minha irmã de coração que me apoiou nos momentos mais difíceis durante minha caminhada, e que sempre vibrou comigo cada vitória alcançada.

Aos meus amigos Marcelo e Iara, da Associação dos Pós-Graduandos da PUC-SP, que sempre me atenderam e me ajudaram com um sorriso em seus lábios.

A todos os meus colaboradores que enriqueceram meus conhecimentos e meu viver com suas histórias de vida.

Às professoras Dra. Gohara Yvette Yehya e Dra. Beth Montagna pelos ensinamentos passados com tanta doçura e pelo olhar que consegue acalmar nossos corações.

Aos queridos amigos Marco Aurélio e Armando, por revisarem a minha dissertação com tanto carinho e sabedoria.

À minha querida orientadora, professora Dra. Marília Ancona-Lopez, por acreditar em mim, por me escutar com carinho e acolhimento, por me acompanhar em cada passo meu, pela paciência e atenção. Você conquistou meu coração. Minha gratidão eterna.

Ao meu querido Wander, meu esposo e companheiro, meu amor eterno, pela força, incentivo e carinho. Amo o seu jeito especial de tocar o meu coração e a minha alma, mesmo em minhas ausências. Obrigada por fazer parte deste sonho.

ALMEIDA CESAR, Cinthya Ferri Dutra de. *História de Vidas, opções teóricas em Psicologia*: Uma abordagem fenomenológica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil, 2007, 184 f.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender, a partir de uma metodologia fenomenológica, como as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam suas escolhas teóricas. Para atingir esse objetivo, realizaram-se entrevistas com psicólogos católicos, com mais de cinco anos de atuação na área clínica. A análise das entrevistas, seguindo as propostas de Giorgi (1985), dialogou com autores da abordagem fenomenológica. Este estudo permitiu apontar algumas conclusões: as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam suas escolhas teóricas; é possível encontrar dentro da Psicologia, um espaço acolhedor e apropriado, no qual o psicólogo desenvolve seu papel profissional de forma competente e coerente com suas crenças religiosas; a Religião e a Psicologia são universos diversos, mas não obrigatoriamente dissonantes, e, se respeitados em suas especificidades, podem contribuir para a atuação competente dos psicólogos e dos religiosos; a história de vida do psicólogo e suas crenças religiosas influenciam fortemente cada escolha teórica feita em Psicologia conforme cada pessoa dá sentido às suas vivências. Conseqüentemente, é importante que o psicólogo acolha e procure compreender suas próprias vivências religiosas, assim como as de seus clientes.

Palavras-chave: Psicólogo clínico católico. Crenças religiosas. Escolha teóricas.

ALMEIDA CESAR, Cinthya Ferri Dutra de. *Histories of lives, theoretical options in Psychology*: a Phenomenological approach. Master' Thesis. Program of Graduate Studies in Clinical Psychology of the Pontifica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brazil, 2007, 184 p.

ABSTRACT

The aim of this master's thesis is to comprehend, based on the phenomenological method, how the religious beliefs of catholic clinical psychologists influence their theoretical choices. In order to reach this purpose, some interviews were made with some catholic clinical psychologists who have been worked for more than five years in the clinical field. The analyses of the interviews were developed following Giorgi (1985)'s proposal and according to the authors of a Phenomenological approach. This study allowed us to evidence some conclusions: the religious beliefs of catholic clinical psychologist influence their theoretical choices; it's possible to find a place in the field of Psychology that can welcome the psychologist and where he can develop well his professional function consonant to his religious beliefs; Psychology and Religion are different but not necessarily dissonant fields, and if they are respected in their specific subject, they can contribute for a psychologists and religious people's competent action; the psychologist's history of life and religious beliefs influence each theoretical choice in Psychology depending on how each person gives a sense for his experiences. As a result, it's important that psychologists accept and try to comprehend his own religious experiences and also his client's.

Key- words: Catholic clinical psychologists. Religious beliefs. Theoretical choices.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| CAPÍTULO I- PSICOLOGIA E RELIGIÃO..... | 14 |
| CAPÍTULO II - O PERCURSO DA PESQUISA..... | 23 |
| 2.1. OBJETIVO..... | 23 |
| 2.2. A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EM PSICOLOGIA..... | 23 |
| 2.3. A ESCOLHA DOS COLABORADORES..... | 27 |
| 2.4. AS ENTREVISTAS | 27 |
| 2.4.1. O primeiro contato com os colaboradores..... | 28 |
| 2.4.2. A realização das entrevistas..... | 28 |
| 2.4.3. A entrevista com Ana..... | 30 |
| 2.4.4. A entrevista com César..... | 30 |
| 2.4.5. A entrevista com Beth..... | 31 |
| 2.5. OS MOMENTOS DA ANÁLISE..... | 32 |
| CAPÍTULO III - ANA..... | 35 |
| 3.1. RELATO DESCRITIVO | 35 |
| 3.2. TEMAS DA ENTREVISTA..... | 41 |
| 3.3. RELAÇÃO DOS TEMAS..... | 58 |
| 3.4. AGRUPAMENTO DE TEMAS..... | 66 |
| 3.5. CATEGORIAS OBTIDAS A PARTIR DOS TEMAS..... | 73 |
| 3.6. ANÁLISE INTERPRETATIVA..... | 80 |
| CAPÍTULO IV – CÉSAR..... | 93 |
| 4.1. RELATO DESCRITIVO..... | 93 |
| 4.2. ANÁLISE INTERPRETATIVA | 100 |
| CAPÍTULO V- BETH..... | 111 |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO VI- CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 132 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 138 |
| ANEXOS..... | 142 |
| ANEXO I – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE ANA..... | 143 |
| 1º ENTREVISTA..... | 143 |
| 2º ENTREVISTA..... | 152 |
| ANEXO II – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE CÉSAR..... | 167 |
| 1º ENTREVISTA..... | 167 |
| ENTREVISTA COMPLEMENTAR..... | 176 |
| ANEXO III- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE BETH | 178 |

INTRODUÇÃO

Estou convencido de que ser tocado pelo sagrado faz parte da experiência religiosa fundamental, e por conseguinte da experiência de Deus, o Inteiramente Outro. É ela que, em última análise, decide se em sua vida e em sua morte a pessoa está aberta para o mundo religioso, se o considera como indispensável para sua maneira de interpretar e de viver a vida. Então esta pessoa terá experimentado o que significa ser invadido pelo sagrado, pelo divino. (MÜLLER, 2004)

Desde o meu nascimento, fui tocada pelo Sagrado, pelo divino...o meu caminhar é marcado por experiências com o Sagrado... sinto-me submersa nas águas mais profundas do Sagrado...escolhi a Psicologia ao ser tocada profundamente pelo Sagrado...

Ser tocado pelo sagrado é uma experiência que deve envolver com sua atmosfera o meu pensar, o meu sentir e o meu agir. (...) É a trilha que descobri para mim, a rota que eu sigo, convencido de que ela me leva para onde eu me encontro, para o que constitui meu anseio mais profundo – não importando o que este seja ou o que possa ser. (MÜLLER, 2004, p.43)

Durante toda a minha vida, pude vivenciar momentos sagrados, nos quais pude experimentar uma profunda ligação com o Outro. Penso nas ocasiões em que participava com minha mãe dos grupos de oração da Igreja Católica. Embora fosse ainda muito nova, e não conseguisse refletir sobre o Sagrado, nessas ocasiões de profunda oração e contato íntimo com o divino, eu me sentia profundamente envolvida pelo Sagrado, por Deus. De um modo inexplicável, sentia meu coração acelerar e encher-se de amor e paz interior. Essa experiência fazia com que eu cada vez mais sentisse vontade de transmitir o que sentia a outras pessoas.

Fui crescendo, envolvendo-me e comprometendo-me cada vez mais com a minha religião católica, pois os seus ensinamentos e suas vivências despertavam em mim esses sentimentos que relatei acima. Isso alimentava a minha alma, o meu ser. Eu sentia que a minha fé ia se fortalecendo cada vez mais. Estava aberta e me permiti a ser envolvida pelo Sagrado. Essa vivência fazia com que aumentasse meu desejo em

ajudar as pessoas a encontrar em seu próprio caminho, a se realizarem, a serem felizes, e por que não também deixarem-se tocar pelo Sagrado.

Ao ter que tomar uma grande decisão em minha vida, no vestibular, pensei, inicialmente, que queria fazer Medicina, pois com esse curso poderia ajudar as pessoas de alguma forma. Não passei no exame de ingresso e fiquei chocada com o resultado. Dentro de mim surgiu um conflito que começou a me atormentar. Passei a me questionar sobre essa escolha. Isso me assustava, pois essas dúvidas nunca haviam ocorrido antes. Comecei a refletir se era isso mesmo que Deus havia preparado para mim; pensava muito em qual seria minha missão aqui na Terra.

Atendendo a um pedido meu, uma amiga da minha mãe rezou por mim. Ela disse que sentia em seu coração que minha missão não era só “cuidar do físico das pessoas”, mas “cuidar das almas feridas”. Eu fiquei muito inquieta com essa revelação, mas, por outro lado, muito feliz; sentia-me aberta a essa possibilidade. Estudando Psicologia, eu poderia obter conhecimentos que me dariam condições de compreender o homem como ser global, e essa compreensão traria contribuições para que eu trabalhasse com as pessoas considerando todas as suas dimensões, inclusive a espiritual.

Dessa forma, eu acreditei que com os recursos que obteria por meio da Psicologia, poderia me tornar um instrumento mais efetivo nas mãos de Deus, para ajudar as pessoas a terem um encontro profundo consigo mesmas, um maior autoconhecimento, mais qualidade de vida, mais paz, uma vida melhor com os outros e, se desejassem, entrarem em contato com o Uno e Único. Giovanetti (2005, p.129) afirma:

O tema da espiritualidade tem sido objeto de muitos estudos, extrapolando a fronteira da teologia e exigindo outras perspectivas para melhor compreensão desse fenômeno humano. (...) a psicologia também se vê às voltas com essa realidade. Assim, o psicólogo, principalmente o psicólogo clínico, esbarra com essa faceta da vida humana no seu trabalho. Daí, a necessidade de se buscar uma compreensão do que seja a espiritualidade, a fim de poder compreender melhor o ser humano na busca de sua ajuda profissional.

Assim, caminhei em direção à Psicologia com a crença de que era possível uma integração entre a Psicologia e a minha religiosidade. Religiosidade essa que implica em uma relação do ser humano com um ser transcendente, em que “(...) o caminho de construção do sentido parte de uma ligação com uma entidade superior, dizendo de outra maneira, por meio da fé, da vivência de uma crença.” (GIOVANETTI, 2005. p.140) No entanto, não foi o que encontrei durante o tempo de faculdade.

Desde o início do meu curso de graduação, que tinha como principal referencial teórico a psicanálise, comprometi-me com meu aprendizado, procurando sempre assimilar ao máximo os conteúdos ensinados. Estava ansiosa para me tornar uma psicóloga competente que conseguisse agregar em si, além da sua religiosidade, conhecimento científico, eficiência e, assim, auxiliar com sabedoria a todos que procurassem minha ajuda.

A partir da convivência com meus colegas e professores da Psicologia, porém, fui percebendo que nem sempre era permitido ou prudente expressar o meu modo de pensar, a minha concepção de mundo de forma espontânea e sincera e isso me fazia muito mal, pois, até aquele momento, eu havia encontrado espaço na minha vida para falar de Deus, da minha fé, de religião, enfim, das minhas experiências religiosas, onde quer que eu estivesse.

Comecei a observar que embora aprendêssemos no curso de Psicologia que não era adequado fragmentar o homem ao procurar compreendê-lo ou ajudá-lo em seu processo psicoterapêutico, isso, por outro lado, estava acontecendo com os alunos desse curso, em especial, comigo, no próprio âmbito acadêmico. Em determinadas situações, sentia-me totalmente fragmentada, pois percebia que a Psicologia não considerava a dimensão espiritual do ser humano, dimensão essa que eu incluía na minha visão de homem. Na maioria das vezes, ao tentar dialogar sobre esse tema, sobre os sentidos da vida, sobre minha concepção de mundo embasada na minha educação cristã, não encontrava um ambiente propício e acolhedor, e sentia-me julgada pelos colegas e professores.

No meu primeiro dia de aula do curso de Psicologia, um aluno veio me avisar que não deveríamos jamais falar sobre religião com a professora que estava nos ministrando aula, pois, segundo ele, ela não gostava desse assunto. Fiquei chocada

com esse conselho, mas, mesmo sem entender o motivo dessa atitude, segui o conselho. De fato, durante o ano inteiro, ela jamais abriu espaço para esse tema, mesmo se o conteúdo da disciplina que lecionava facilitasse várias relações e associações com esse assunto.

Com relação a outro professor, contaram-me que ele, no passado, era muito católico, participava de grupo de jovens e tocava violão em encontros da igreja, mas que, depois de se formar em Psicologia, tinha se tornado ateu e, portanto, também não era conveniente que se falasse com ele sobre o tema. Para complementar essas experiências, durante uma aula, um professor nos deu a orientação explícita de que, quando o tema religião fosse abordado por um paciente durante uma sessão psicoterápica, era conveniente não aprofundar o assunto, ou seja, deveríamos até deixá-lo falar, mas evitar trabalhar esse conteúdo para não entrarmos em polêmica.

Ancona – Lopez (2005, p.153), entre outros autores que discutem a dificuldade de se abordar o tema religiosidade, religião e espiritualidade durante a formação de psicólogos aponta que:

O desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra as posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais. Conseqüentemente, o hiato entre as experiências pessoais e a linguagem profissional é grande e dificulta o estabelecimento de um diálogo interno e externo consistente.

Giovanetti (1999) observa que há uma negligência dos temas relacionados a vivências religiosas e espirituais nos cursos de Psicologia, e expõe que a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano, independentemente da pessoa estar ou não ligada a uma religião. Para o autor, é importante que a dimensão religiosa receba atenção do psicólogo, pois, “como não poderia deixar de ser, a psicologia também se vê às voltas com essa realidade. Assim, o psicólogo, principalmente o psicólogo clínico, esbarra com essa faceta da vida humana no seu trabalho”. (GIOVANETTI, 2005, p.129)

Shafranske e Malony (1996) afirmam categoricamente que se torna imprescindível considerar a religiosidade do sujeito na clínica psicológica dada a

relevância da religião na cultura, a incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, as relações entre religiosidade e saúde mental e a consideração dos valores, implícitos ou explícitos, na prática clínica. Ribeiro (2004, p.13-14) coloca que, embora a Psicologia seja “a ciência que estuda o fenômeno humano na dimensão de sua totalidade, na sua plena e dinâmica relação pessoa - mundo”, ela tem se comportado como se a religião não existisse, e, para o autor, estudar o homem excluindo sua dimensão espiritual, é estudá-lo de forma fragmentada, e, neste sentido, “é o mais alienante descompromisso da ciência e/ou da academia para com a verdade humana, para com a totalidade existencial humana, da qual nasce todo e qualquer significado. Tal exclusão tornaria, ou torna, a Psicologia extremamente pobre, parcial (...).”

Mesmo que alguns autores considerem a importância da inclusão da religiosidade no âmbito da Psicologia, durante a minha formação pude perceber um significativo descuido no que se refere a esse tema. Sentia-me praticamente impedida de expressar os meus sentimentos, as idéias, a crença religiosa, os valores. Sentia um grande vazio, e, mesmo sem entender muito bem o que acontecia dentro de mim, o sentido que a Psicologia tinha para mim estava se perdendo, provavelmente, em função disso.

Assim que me formei, iniciei um curso de pós-graduação em psicanálise, cuja duração foi de dois anos. Não consegui me encontrar nesse curso, embora gostasse muito das aulas. Eu não desconsidero, em momento algum, a importância dessa abordagem na prática clínica, pois ela fundamentou toda a minha formação em Psicologia durante a minha graduação. No entanto, não podia negar certo desconforto ao trabalhar com esse referencial na clínica. Por outro lado, quando desenvolvia trabalhos com outros psicólogos que adotavam uma visão humanista do homem, ou quando cursava a especialização em Aconselhamento, cuja perspectiva valorizava as dimensões física, social, psíquica e espiritual do ser humano, eu me sentia mais integrada e feliz.

Certo dia, ao partilhar com uma amiga psicóloga esses conflitos e esse mal-estar que sentia, em algumas situações, com relação à abordagem psicanalítica, ela falou que as minhas inquietações com relação a essa perspectiva, provavelmente

surgiam pelo fato da psicanálise não ser congruente com aquilo que eu acreditava. E complementou: “Posso ver isso nos seus olhos com clareza!” Sua fala me tranquilizou por um lado, e por outro, mesmo que inconscientemente, fui levada a ir ao encontro a novos caminhos, que visavam clarificar minhas crenças e meus valores, a fim de escolher uma abordagem psicológica que fosse coerente com minha visão de homem e de mundo.

Entretanto, não há uma verdade existente por si mesma, que proporcione ao ser humano nela fundamentar-se para efetuar as suas escolhas; existem apenas possibilidades que são confirmadas, ou não, em situações particulares, nas quais ele se comporta de um ou outro modo. [...] Ao escolher, contamos apenas com nossa abertura à compreensão de nossa vivência e à de nossos semelhantes, que nos colocam diante de possibilidades [...]. (FORGHIERI, 2004, p.47-48)

Eu sentia um grande desejo de buscar mais conhecimento dentro da Psicologia, para cada vez mais aperfeiçoar minha prática clínica, como também, poder transmitir um pouco desse conhecimento aos futuros psicólogos no âmbito acadêmico. A possibilidade de ingressar no Programa de Mestrado em Psicologia Clínica na PUC de São Paulo surgiu como uma das possíveis respostas a esse meu anseio. Foi no seminário sobre Psicologia e Religião do núcleo de Práticas Clínicas que finquei as minhas raízes.

Tudo teve seu início nesse núcleo, o meu primeiro encontro com a abordagem fenomenológica e o meu primeiro encantamento. Foi quando a questão foi tomando corpo e dando contorno à minha dissertação. Indicando o início de uma longa e desafiante estrada a percorrer, cheia de questionamentos que acabavam por se entrelaçar, tendo como destaque a pergunta que ressoava dentro de mim, “Como as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam suas escolhas teóricas?”

CAPÍTULO I

PSICOLOGIA E RELIGIÃO

O objetivo deste capítulo é propiciar uma reflexão inicial a respeito da relação entre Psicologia e Religião, a partir da tentativa de algumas aproximações entre a Ciência e Religião.

Falar de Ciência e Religião atualmente é falar de universos que, de alguma forma, encontram-se em conflito. No entanto, Paiva (2002) destaca que nem sempre essa relação foi assim, nem na área acadêmica, nem na área religiosa. Segundo o autor, o próprio Galileu já fazia uma relação entre o estudo natural dos corpos celestes e a doutrina bíblica. Ele afirmava que a Bíblia não dizia como são feitos os céus, mas o que devíamos fazer para chegar lá.

É fato, segundo Paiva (2000, p.13), que a descoberta de técnicas experimentais de pesquisa no séc XVII acabou por fazer uma aproximação diferenciada aos fenômenos do mundo físico, com relação à aproximação religiosa e teológica, pois, a física cosmológica, a evolução biológica, as ciências humanas conseguiam avançar cada vez mais sobre áreas que eram estritamente do antigo campo religioso, como o “Universo e a respectiva posição da Terra, a Vida, a Consciência e suas expressões individuais e sociais, o Inconsciente. (...) a interpretação legítima do Homem e do Cosmos.” Mas, para o autor, isso, não autoriza o homem a olhar para a ciência como conhecimento absoluto, independente de vínculos históricos, sociais e psicológicos, ou no outro extremo, para a religião, como verdade absoluta. Religião e Ciência possuem modos diferentes de conhecer o mundo e o homem.

Gleiser (2006) afirma que o homem sempre foi fascinado pelo mistério da criação e que, neste sentido, povos de diferentes culturas e épocas sempre procuravam entender não só suas origens como também a origem do mundo. O autor considera que, ao nos depararmos com a questão da origem de todas as coisas, observamos os diferentes modos de pensar do homem. Embora exista uma grande diferença entre o enfoque religioso e o científico, no que diz respeito a essas questões, como diz Gleiser

(2006), ambos acabam por demonstrar o desejo em compreender a existência humana. O autor coloca, inclusive, que a história mostra que alguns dos cientistas responsáveis pela visão do Universo eram religiosos e dessa forma, ele acredita que o misticismo enquanto incorporação da irresistível atração do ser humano pelo desconhecido exerça fundamental papel no processo criativo de vários cientistas do passado e do presente.

Como dizem Ribeiro (2004) e Gleiser (2006), já nos primórdios da humanidade, quando o homem primitivo buscava compreender as suas origens, ele buscava na realidade, razões para explicações de sua vida, e neste sentido, a Religião era um instrumento que dava e continua dando sentido a vida dos homens.

Gleiser (2006) conta que, na origem da humanidade, os homens respeitavam a natureza, pois dela dependia sua sobrevivência. Várias culturas atribuíam aspectos divinos à natureza. Por meio dos rituais e oferendas, os grupos tentavam conquistar a simpatia divina e, assim, garantir com mais tranquilidade sua sobrevivência. Além disso, essa relação possuía um componente social imprescindível, pois, em função dela, eram impostos valores morais e éticos que garantiam a coesão do grupo. Para o autor, essa relação religiosa com os deuses permitia aos indivíduos buscar ordenar sua existência, dando sentido a fenômenos misteriosos e ameaçadores, além de garantir um bem-estar e segurança do grupo, clareando, assim, questões de ordem mais metafísica, como, por exemplo, a interpretação da morte em diferentes religiões ou até mesmo a questão da origem do Universo.

Ribeiro (2004, p.12) complementa a colocação de Gleiser (2006), dizendo que o homem primitivo, ao iniciar a prática dos rituais, buscava um sentido para a realidade que enfrentava porque acreditava que a solução para as suas inquietações estivesse fora de si mesmo, e que somente os rituais que restituiriam a tranquilidade e a percepção normal do mundo. Para ele,

O homem é um ser emocional. É por meio da emoção que o homem se mantém atento aos sinais que o mundo lhe manda. (...) Quando o homem não é capaz de entender suas emoções, de conviver com elas, freqüentemente, busca, alhures, explicação para aqueles sentimentos dos quais não consegue livrar-se.

O autor comenta que, na história da civilização, não aparece um único povo que não tenha tido rituais e deuses e que, embora as religiões não fossem ensinadas ou transmitidas de povo a povo, cada deus nascia como fruto e reflexão do grupo, e conseqüentemente, dava identidade a esse povo. Desse modo, Ribeiro (2004, p.12) acredita que o aparecimento das religiões surge em função do desejo intrínseco ao homem de “responder e explicar anseios internos, complexos, como ansiedade, medo e culpa diante do sentido do mundo, da vida e do outro (...).”

Gleiser (2006) não ignora o fato de que o homem, ao tentar entender o universo como um todo, é limitado pela sua perspectiva interna, e isso vale tanto para a religião, como para a ciência. Além disso, o caminho que cada um escolhe para entender essa questão é muito específica pois,

[...] O caminho que cada indivíduo escolhe depende sem dúvida, de quem está fazendo a pergunta. Uma pessoa religiosa vai procurar respostas dentro do contexto de alguma religião, que poderá ser tanto uma religião organizada como uma versão mais pessoal. O ateu tentará, talvez, achar uma resposta dentro de um contexto científico. Religiosas ou não, certamente a maioria das pessoas terá alguma resposta. (p. 19)

Gleiser (2006) aponta que o desejo de saber sobre a origem do universo e da vida é inerente ao ser humano, transpondo barreiras temporais e geográficas. Aletti (2004, p.25) concorda também com o autor mencionado, no que se refere ao desejo que o homem tem de encontrar respostas às suas questões existenciais e fala:

As perguntas pelo sentido são universais, enquanto enraizadas em problemas da experiência humana: origem, a morte e o mal; as respostas, sendo culturalmente especificadas, são diversas e polimorfos. Creio que entre pergunta pelo sentido e resposta religiosa existe compatibilidade, mas não continuidade necessária.

Historicamente, o enfoque religioso foi sobrepujado por um enfoque racional, à medida que gradualmente os cientistas começaram a explicar e manipular os

fenômenos da Natureza. Para Gleiser (2006), essa situação continua a se desenrolar e gera relações muitas vezes equivocadas entre a ciência e a religião.

Gleiser (2006, p.36) pontua que é importante que tanto cientistas como teólogos preocupem-se em não avançar, de modo reduutivo, em áreas que não lhe são pertinentes, pois tanto no campo da Religião como no da Ciência, há limites a serem respeitados.

O debate entre ciência e religião restringe-se na maior parte das vezes à discussão de sua mútua compatibilidade: será possível que uma pessoa possa questionar o mundo cientificamente e ainda assim ser religiosa? Acredito que a resposta é um obvio sim, contanto que seja claro para essa pessoa que ambas não devem interferir entre si de modo errado, ou seja, que existem limites tanto para a ciência quanto para a religião [...]. (GLEISER, 2006, p. 36)

Dessa forma, é fundamental que os cientistas não se utilizem da ciência de modo especulativo para responder a questões teológicas e, do mesmo modo, teólogos não tentem interpretar a Ciência a partir de textos sagrados. Aletti (2004) deixa clara essa posição quando diz que não cabe ao psicólogo discutir questões de Teologia, mas, sim, buscar compreender como essas questões são apropriadas pela psique humana, qual sua dinâmica e sua função.

Paiva (2002) conta que a Psicologia, desde cedo, entrou em contato com a Religião. Em 1914, o psicólogo suíço James Leuba (1916), amigo de William James e considerado como um dos primeiros psicólogos da religião, já realizava pesquisas empíricas sobre a fé dos cientistas, num Deus que responde à prece e promete a imortalidade, ou seja, no Deus do Cristianismo. Essa pesquisa, de natureza psicológica, antropológica e estatística buscava investigar a crença religiosa dos cientistas.

Na primeira década do Século XX, o tema da religião foi bastante abordado, tendo por pioneiros Stanley Hall e William James. Esse interesse pelo estudo psicológico da religião, no entanto, perdurou até aproximadamente os anos 1920 e foi sofrendo transformações com o avanço do Behaviorismo e da Psicanálise, que julgavam esse tema de pouca importância e serventia prática. Como diz Valle (2005),

posicionamentos críticos foram levando a religião a um encolhimento defensivo, o que acabou por colocar em evidência uma tensão entre Psicologia e Religião.

Para Valle (2005), só depois, aos poucos, esse cenário tenso foi mudando, dando mais abertura à origem de novas aproximações e movimentos da Psicologia, que abandonaram as posições *a priori* negativas.

Com a presença marcante de psicólogos como Jung, Erikson, Frankl, Allport, Fromm, Grun, Maslow, entre outros, além da participação de teólogos, filósofos e cientistas da religião, como Buber, Ricoeur, Levinas, Tillich, Otto, começou-se a estabelecer uma nova abertura para o diálogo entre Psicologia e Religião, favorecendo a criação de uma nova visão antropológica do ser humano e da humanidade (VALLE, 2005).

Outro fato marcante nesse processo foi o nascimento de uma espécie de Psicologia comparada das Religiões, que resultou da aproximação entre as grandes religiões do mundo, e destas, com as religiões que não gozam de um *status* cultural forte, o que facilitou o acesso ao subjetivismo das pessoas e das minorias culturais. Para Valle (2005, p.3), nesse momento histórico, a fase de hostilidade *a priori* entre Psicologia e Religião “é coisa já passada, embora permaneçam algumas desconfianças e permaneçam certos problemas que atravessaram o Século XX e se farão presentes também nas discussões que ainda virão.”

Na prática, no entanto, considero importante ressaltar, que esse movimento de abertura da Psicologia com relação ao tema religião, não garantiu a simpatia de todas as tendências teóricas, assim como, nem sempre facilitou um maior acesso ao diálogo sobre esse assunto, principalmente, no meio acadêmico.

Concordo com Valle (2005, p.3), quando ele diz que um certo distanciamento entre a Psicologia e Religião é algo normal, contanto que se defina distanciamento enquanto diferença e não rechaço ou mútua rivalidade, ou seja, “distância entre quem, como ser humano, toma consciência das situações-limite da realidade e a ‘positividade’ de quem como cientista, tem como objetivo abordar diretamente (‘medir’ até) o que o ser humano experimenta em tais situações”. Mas, acrescento, ainda, que distanciamento não deve significar ignorar o tema, pois, neste final de século, como nos diz Giovanetti (1999), ocorreu um ressurgimento do fenômeno religioso que se expande

e se expressa das mais diversas formas, e, a meu ver, precisa ser acolhido, compreendido e respeitado no âmbito psicológico, algo que não tem acontecido com frequência.

Giovanetti (2005) e Ancona-Lopez (2005) afirmam que nos currículos dos cursos de Psicologia em nosso país, salvo alguma exceção, dificilmente se encontra alguma disciplina que aborde a religião, dimensão que está inserida na vida humana. Neste sentido, torna-se difícil o acesso aos estudantes a trabalhos nessa área desenvolvidos no país ou nas escolas americanas e européias.

Giovanetti (2005) afirma que os psicólogos que não buscam alguma formação específica nessa área não atentam à dimensão religiosa ou ignoram o problema quando seu paciente aborda essa questão em terapia.

Os psicólogos alegam que o seu trabalho é ajudar o homem em seus problemas psicológicos, e não religiosos, e que a dimensão religiosa deve ser tratada pelo padre ou pelo conselheiro psicológico. Eles se esquecem de que o homem que busca auxílio profissional dele para aliviar o seu sofrimento é um homem total, isto é, ao falar de seus problemas ele traz também sua crença em um Ser superior. (GIOVANETTI, 1999, p.88)

Ancona-Lopez (2005, p.153) esclarece que, quando o psicólogo tem algum conhecimento sobre o tema em geral, ele conhece apenas algumas das abordagens que excluem as experiências religiosas do âmbito de seus estudos ou que as definem como patológicas.

O desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra as posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais. [...]

Para Ribeiro (2004) e Giovanetti (1999), o homem é constituído pela dimensão religiosa, e, neste sentido, é necessária certa sensibilidade do psicólogo para com a questão religiosa. Ribeiro (2004, p.13) questiona o papel da Psicologia frente à

Religião. Ele procura compreender como a Psicologia, enquanto ciência, pode entrar em conflito com a Religião ou não considerá-la frente às angústias do coração humano, à procura do seu sentido último, da sua liberdade e do seu destino. Para ele, quando a Psicologia nega o aspecto espiritual do homem, demonstra um total descompromisso com a verdade humana, para com a totalidade existencial humana pois, a Psicologia “ (...) estuda o fenômeno humano na dimensão de sua totalidade, na sua plena e dinâmica relação pessoa-mundo. A ela interessa, por natureza, o pensar, o sentir, o fazer e a linguagem humana (...).”

Paiva (2002, p.567), a partir de uma pesquisa realizada com docentes pesquisadores da Universidade de São Paulo, conclui que:

É enquanto seres humanos que os cientistas experimentam dificuldades não com qualquer realidade divina e religiosa, mas especificamente com a idéia cristã de Deus. Os resultados, com efeito, deixaram claro que os cientistas não tem dificuldade em aceitar uma divindade impessoal e cósmica, dotada de sabedoria e poder ordenadora do mundo. (...). (PAIVA, 2002, p.567)

Ribeiro (2004), entre outros autores, também considera que a Psicologia, principalmente a acadêmica, tem se comportado como se a Religião não existisse. Ele pontua:

Uma ciência de Deus; outra ciência do homem. Ciência vem do verbo latino *scire*, que significa saber. Se religião sabe de Deus e psicologia sabe do homem, não há como dois saberes se opor se ambos partirem dos fatos; tem como se opor, porém, se ambos partirem, simplesmente, de idéias. (p.14)

Para Ribeiro (2004, p.16), a visão religiosa do mundo que considera a existência de Deus tem uma lógica cultural organizada e é fruto da procura do ser humano à solução de seu próprio mistério e nasce de uma relação natural com o

mundo humano e material. Afirma que a Psicologia não pode se esquivar de uma área que, milenarmente, ocupou a mente dos pensadores.

Concordo com os autores para os quais o papel da Psicologia não é estudar Deus, afirmar ou negar os dogmas de qualquer religião, mas reitero a importância da abertura do psicólogo à escuta daqueles clientes para os quais as idéias religiosas são mantenedoras e organizadoras do sentido de suas vidas.

Ribeiro (2004) menciona que a Psicologia não consegue lidar de forma adequada com as quatro dimensões do ser humano bio-psico-sócio-espiritual, e tem dificuldade de entrar em contato, especificamente, com a área espiritual. Ele fala que, como resultado, tem-se uma relação entre a Psicologia e a Religião mascarada, pois poucos autores a discutem abertamente.

De acordo com Ancona-Lopez (2005), os psicólogos, no Brasil, ainda encontram poucas possibilidades de refletirem sobre as experiências espirituais e religiosas em um universo acadêmico e profissional que proporcione condições para uma elaboração. Isso faz com que os psicólogos, muitas vezes, tenham dificuldades para apresentar uma atuação psicológica que seja congruente consigo mesmo, considerando suas crenças.

Ribeiro (2004, p 32) afirma que quando a Psicologia estuda o homem como uma totalidade dinâmica em processo, ela não se “amedronta diante da idéia de Deus, do sagrado, da espiritualidade, da religião, até porque são esses processos que constituem a identidade individual e social do homem e da comunidade.”

O psicólogo não tem que acreditar em Deus ou ser religioso, mas precisa aprender a conviver com um Deus que mora na humanidade ou no cosmos e que se expressa, frequentemente, nos homens, nos nossos clientes, por meio de gestos que incluem fé, amor, esperança e também, muitas vezes, medo, temor e angústia. (RIBEIRO, 2004, p.33)

Holanda (2004, p.45) ressalta que

Falar de religião é, fundamentalmente, falar de experiência religiosa, dado que a religião só existe porque há sujeitos que a manifestam de uma forma intencional, ou seja, a religião não se dá como uma manifestação pura e sim como uma manifestação de um sujeito que a acolhe e a manifesta. Ao falarmos de 'manifestação religiosa', estamos afirmando a experiência como um fenômeno e, assim, trazemos à tona, a contribuição de uma importante corrente do pensamento filosófico: a Fenomenologia.

É neste sentido que Holanda (2004) comenta que a aproximação da Religião à fenomenologia se dá em função da questão do sentido, o que implica a dimensão das vivências. Como a análise fenomenológica em Psicologia se apoia na busca de sentido, ele acredita que é por meio dela que se pode evidenciar a esfera vivencial.

Desse modo, considerando que a relação da Fenomenologia com a Religião é marcada pela busca da compreensão do sentido para o ser humano que vivenciou o fenômeno religioso, pretendo desenvolver a questão desta dissertação a partir desse foco.

CAPÍTULO II

O PERCURSO DA PESQUISA

Coloquei-me numa atitude de abertura para a compreensão deste mundo e aguardei que ele se mostrasse para mim. Isso tudo foi essencial para que eu pudesse chegar aonde queria (...). (OLIVEIRA, 2006)

2.1. OBJETIVO

Este trabalho visa compreender, a partir de uma metodologia fenomenológica, como as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam suas escolhas teóricas.

2.2. A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EM PSICOLOGIA

O conhecimento psicológico é reflexão e ao mesmo tempo vivência; é conhecimento que pretende descobrir a significação, no contato efetivo do psicólogo com sua própria vivência e com a de seus semelhantes. (FORGHIERI, 2004)

A abordagem fenomenológica, desde que a conheci me encantou e me envolveu, e, aos poucos, foi me escolhendo. Essa perspectiva, que era tão desconhecida e misteriosa aos meus olhos inicialmente, mas que sempre ofereceu algo novo a ser descoberto, foi dando corpo e vida à minha pesquisa. Isso foi acontecendo à medida que percebi que ela possibilita, que eu, enquanto pesquisadora, consiga penetrar tanto na minha própria vivência como na do pesquisado, por meio de uma interação contínua entre ambos, o que facilita, a compreensão dos significados atribuídos às experiências vividas nas situações delimitadas pelo objetivo da pesquisa.

Neste sentido, concordo com a colocação de Moreira (2002, p.108), quando diz que “o que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa”.

Delefosse e Rouan (2001, p.150) apontam que:

[...] Na pesquisa em Psicologia Fenomenológica o método implicará a consideração da interação que auxilia a explicitação do vivido; trata-se portanto de um trabalho interativo que visa, de um lado, favorecer a atividade e construção do sentido do mundo vivido através de uma situação dialógica reflexiva e de outro lado, produzir conhecimentos psicológicos a partir desse 'material'.

De acordo com Forghieri (2004, p.59), entre outros autores, a Fenomenologia teve sua origem no campo da Filosofia, e visava propiciar que se chegasse à essência do próprio conhecimento, por meio da redução fenomenológica, que:

[...] consiste em retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceitos do sujeito; retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constituiu no próprio existir humano.

A transposição do método fenomenológico, do campo da Filosofia para o da Psicologia, cujo objetivo era chegar à essência do próprio conhecimento, sofre então, uma mudança de foco. Assim, na Psicologia, o método fenomenológico passa a buscar captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano, por meio da redução fenomenológica (FORGHIERI, 2004).

O pesquisador, segundo a autora mencionada, ao investigar formas concretas de existência ou experiências vividas, inicia o seu trabalho voltando-se para a

sua própria vivência, a fim de refletir sobre ela e conseguir apreender o significado da mesma em sua existência.

Nesta perspectiva, comecei a buscar constantemente, durante a construção deste trabalho, voltar-me num “vai-e-vem” para as situações vivenciadas também por mim enquanto estudante de Psicologia, psicóloga, religiosa e católica, a fim de captar o sentido das minhas escolhas teóricas em minha atuação profissional, pois só assim é possível que as situações vivenciadas adquiram um sentido para quem as experiencia (FORGHIERI, 2004).

Entendo que esse olhar mais atento às minhas próprias vivências, mesmo não apreendendo totalmente os significados inerentes a elas, foi o ponto de partida para que eu, então, pudesse envolver-me nas vivências dos psicólogos colaboradores desta pesquisa, a fim de compreender e assim relacionar as minhas às deles, chegando a alguns significados relevantes ao tema da minha dissertação.

Para entrar em contato com a imediatez das vivências dos participantes desta pesquisa, compreender os sentidos vividos por eles e fazer uma descrição dessas, procurei colocar “entre parênteses”, ou fora de ação os conhecimentos que já possuía anteriormente. Isso foi possível por meio da redução fenomenológica, que se constitui em dois momentos: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo, que são paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis e devem estar voltados para a vivência dos participantes.

No envolvimento existencial procuro penetrar numa situação pela qual estou interessada em investigar, a fim de chegar o mais próximo possível da vivência da mesma, deixando de lado as análises e interpretações racionais, sejam elas científicas ou não. [...] O distanciamento reflexivo ocorre logo após o envolvimento existencial, quando deste procuro distanciar-me a fim de refletir sobre a vivência e me deter nessa reflexão para analisá-la e enunciar descritivamente os significados, ou sentido, que nela captei [...]. (FORGHIERI, 2004, p.61-62),

Acredito que vivenciar esses dois momentos propostos por Forghieri foi de fundamental importância para que eu conseguisse desenvolver esta dissertação. Delefosse e Rouan (2001, p.160) explicam que a nossa introspecção não consegue

captar o sentido da experiência vivida e exige, de acordo com a fenomenologia, a reflexividade, pois,

A introspecção aparece como a lembrança espontânea e não organizada da experiência anteriormente vivida, enquanto que a descoberta do sentido de um processo vivido funda-se na reflexividade ligada a uma metodologia fenomenológica. (...) A reflexividade fenomenológica é um esforço para colher o sentido de uma experiência vivida.

Por meio da reflexão contínua, consegui dialogar comigo mesma a respeito dos conceitos, das idéias e significações que fui apreendendo ao entrar em contato com a fenomenologia, para, então, relacioná-los e compreendê-los dentro do contexto da minha dissertação (FORGHIERI, 2004). Como nos diz Ales Bello (2004, p.109), “pela reflexão, temos consciência das vivências, pois estas tem a característica de serem intencionais. Por isso, perceber uma vivência é lembrar de uma vivência.”

Foi desse modo que, caminhando passo-a-passo, lentamente, às vezes muito solitária, outras acompanhada, em alguns momentos com lágrimas de tristeza, com lágrimas de alegria, repetidas vezes com um sorriso no rosto, com olhar pensativo, muitas vezes no ônibus, na casa de amigas que me acolheram, em meu lar... que pude ir saboreando intensamente cada descoberta e aprendizado sobre esta abordagem, que nos leva a ficar totalmente imersos em situações que fazem parte do nosso cotidiano, diante das quais apenas um olhar ingênuo não conseguiria apreender o sentido.

Totalmente imersa...é assim que me sentia a cada nova entrevista realizada, cada vivência relatada por meus colaboradores durante esta pesquisa, a fim de elaborar uma das possíveis compreensões dos significados vivenciados pelos psicólogos religiosos em certas situações cotidianas, que acabaram por influenciar as suas escolhas teóricas, sempre lembrando que é possível apenas obter uma compreensão dentre muitas outras. Como diz Delefosse e Rouan (2001, p.159), “ (...)

as múltiplas apreensões perceptivas possíveis de um mesmo objeto não cobrem nunca as possibilidades de conhecimento e de experiência desse mesmo objeto.”

Neste sentido, procurei durante a pesquisa não me limitar apenas a uma instrospecção, e buscar sempre a reflexividade, como mencionei acima, exigida pela fenomenologia.

Giorgi (1995, p.24-42) diz que:

A Psicologia Fenomenológica interessa-se pelos sentidos que os sujeitos conferem aos referentes através de seus atos de consciência. Mas este campo é extremamente amplo e é por isso que ela deve se limitar aos aspectos individuais, aos aspectos da construção dos sentidos que dependem dos sujeitos nas situações cotidianas completas. A metodologia fenomenológica permite compreender o sentido das relações concretas implícitas através da descrição original da experiência de uma situação.

A construção desta pesquisa, guiada pela fenomenologia, mostra-me o quanto ainda posso aprender sobre ela e com ela, pois este estudo me apresentou uma nova forma de olhar o mundo, que não quero abandonar. Pode parecer ousado dizer isso, mas, sinto que a Fenomenologia é que me escolheu.

2.3. A ESCOLHA DOS COLABORADORES

A fim de atingir o meu objetivo, escolhi como colaboradores para este estudo psicólogos clínicos, católicos praticantes, com os quais eu já tinha contato, por considerar que o fato de me conhecerem e saberem que sigo uma religião poderia facilitar falarem sobre o tema. De minha parte isso poderá possibilitar uma maior compreensão dos relatos das vivências influenciadas pelas suas crenças e valores oriundos da cultura católica.

2.4. AS ENTREVISTAS

Fui entrevistar os psicólogos, com a seguinte colocação de Giorgi (1995, p.162) sempre em mente: “Apenas uma entrevista de explicitação centrada na descrição do vivido por meio de um ato concreto permitirá depreender os modos de construção do sentido”, e esse pensamento foi como uma luz que me conduziu durante o momento que iniciei minha entrevista.

Entrevistei quatro psicólogos clínicos, católicos, nascidos entre os anos de 1955 a 1966, com mais de cinco anos de atuação em Psicologia. Este critério visou garantir que eles tivessem tido tempo suficiente para sedimentar sua prática e escolhas teóricas e também para refletir sobre as mesmas em relação à sua religião.

Das quatro entrevistas realizadas, escolhi três, a de Ana, a de César e a de Beth, pois considero que estas podem representar melhor o que se quer estudar nesta pesquisa, pois constituíram três casos “tipo”.

Segundo Shultz in Delafosse e Rouan (2001), os conhecimentos se organizam como tipos e essas tipificações são úteis para dar um sentido aos fatos aos quais nos defrontamos, pois, são espécies de quadros de experiências potenciais, das quais, se esperam similaridades com as experiências do passado. No caso, as três entrevistas representaram modos diferentes de lidarem com as questões religiosas e as escolhas teóricas, e, por essa razão, foram escolhidas. Permitem, neste sentido, pressupor que outros casos se coloquem em posições intermediárias a estes.

A análise desses três casos, portanto, possibilitou compreender a influência da crença e dos valores nas escolhas teóricas e, ainda, apontar importantes questões sobre a relação entre Psicologia e Religião na formação do psicólogo.

2.4.1. O Primeiro contato com os colaboradores

Entrei em contato com Ana, César e Beth pessoalmente. Expliquei o tema da dissertação e eles se mostraram interessados. Combinamos um horário e um local favorável a eles e que garantisse a devida privacidade e tranqüilidade para a entrevista.

2.4.2. A realização das entrevistas

A entrevista fenomenológica focaliza o vivido em situação, os atos e a implicação subjetiva que lhes dá sentido. (...) Apenas uma entrevista de explicitação centrada na descrição do vivido através de um ato concreto permitirá depreender os modos de construção dos sentidos. (DELEFOSSE E ROUAN, 2001)

Esclareci a cada um dos entrevistados que lhes seria assegurado o anonimato portanto, os nomes Ana, Beth e César são fictícios. Expliquei que esse estudo tratava de uma pesquisa com o propósito de compreender como as crenças e valores dos psicólogos católicos praticantes influenciaram as suas escolhas teóricas. Baseando-me em Forghieri (2004) que diz que uma pesquisa fenomenológica requer relatos espontâneos e sinceros dos sujeitos sobre suas vivências, dados claros, autênticos e próximos da experiência imediata, procurei mostrar, ainda, a importância deste estudo e da sua participação na mesma, a fim de se sentirem mais seguros e livres para seus relatos. Na sequência, expliquei como surgiu meu interesse por esse tema. Informei, que, se necessário, a entrevista poderia ser complementada em outro momento.

Foi assim que, após certo tempo de conversa inicial e de esclarecimentos, deixando a pessoa à vontade, pedi permissão para usar o gravador. Justifiquei a importância desse instrumento, pois, de acordo com Sanders (1982), uma das possibilidades de coleta de dados, é a realizada por meio de entrevistas em profundidade com os colaboradores, gravadas em áudio e transcritas posteriormente. É por meio desse instrumento que se consegue registrar as palavras exatas dos entrevistados a fim de possibilitar uma melhor qualidade da análise.

Para buscar dados mais próximos da experiência imediata da pessoa, utilizei nesta pesquisa a entrevista semi-estruturada, que é caracterizada pela narrativa livre dos colaboradores, mas que, todavia, enfoca o tema proposto pelo estudo. Neste sentido, conduzi a entrevista a fim de que os colaboradores conseguissem descrever autenticamente as experiências pessoais e religiosas que tiveram alguma influência em suas escolhas teóricas.

2.4.3. A entrevista com ANA

Ana tem 46 anos, é solteira, não tem filhos. Ela é psicóloga clínica. Formou-se há 19 anos. Oferece atendimento clínico na instituição de ensino em que atua, e além disso, coordena um grupo para dependentes químicos. Ana também ministra palestras nessa área. Nasceu em uma família católica, foi batizada, fez primeira comunhão e foi crismada na Igreja Católica. Procura participar e dar palestras em grupos de jovens da igreja e sempre que possível, frequenta cursos que abordam temas relacionados à espiritualidade e Psicologia.

Ana foi entrevistada em uma sala da instituição onde trabalha, em dois momentos distintos pois, sente necessidade em realizar um segundo encontro, a fim de complementar e confirmar algumas questões pertinentes ao assunto da pesquisa colocados no primeiro encontro. A duração da primeira entrevista foi de aproximadamente uma hora e meia e a da segunda, uma hora.

Durante as duas entrevistas, Ana se mostrou bastante aberta e feliz por estar participando da pesquisa, principalmente quando podia falar sobre Deus e como atualmente consegue expressar sua espiritualidade em sua atividade profissional. No entanto, ela parecia pouco motivada para falar sobre o referencial teórico da Psicologia que utiliza, bem como, um pouco insegura em relação a esse tema.

Embora nosso segundo encontro tenha sido realizado, poucos dados se acrescentaram ao primeiro. Mas, foi fundamental que ocorresse esse segundo encontro para confirmar algumas questões pertinentes a este estudo. Ana demonstrou bastante satisfação com relação aos nossos encontros, enfatizando que se necessário, estaria a disposição para mais entrevistas.

2.4.4. A entrevista com César

César tem aproximadamente 50 anos, é casado, tem quatro filhos. É psicólogo clínico há 20 anos. Atende em psicoterapia e coordena cursos de pós-graduação na área da Psicologia em várias cidades. É católico, considera-se uma

pessoa de fé, uma pessoa religiosa no sentido mais amplo da palavra. Esteve no seminário e estudou Teologia. Depois, formou-se em Psicologia na Europa.

César foi entrevistado na sala de uma escola, local onde exerce uma das suas atividades profissionais. A entrevista teve duração de aproximadamente uma hora.

Durante nosso encontro, ele parecia estar tranqüilo e bastante seguro com relação ao que relatava demonstrando propriedade ao falar sobre suas experiências relacionadas à Psicologia e à sua religiosidade. Durante toda a entrevista, manteve-se atento ao tema que era discutido.

Ao término do nosso encontro, quando o gravador já havia sido desligado, numa conversa informal, César começou a me contar detalhadamente como foi sua formação em Psicologia. Considerei que o que falávamos era muito importante para minha pesquisa, e então, pedi a ele, gentilmente, se poderia me contar novamente o que acabara de relatar para que eu conseguisse gravar fielmente o seu relato. César mostrou-se prestativo e recontou o que me havia dito com detalhes. Na seqüência, encerramos nosso encontro.

Após a entrevista, percebi que seria interessante que César complementasse algumas questões. Ele se prontificou a respondê-las por e-mail, pois encontrava-se em outro Estado. Enviei para César nossa primeira entrevista transcrita por e-mail, bem como também, as questões a serem respondidas. No mesmo dia, César me enviou as respostas.

2.4.5. A entrevista com Beth

Beth tem 40 anos, é católica, casada, tem filhos, formada há 17 anos, psicóloga clínica com formação em Gestalt-terapia. É Mestre em Psicologia Clínica, ministra aulas em curso de Psicologia e em cursos de formação em Gestalt-terapia.

Beth foi entrevista em seu consultório clínico, e a entrevista teve duração de aproximadamente uma hora e meia. Durante o nosso encontro, mostrou-se prestativa e bastante à vontade para falar sobre o tema religiosidade/espiritualidade. Durante toda a entrevista ilustrou a sua fala com vivências que teve com seus clientes durante o atendimento psicoterapêutico, relacionadas ao tema abordado na dissertação.

No decorrer da entrevista, demonstrou-se motivada à medida que percebia que, enquanto falava sobre o tema, elaborava também algumas questões, que, segundo ela, ainda não haviam sido trabalhadas.

Beth apresentou muita facilidade para apresentar como foi conhecendo e se envolvendo com a sua abordagem teórica. A entrevista foi encerrada quando o tema foi esgotado, e, neste sentido, não senti foi necessário marcar um novo encontro.

2.5. OS MOMENTOS DA ANÁLISE

Após o término das entrevistas de Ana, César e Beth, que foram gravadas em áudio, elas foram transcritas literalmente, mantendo fidelidade aos discursos dos entrevistados.

Trabalhei inicialmente nas entrevistas de Ana. Com o propósito de organizar o processo de análise de suas entrevistas, eu as dividi em três momentos, apoiando-me nos procedimentos indicados por Giorgi (1985).

No primeiro momento da análise das entrevistas de Ana, dispus-me a compreender o texto por meio de uma imersão nele. Li atentamente, várias vezes, toda a transcrição das entrevistas, e voltei a ouvir as gravações quando necessário, para deixar-me afetar por elas globalmente.

Em um segundo momento, na análise das entrevistas de Ana, iniciei a transformação do material, e fiz uma nova releitura dos seus relatos na íntegra. Na sequência, elaborei uma descrição detalhada do conteúdo das entrevistas, que apresento no início do capítulo voltado à Ana. A função do relato descritivo foi organizar o conteúdo que foi colocado por Ana, para permitir uma versão completa do que foi dito e buscar, como dizem Delefosse e Rouan (2001), caminhar para atingir o significado vivido da experiência, considerando que esse é o objetivo da descrição na pesquisa fenomenológica em Psicologia.

Voltei, em seguida, para a transcrição das entrevistas e, após uma nova releitura, dividi o texto por barras, e separei as unidades de significado. Esse procedimento é sugerido por Giorgi (1985) e permite discriminar os diferentes significados colocados no texto. Organizei as diferentes unidades de significado e

encontrei, assim, 84 temas. Explicitarei, separadamente, cada um dos temas, agrupando-os, em seguida, novamente, por semelhança de conteúdo, chegando a 21 grupos.

Os 21 grupos de temas foram organizados, ainda, em dez categorias. Estas emergiram do próprio texto da entrevistada e dos passos iniciais de análise, como descritos, sempre referenciados pelo objetivo da pesquisa. As categorias são as seguintes: 1. Posicionamento religioso da entrevistada; 2. Visão de homem; 3. Dificuldades para inclusão da espiritualidade durante o curso da Psicologia e no início da vida profissional; 4. Necessidade de inclusão da espiritualidade no trabalho psicoterapêutico; 5. Encontro com o Aconselhamento; 6. “Integração” da espiritualidade no trabalho psicoterapêutico; 7. Modo de proceder no trabalho psicoterapêutico; 8. Ganhos na integração da espiritualidade na Psicologia; 9. Embasamento teórico do trabalho psicoterapêutico; 10. Critérios do paciente na escolha do profissional. Mantive à parte alguns temas não inclusos em nenhuma das categorias anteriores: 1. A acadêmica era do curso de Medicina; 2. Tenta colocar que espiritualidade e teoria são coisas diferentes; 3. Diz que a fala em conjunto diferencia os dois campos: ciência e espiritualidade; 4. Diz que a espiritualidade está presente nas diversas teorias, mas com outros nomes.

Para analisar a entrevista de César, não senti mais necessidade de seguir passo a passo todos os procedimentos sugeridos por Giorgi (1985) e utilizados na análise da entrevista de Ana. Ao ler a entrevista de César, após a transcrição, como já havia me apropriado de alguns dos procedimentos propostos por Giorgi (1985), conforme lia, fui reconhecendo as unidades de significado, relacionando-as às categorias definidas na análise de Ana. Assim, após várias leituras atentas da entrevista de César, voltei a ouvir as gravações quando necessário, elaborei um relato descritivo, e utilizei também, as informações complementares obtidas, posteriormente, junto a César. Em seguida, organizei a sua análise interpretativa.

Ao iniciar a análise da entrevista de Beth, observei que dominava ainda mais o método fenomenológico e que as análises anteriores tinham permitido que eu me apropriasse progressivamente desses procedimentos propostos por Giorgi (1985). Pude assim, visualizar as unidades de significado, reconhecer as categorias, já durante a imersão e reflexão sobre a entrevista e elaboração do relato descritivo. Portanto, não

tive mais necessidade de seguir seqüencialmente os procedimentos do autor mencionado, utilizados na análise das entrevistas de Ana e César.

Para a análise da entrevista de Beth, após a transcrição e várias leituras atentas dela e voltar a ouvir as gravações quando necessário, elaborei o relato descritivo e fiz simultaneamente, a análise.

Nas elaboração das análises interpretativas, na busca de apreender fenomenologicamente os dados que emergiam da entrevista, construí uma possibilidade de compreender a experiência dos entrevistados relacionando os dados obtidos nos momentos prévios da análise, minhas reflexões a partir dos significados e categorias que emergiam dos relatos, dialogando com autores da fenomenologia. Os conhecimentos oferecidos por esses autores e os conceitos da abordagem fenomenológica me auxiliaram a compreender, em linguagem psicológica, a questão da pesquisa.

Assim, apresento a seguir, o relato descritivo da entrevista com Ana, os temas encontrados, o seu agrupamento, as categorias definidas a partir deles e a análise interpretativa. Apesar dessa apresentação ser de alguma forma repetitiva, considere importante colocá-la na íntegra, já que ela ilustra, de modo detalhado, os procedimentos utilizados para análise, e que foram incorporados por mim ao longo do trabalho. Em seguida, apresento o relato descritivo da entrevista de César e a análise interpretativa. Na seqüência, o caso de Beth. As transcrições das entrevistas de Ana, César e Beth encontram-se anexas.

Finalmente, por meio dos resultados obtidos a partir das análises das três entrevistas, teço considerações finais, apresentando a compreensão obtida no decorrer desta dissertação sobre o modo como as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam em suas escolhas teóricas.

CAPÍTULO III

ANA

3.1. RELATO DESCRITIVO

Ana é psicóloga clínica há 19 anos. É católica desde o seu nascimento, foi batizada, fez primeira comunhão e foi crismada na Igreja Católica. Declara-se religiosa e, portanto, procura sempre participar de grupos de oração de jovens e ministrar palestras em ambientes religiosos.

Ana é contratada por um Instituto de Ensino como psicóloga onde desenvolve e coordena um projeto para dependentes químicos, baseado nos princípios do AA (alcoólatras anônimos), e também ministra cursos sobre este assunto em outras cidades. A pedido dos participantes do grupo de dependentes químicos, Ana permite que um padre ou pastor fale sobre espiritualidade com o grupo, pois considera que isso faz muito bem para ele, assim como, para qualquer pessoa. Ela também faz parte de um projeto de tabagismo, dá supervisão a estagiários de Psicologia e oferece atendimento em psicoterapia breve, no ambulatório da mesma Instituição.

Ana considera ser muito importante levar a “*espiritualidade, não religiosidade*”, às pessoas no seu trabalho, em seu consultório e no Instituto de Ensino aos dependentes químicos, pois acredita que muitos problemas surgem em função da falta de Deus.

Embora Ana abra espaço para falar sobre o assunto, não gosta de usar cruzinhas, medalhinhas, bijuterias que possuam um simbolismo religioso. Diz manter-se neutra em suas vestimentas, pois percebe que os pacientes não sentem-se à vontade e não querem fazer terapia com psicólogos que demonstram sua crença por meio da sua vestimenta; acham que a pessoa é careta, radical e dizem : “*Olha eu não quero fazer com ela, porque eu acho que ela é evangélica, evangélica mesmo.*” Mas diz que quando as pessoas perguntam : você é católica ou você é evangélica? ela responde: “*Eu digo, eu respondo a verdade, eu sou católica, né. E elas gostam muito, pelo menos as cristãs, as evangélicas, as católicas gostam mais ainda.*”

Segundo Ana, inicialmente os pacientes percebem sua neutralidade, mas depois, acabam percebendo e aceitando que ela possui “ uma espiritualidade forte”. Ana demonstra que não é uma pessoa radical, careta, mas que pelo contrário, possui “*cabeça aberta*”. Diz que “*deixa livre se quiserem ser evangélicos, mas ser cristão é importante, mas mesmo pensando assim, eles é que farão a escolha. Explica que eles podem ser até espíritas, mas que procura mostrar a diferença entre o que é espiritualidade e religiosidade.*”

Ana contou que uma acadêmica do curso de Medicina que estava muito desesperada procurou-a por ficar sabendo que era católica e, portanto, gostaria que lhe indicasse uma psicóloga cristã, de preferência, católica, pois, não tinha gostado da psicóloga que havia procurado. Segundo a acadêmica, o consultório dessa psicóloga era totalmente esotérico, com elefantinho, pirâmide, entre outras coisas. Depois que Ana fez o encaminhamento dessa acadêmica para uma psicóloga católica, a acadêmica ficou bem mais tranqüila.

Ana acha interessante observar, que muitas pessoas a procuram em “ *função da religiosidade, espiritualidade, pois muitos precisam disto*”. É neste sentido, que considera importante pesquisar como se encontra a vida da pessoa também na área espiritual, e não apenas na área familiar, do trabalho e do lazer, pois para ela, “ *este é o objetivo final de todos nós, de estarmos aqui*”. Acha que esse procedimento “*está dando certo*”, porque as pessoas sempre retornam e “*lhe dizem que foram a uma igreja, que estão participando mais, que esta experiência foi muito boa. Os católicos contam que estão ajudando o padre, que se tornaram ministros, que foram convidados a participar do grupo (de oração)*”. Ana percebe que essas pessoas têm mais motivação, estão mais vivas dos que as que “*não têm nada*.” Ao encontrar um ateu que lhe procurou por estar em busca de respostas, Ana explicou que nem sempre é possível achar respostas e que o importante é participar da vida espiritual.

Ana disse que já tinha “*esta espiritualidade há muito tempo*”, mas diz ser neutra desde que começou a trabalhar, pois não sabia, “*se poderia colocar esta espiritualidade em seu trabalho*”. Após começar a participar ativamente de grupos de oração de jovens, percebeu “*que isto não teria problemas*”. Em seus atendimentos, depois que a pessoa perguntava sobre esse tema, começava a pesquisar sobre a

espiritualidade da pessoa: *“Você vai a alguma igreja? Você tem alguma religião? O que você pensa disto? Você quer participar de algum?”* Durante todos os seus atendimentos conversa sobre o tema espiritualidade. Com a utilização desse procedimento, tem obtido *“grande sucesso”*.

No início da sua carreira profissional, Ana acha que foi muito difícil fazer *“a conciliação da sua espiritualidade com a teoria psicológica”*, pois, na época da faculdade, *“parecia que os professores queriam tirar a religiosidade que existia de dentro dos alunos e também não queriam que se comentasse em sala de aula nada sobre a origem das pessoas, Deus...”* Mas depois que começou a participar de grupos de oração de jovens, foi buscando respostas, fez o curso de Teologia e conversou muito com os padres, *“pôde perceber que a espiritualidade deve ser colocada para fora, ser comentada. Não se deve inculcar a religião na pessoa, mas auxiliar para que se dê um despertar da espiritualidade, para que ela busque a religião na qual se sentir melhor.”*

Segundo ela, sempre se fala de Deus, de um ser superior, mas não de religião, inclusive quando se trabalha com dependentes químicos, pois esse trabalho é baseado no AA. Como para o dependente químico o seu *“ídolo, o seu ser superior é a droga”* quando está fazendo uso dessas substâncias psicoativas, ele tem que tirar a droga e colocar algo superior no lugar, pois ele se encontra fragmentado, *“há um trapo e precisa de algo superior a si mesmo para sair deste problema.”*

De acordo com Ana, *“a teoria e o estudo que fez na universidade, foi totalmente contra a fé que tem.”* Seu estudo foi *“só científico”*, acha que não ocorreu conciliação da teoria com sua fé, pois *“não existia nenhuma espiritualidade”* durante a faculdade. O curso de Psicologia que fez tinha como embasamento teórico a linha comportamental e psicanalítica: Skinner e Freud. Considera que a conciliação da sua fé com a teoria só ocorreu na prática. Depois que se formou, sempre quis *“fazer uma especialização na área espiritual”* e quando ficou sabendo de um curso de especialização em Aconselhamento que é coordenado em sua maioria por padres psicólogos, que possuem a religiosidade total, pensou: *“nossa, não, eu tenho que fazer. É esta área mesmo que eu quero; é a espiritualidade junto”*.

Dessa maneira, Ana considerou que poderia aprender uma teoria bem mais espiritualizada das que já havia aprendido, pois, até então, não tinha tido nenhuma teoria assim, o que a deixava muito revoltada. Encontrou alunos que também estavam vivendo um conflito parecido com o dela, pois, segundo eles, os professores da faculdade diziam que *“o homem veio de um animal e eles haviam aprendido com os pais e com a Bíblia, outra coisa.”* Ana, então, explicava a esses alunos, que *“teoria é uma coisa e espiritualidade é outra e que a pessoa tem que acreditar no que é mais forte dentro de si mesma”*. Assim, considera que tanto estes alunos como ela, conseguiram ficar *“com a ciência e a espiritualidade mais integrados.”* Ana comenta: *“Você fala da teoria, mas você fala da espiritualidade, a espiritualidade e a ciência; você fala da ciência, você fala da espiritualidade juntos, que foi isso também que a gente aprendeu no Aconselhamento. Sempre eles diziam né, a ciência é isso, mas a parte espiritual é isso. E você vai encarando de outra maneira, bem espiritualizado mesmo.”*

Embora Ana considere que no seu curso de graduação nenhuma teoria conciliava com espiritualidade, apenas a especialização em Aconselhamento, fala que todas teorias *“também tiveram espiritualidade.”* Entende que Freud considerava que *“o inconsciente é a alma da pessoa,”* e que, portanto, conclui que *“o que tem na espiritualidade tem na Psicologia, só que com denominações diferentes.”* Dessa forma, se posteriormente conseguia conciliar a espiritualidade com a ciência só na prática, foi com a especialização em Aconselhamento que pode perceber que *“esta possibilidade é realmente real”*.

Atualmente, Ana sente-se feliz por perceber e ter bem claro que não há necessidade de separar e nem deixar de lado a espiritualidade, pois é algo muito importante que ajuda as pessoas e é isso que está faltando nos professores. Pois os professores da Instituição onde trabalha *“não têm uma espiritualidade cristã, são mais espíritas, embora não sejam ateus como os de antigamente.”* Os professores de Ana eram ateus e gostavam de dizer que não existe nada. Atendeu alunos que também eram ateus, foram coisas terríveis. *“Sentia-se bastante impotente ao ter que lidar com estes casos. Não sabe se as pessoas a procuravam naquela época por saber sobre a sua espiritualidade para a testar ou porque queriam se tornar espiritual.”*

Após se formar, também encontrou ateus que não acreditavam em nada, em sentimento e preferiam acreditar que Deus não existia. Mas, depois, eles percebiam que se estavam procurando Ana, procurando ajuda, *“é porque estariam precisando de uma coisa mais forte, de um ser superior, algo superior a si mesmo, para lidar com as situações.”* Pois, de acordo com Ana, *“o ser humano é um trapo e que se você não tiver um ser superior, você é um nada.”*

Em seu trabalho atualmente, possui essa visão *“de homem integrado ao espiritual, pois sem isso tudo, não se tem um sentido”*. Pretende fazer um mestrado *“na área da espiritualidade integrada à ciência sobre dependência química, mas são poucas opções de faculdades nesta área.”* Embora considere difícil dar um atendimento no qual a espiritualidade esteja mais integrada à ciência, conseguiu fazer isto por meio da prática.

Ana fala que quando ainda fazia acompanhamento psicológico, utilizava-se da teoria analítica por considerar Jung mais cristão. Ela considera que se os pais de Jung eram cristãos, Jung provavelmente herdou deles um pouco dessa espiritualidade. Porém, ao trabalhar com dependência química, Ana utiliza-se mais da linha comportamental, que é a mais indicada nesse caso, que exige algo que seja instantâneo para obter resultado, embora considere que a analítica possa ser utilizada também.

Ana considera que atualmente consegue utilizar a ciência integrada à espiritualidade sem problema. Sente facilidade tanto em colocar, como em falar e agir, sem sentir medo algum. Pode verificar uma *“produção”* nas pessoas que passam por ela, pois conseguem elaborar mais facilmente e mais rápido seu problema, saindo mais tranquilas *“por participarem um pouquinho do espiritual”*. Elas falam: *“Não, Ana, eu tenho que participar do espiritual, porque Ele dá muito para a pessoa, Ele fortalece muito a pessoa, né.”*

Ana coloca que a psicoterapia faz muito bem para qualquer pessoa e se for integrada à espiritualidade, melhora ainda em dobro e isso é o que todos estão precisando. Ana considera que os médicos também estão se preocupando com a espiritualidade, tanto que um médico seu lhe disse que dá até receita para o paciente: *“se a pessoa que ir se confessar, então a receita é procurar um padre e se confessar,*

se acha interessante fazer uma novena, então a receita é fazer uma novena, ou assistir missa tantos dias. Este médico também não vê problema algum nisto, se for uma coisa boa para a pessoa, por que não?”

A psicóloga diz que isso é o final de todos, é o resultado, a razão de se estar aqui, não vê problema algum em trabalhar com a espiritualidade. Não percebe nenhum problema também com relação a isso com as psicólogas com que trabalha, pois elas sabem que Ana é neutra ao se vestir, não se utiliza de objetos de devoção, embora saibam que tem uma espiritualidade, que é católica praticante. Segundo Ana, elas percebem que deve-se ir devagar ao conhecer uma pessoa, para depois ir colocando a questão do ser superior, da espiritualidade, sem colocar nada do catolicismo, pois todos têm uma espiritualidade, embora esteja, às vezes, escondidinha. Neste sentido, então, pode-se ir motivando as pessoas nessa área, pois sem espiritualidade, Ana acha que não se poderia fazer nada por alguém. Para conseguir passar isso às pessoas, Ana considera que a psicóloga também tem que estar se renovando no aspecto da espiritualidade, participar de grupos, de acampamentos religiosos, pois isso pode fortalecê-la mais, bem como também, as pessoas que serão atendidas por essa psicóloga.

Ana é formada há 19 anos e faz mais ou menos 6 - 5 anos que percebeu que a ciência poderia ser utilizada de forma integrada com a espiritualidade. Quando participava de grupos de oração, sempre ligava a espiritualidade mais a si mesma. Depois de fazer a oficina de oração e perceber que, além de católicos, existiam participantes que eram membros de outras religiões, percebeu que o *“evangelho de Deus poderia ser divulgado para todo mundo.”*

Depois dessa percepção, começou aos poucos a falar sobre esse tema com os pacientes e agora que sente-se bem, mais fortalecida, fala mais tranquilamente. Sempre atenta à reação das pessoas, já no início da triagem, pergunta à pessoa se tem alguma religião, qual é a religião e se é praticante. Ana explica que posteriormente, durante todo processo, irá pesquisar com a pessoa sobre como está sua espiritualidade no momento, se ele participa de alguma religião, quanto tempo deixou de participar, por que não quis mais e há quanto tempo que a pessoa tem tido esses problemas. Ana verifica essas questões para que a pessoa consiga perceber se foi quando parou de

participar que os problemas surgiram, se nesse momento *“já não estava mais fortalecido, se já não estava mais revestido daquela graça.”*

Neste sentido, Ana conclui dizendo que atualmente não tem problema algum em falar sobre o tema, sem medo, mas com todo cuidado com todas as pessoas, para que isso não atrapalhe, não resulte em problema algum.

3. 2. TEMAS DA ENTREVISTA

Tema 1: Declara-se católica praticante.

“Eu sou religiosa, eu sou católica desde que nasci, a minha família também é religiosa então teve toda aquela parte, me batizei no catolicismo, me crismei, e sempre, fiz a primeira comunhão e sempre procurei participar. Já participei muito de grupo de jovens, né, já dei palestra, e continuo participando, né ”

Tema 2: Inclui o Aconselhamento como uma atividade católica.

“inclusive fazemos este nosso curso, o Aconselhamento.”

Tema 3: Considera importante levar a espiritualidade às pessoas no seu trabalho e distingue espiritualidade de religiosidade.

“Então isso é muito importante pra mim. Levar esta espiritualidade, não digo religiosidade, por que eu acho que parte de cristão, né. A espiritualidade no meu trabalho, com as pessoas. Não sou diretamente assim, né, por eu ser um católico, tem que ser católico não, mas eu acho que tem que ter a espiritualidade”

Tema 4: Considera que grande parte dos problemas é em função da falta de Deus.

“porque, às vezes, muitos problemas é a falta de Deus, né.”

Tema 5: Pesquisa o que ocorre na vida das pessoas na área do trabalho, lazer e também na área espiritual.

“Então, eu sempre coloco, né, sempre falo pra eles, sempre vejo como que tá a vida dele dentro da família, dentro do trabalho, no lazer e na vida espiritual o que está acontecendo.”

Tema 6: Segundo ela, faz muito bem para as pessoas entrarem em contato com a espiritualidade, falar com um padre ou pastor e inclui esse pensamento na prática pessoal.

“De repente, inclusive, aqui eu tenho um projeto sobre dependência química, e, neste projeto, tem um grupo querendo padre ou poderia ser um pastor, independente, falar sobre a espiritualidade com o dependente químico. Então, mensalmente ele tem um espaço e todos vêm, se encontram e eles gostam muito, isto faz muito bem para eles, né, para qualquer pessoa”.

Tema 7: Abre espaço para as pessoas falarem sobre a espiritualidade no projeto com dependentes químicos.

“Abro o espaço”

Tema 8: Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade.

“agora na verdade eu não posso vir assim, eu não venho, eu gosto de usar cruzinha, né, uma medalhinha, mas aqui eu não uso nada, quer dizer eu sou neutra.”

Tema 9: Declara a sua religião, quando perguntada, e percebe que as pessoas gostam de saber que ela é católica.

“E as pessoas perguntam você é católica ou você é evangélica? Eu digo, eu respondo a verdade, eu sou católica, né. E elas gostam muito, pelo menos as cristãs, as evangélica, as católicas gostam mais ainda.”

Tema 10: Uma acadêmica a procurou por saber que ela era católica.

“Inclusive, teve uma acadêmica que veio na semana passada, na sexta-feira, eu já estava quase indo embora, mas eu vi que ela tava tão desesperada que eu fiquei ali, né. Mas o que você quer? Ela disse que estava procurando a Ana, ela sabia que a Ana era católica.”

Tema 11: A acadêmica disse que foi Deus que a fez procurar por ela.

“Ela falou assim, olha acho que foi Deus que me mandou aqui, eu, tava quase saindo. Mas, que bom.”

Tema 12: A acadêmica estava desesperada e queria uma psicóloga cristã, pois não gostou da sua psicóloga. Ela se assustou porque o consultório da psicóloga era esotérico e ela não quis mais voltar lá.

“Eu quero conversar com você um pouquinho, eu quero que você me encaminha para uma psicóloga católica, porque a que eu fui, eu não gostei. Porque ela disse que aqui eu não faço mais o acompanhamento psicológico, a psicoterapia, algumas pessoas eu faço, mas nós encaminhamos, nós temos cadastro, como eu te falei, de psicólogos, porque eu só lido mais com a dependência química, que é muita coisa. Então, aí ela disse que encaminharam ela para um psicóloga e ela entrou no consultório e era totalmente esoterismo, elefantinho, pirâmide, outras coisas, o som lá, sabe. Então, ela se assustou e ela não queria voltar mais nesta psicóloga. Então ela queria ser encaminhada para uma psicóloga cristã, de preferência, católica, né, que ela tava muito desesperada.”

Tema 13: A acadêmica era do curso de Medicina.

“E inclusive ela era uma acadêmica de Medicina. “

Tema 14: A acadêmica gostou do encaminhamento feito para a psicóloga cristã, ficou mais tranqüila, e atribuiu a Deus seu encontro com Ana.

“E aí encaminhei e ela ficou muito mais tranqüila, né, gostou. Toda hora: Ah, que bom, foi Deus que me mandou aqui, ainda bem que eu te encontrei.”

Tema 15: Diz que um dos critérios da escolha do profissional é muitas vezes a religiosidade e a espiritualidade.

“Então, é interessante, né. Muitas pessoas te procuram, devido a religiosidade, a espiritualidade.”

Tema 16: Para ela as pessoas precisam da espiritualidade, pois essa é a razão de estarmos no mundo.

“Então, a gente percebe que as pessoas precisam muito disto. E a gente sabe que precisam mesmo, né, é o objetivo final de todos nós, de nós estarmos aqui”

Tema 17: Considera importante pesquisar sobre a área espiritual das pessoas, diferenciando a espiritualidade de religiosidade. Afirma conseguir obter resultado com essa pesquisa que faz. Quando é o retorno, as pessoas falam que estão mais participativas da igreja e percebe que eles sentem-se mais motivadas dos que os que não participam de nada.

“Então, é importante e eu sempre pergunto como é que tá a parte da espiritualidade, né, independente da religiosidade deles. Então, sempre foi colocado, sempre foi perguntado, e isso tá dando certo, porque às vezes ele volta, quando é o retorno ele fala: ah, eu fui numa igreja, né, foi muito bom, tô fazendo parte, tô até participando mais, né. Os católicos falam assim, ah agora estou ajudando o padre, tô sendo ministro, ele me convidou para ir lá no grupo sabe, então você vê a motivação deles, você vê mais vida na pessoa, ao invés daquele que não tem nada, e às vezes encontrei até ateu mesmo, que veio aqui em busca de resposta, que às vezes é um mistério e que não tem resposta. O importante é você estar dentro, participar, né. Até que ele compreendeu isto, entendeu esta situação.”

Tema 18: Quando começou a trabalhar, tinha dúvidas se poderia mostrar a sua espiritualidade, mas ao participar de grupos religiosos, foi percebendo que poderia colocar a espiritualidade em seu trabalho .

“Ah, já faz muito tempo, né. Desde quando eu entrei aqui, eu fiquei mais neutra, não sabia se a gente poderia colocar esta espiritualidade, mas daí desde que eu comecei a participar ativamente dos grupos, eu percebi que não teria problema nenhum, né.”

Tema 19: Diz como aborda as pessoas com questões referentes à espiritualidade e religiosidade.

“Primeiro, você espera a pessoa perguntar, depois, também pergunta como é que está esta parte. Você vai a alguma igreja, você tem alguma religião, o que você pensa disto, você quer participar de algum?”

Tema 20: Reafirma que é importante conversar sobre espiritualidade.

“Então, sempre faz estas perguntas, é sempre muito importante.”

Tema 21: É um sucesso conversar sobre espiritualidade.

“E teve assim grande sucesso, foi muito bom.”

Tema 22: Na sua opinião, inicialmente era difícil lidar com questões referentes à religiosidade, pois, os professores pareciam querer eliminar a religiosidade dos alunos e também não permitiam que se comentasse sobre esse assunto.

“Então, no início, foi muito difícil, inclusive até que eu te falei, desde o início que eu fiz Psicologia, os professores pareciam que queriam tirar esta religiosidade de dentro da gente e não queriam que a gente comentasse nada sobre como que surgiu as pessoas, Deus, sobre Deus, então não podia se comentar isso com, dentro da sala de aula.”

Tema 23: Inclui o curso de Teologia como forma de encontrar respostas.

“Mas, depois que eu fui participando, eu fui buscando resposta, inclusive eu fiz um curso de Teologia também.”

Tema 24: Ao buscar respostas, foi percebendo que embora o tema espiritualidade não pudesse ser comentado no curso de Psicologia, podia e devia ser expressado.

“Participando dos grupos de jovem, fiz curso de Teologia, conversava muito com os padres, vi que isto, devia ser colocado para fora, né, devia ser comentado, devia ser colocado.”

Tema 25: Não se deve fazer proselitismo, mas sim, motivar as pessoas a buscarem a espiritualidade. Para ela, falar de espiritualidade é falar de Deus.

“Não que você vai inculcar nela para a religião, mas o despertar dela para a espiritualidade. Claro que nunca foi colocado “olha você tem que ser católico, você tem que ser evangélico, tem que ser cristã. Não, eu acho que ele tem que buscar aquela que ele se sente melhor, né. Mas sempre é falado sobre Deus.”

Tema 26: Justifica sua atividade dizendo que nas reuniões dos dependentes químicos, que é baseado no AA, se fala de Deus sem mencionar religião.

“Inclusive até nas reuniões dos dependentes químicos, eles falam, porque é baseado na filosofia do AA, os grupos que eles têm aqui. Então se fala de um Deus Todo-poderoso, não se fala das religiões, mas que existe um ser superior a todos.”

Tema 27: Considera que o dependente químico tem como deus, ser superior, a própria substância química que está utilizando no momento da sua vida.

“Então, é, sempre foi um ponto que as pessoas, por exemplo, o dependente químico, o ser superior dele, no momento que ele tá fazendo uso destas substâncias psicoativas, é ela mesma, é a droga mesmo, o ídolo, o ser superior.”

Tema 28: Considera que a pessoa deva encontrar algo superior a ela mesma para conseguir resolver um problema.

“Então, ele tem que tirar a droga e colocar algo superior à ele, porque ele tá no chão, ele tá um trapo, ele tá fragmentando. Então, tem que ser um coisa forte além dele, pra ele conseguir sair daquele problema, daquela problemática toda.”

Tema 29: Para ela a teoria psicológica não aceita a fé pessoal.

“Olha, como eu te falei, a teoria é totalmente contra, né. “

Tema 30: Considera que quando estudou Psicologia não foi possível conciliar teoria e fé.

“O que eu tive, o meu estudo foi totalmente fora, foi só científico mesmo. Conciliar, acho que não houve conciliação.”

Tema 31: Seu embasamento na época da faculdade era a psicanálise e a comportamental.

“Eu fiz a linha comportamental e psicanalítica, era Freud e Skinner”

Tema 32: Diz que o Curso de Psicologia não teve nenhuma espiritualidade

“Então não houve nenhuma espiritualidade, não teve nada”

Tema 33: Considera que não conseguiu conciliar teoria e espiritualidade.

“mas, teoricamente, não deu para conciliar,”

Tema 34: Afirma que só conseguiu conciliar a espiritualidade com a teoria psicológica em sua prática profissional.

“que eu conciliei foi na prática mesmo, ”

Tema 35: Depois de se formar, procurou cursos de Psicologia que integrassem teoria psicológica e espiritualidade.

“depois, né, que eu me formei e que eu sempre quis fazer uma especialização e o mestrado sempre na linha espiritual.”

Tema 36: Encontrou no curso de especialização do Aconselhamento a possibilidade de conseguir conciliar espiritualidade e teoria que tanto queria e buscava.

“Sempre procurei e quando eu ouvi do Aconselhamento, nossa, não eu tenho que fazer. E esta área mesmo que eu quero, é a espiritualidade junto.”

Tema 37: Para ela, um curso de Psicologia ministrada por padres pressupõe um curso em que existiria uma maior integração entre espiritualidade e teoria científica.

“Olha, primeiramente, porque era feito por padres, que tem a religiosidade total. Então, eu sabia que eles iam nos informar uma teoria bem mais espiritualizada, né, do que as outras que eu tive, “

Tema 38: Diz não ter estudado nenhuma teoria que conciliasse teoria psicológica e espiritualidade.

“porque as outras eu não tive nenhuma”

Tema 39: Revolta-se com a falta de integração entre espiritualidade e as outras teorias psicológicas.

“inclusive ficava até um tanto revoltada com isso”

Tema 40: Reafirma que ainda hoje os alunos entram em conflito ao se deparar com a falta de integração entre a ciência e a Bíblia.

“Inclusive eu atendi também alunos que tava totalmente num dilema, num conflito. Nossa, mas o homem disse, o professor disse que o homem veio de um animal e daí eu olhei na Bíblia e meus pais me ensinaram uma outra coisa”

Tema 41: Explica que espiritualidade e teoria são duas coisas diferentes.

“Aí, você tenta colocar, que a teoria é uma coisa e a espiritualidade é outra coisa”

Tema 42: Considera a possibilidade de se estudar a teoria científica, mas, de acreditar na espiritualidade.

“Você pode estudar aquilo ali, mas você tem que acreditar, naquilo que é mais forte dentro de você, né.”

Tema 43: Consegue integrar ciência e espiritualidade.

“E elas conseguiam e eu também consegui né, ficar mais a ciência e espiritualidade juntos.”

Tema 44: Considera que a fala em conjunto sobre teoria e espiritualidade permite conciliar teoria e espiritualidade. Diz que é possível falar no curso de Aconselhamento sobre teoria e espiritualidade.

“Você fala da teoria, mas você fala da espiritualidade, a espiritualidade e a ciência; você fala da ciência você fala da espiritualidade juntos, que foi isso também que a gente também aprendeu no Aconselhamento”

Tema 45: Diz que a fala em conjunto diferencia os dois campos: ciência e espiritualidade.

“ Sempre eles diziam, né, a ciência é isso, mas a parte espiritual é isso. É você vai encarando de outra maneira, bem espiritualizado mesmo.”

Tema 46: Considera que não foi possível conciliar teoria e espiritualidade quando estudou, mas encontrou essa possibilidade no Aconselhamento.

“Então, porque na época que eu estudei, nenhuma teoria dava para conciliar, só mais este Aconselhamento”

Tema 47: Afirma que a espiritualidade está presente nas diversas teorias, mas, com outros nomes.

“Eu acho que todas tiveram a espiritualidade também junto, né. E bem claro que o Freud o que a psicanálise coloca, fala: não, esta questão do inconsciente é tua alma. Então, deu bem para ver que o que tem na espiritualidade é a mesma coisa que tem na Psicologia, só em nomes diferentes. Deu pra perceber que é isso mesmo que a gente tava pensando, é isso mesmo que a gente tava fazendo e toda esta experiência que a gente tá passando, que eu tenho, que é muito bom.”

Tema 48: Além de conseguir conciliar na prática ciência e espiritualidade, encontrou no Aconselhamento a possibilidade de fazer o mesmo.

“Então, agora tá dando assim, eu sempre utilizava mais na prática, mas agora com essa especialização que eu tô vendo que deu para conciliar mesmo a espiritualidade juntamente com a ciência, foi isso que nós vimos.”

Tema 49: Sente-se feliz por entender que é possível não deixar de lado a espiritualidade.

“Ah, eu me sinto muito feliz por ter esta explicação dentro de mim e revendo todo este processo, né, de consciente de inconsciente, toda esta problemática, bem dentro daquilo que a gente pensava mesmo, né. Da nossa alma, dos nossos problemas, do seu eu. Acho que bem claro dentro de mim, acho que não há necessidade de separar, né, e nem deixar isto de lado, a espiritualidade de lado.”

Tema 50: Considera que ter espiritualidade é importante e ajuda as pessoas.

“Eu acho que é algo muito importante. E acho que é algo que ajuda muito as pessoas.”

Tema 51: Diz que falta espiritualidade aos professores.

“Eu acho que é isto que está faltando até nos professores.”

Tema 52: Considera que, independente da religião, é bom ter espiritualidade.

“Os professores daqui, eles têm uma espiritualidade, mas não-cristã, a religiosidade é diferente, são mais espírita, mas eles têm alguma coisa também “

Tema 53: Pensa que os professores, atualmente, não são tão ateus como eram os seus professores quando estudou.

“Não são totalmente ateus como antigamente. Quando eu fiz, eu tive assim os professores bem ateus mesmo, que gostavam de falar que não existe nada.”

Tema 54: Afirma que foi terrível atender alunos ateus.

“Inclusive eu atendi até alunos que eram ateus mesmo, né. Então foram coisas assim terríveis.”

Tema 55: Declara que sentia-se impotente ao ter que lidar com pessoas que não eram cristãs como ela.

“Ah, nesta época eu me sentia um tanto impotente, né, de lidar com estas situações, até quando eu comecei a atender as pessoas, assim, bem impotente, as pessoas chegavam e diziam eu não sei se elas percebiam em mim que eu era cristã, então elas vinham bem ao contrário”

Tema 56: Diz ter dúvida se as pessoas a procuravam para testarem a sua espiritualidade ou para buscarem espiritualidade, mas, depois, ficava claro o que realmente queriam.

“ não sei se para testar alguma coisa sobre a espiritualidade ou se eles queriam se tornar espiritual. No final de tudo, ficava bem claro ”

Tema 57: Assegura que, depois que se formou, existiam pessoas que se declaravam não acreditar em nada, para sentimento.

“Não, depois que eu me formei tinha pessoas totalmente ateus, que não acreditava em nada, pra sentimento e eles mesmos diziam.”

Tema 58: Diz que, às vezes, era mais tranqüilo para as pessoas não acreditarem em Deus.

“Às vezes, eles preferiam até acreditar que não existia Deus mesmo, pra eles achavam até mais tranqüilo”

Tema 59: “Diz que a pessoa depois de procurar sua ajuda percebia que está precisando de alguma coisa que fosse mais forte que a própria pessoa, algo superior para conseguir lidar com as situações, pois o homem não é nada sem um ser superior.

“e depois que ele percebia, se ele tava me procurando, ajuda, e precisava de uma coisa assim mais forte para ele, né, para lidar com as situações. Aí ele percebia bem claro que todo mundo precisava de um ser superior, de algo mais do que ele mesmo, um ser humano. Porque o ser humano é um trapo, sem um ser superior você não é nada, você não consegue nada.”

Tema 60: Considera que o seu trabalho desintegrado da espiritualidade não tem sentido algum.

“Então, isso junto com a espiritualidade é que eu levo o meu trabalho, acho que sem isso, não teria sentido algum, né.

Tema 61: Tenta fazer a integração da ciência e espiritualidade por meio de cursos que abordem além da ciência, a espiritualidade.

“Inclusive é o que eu tento, fazer um mestrado na área da espiritualidade, ciência juntamente com o espiritual, a dependência química, eu preciso procurar, porque são poucas as universidades, faculdades que oferecem isto daí.”

Tema 62: Diz que embora tenha sido difícil dar um atendimento abordando à espiritualidade, conseguiu fazer isso na prática com as pessoas.

“Mas é isso Cinthya, foi difícil assim, né, pra eu prestar este atendimento, mas com as pessoas eu consegui.”

Tema 63: Considera que as pessoas a procuram porque diz ser neutra, não usa nada, como vestimentas que possam identificá-la como cristã.

“É claro eu sou neutra, não posso usar nada, porque as pessoas até falam. Ah!, Porque tem pessoas, tem outras pessoas cristãs aqui que são evangélicas, psicólogas, e mostram até na vestimentas delas, e as pessoas falam : “olha eu não quero fazer com ela, porque eu acho que ela é evangélica mesmo”. E elas usam saia, saia muito comprida, não sei, parecem é muito radicais, então quero fazer com você.”

Tema 64: Diz que, num primeiro momento, eles percebem sua neutralidade, mas, depois que percebem sua espiritualidade, passam a aceitá-la.

“Então, eles percebem minha neutralidade, mas depois ele vai percebendo também a minha espiritualidade e vai aceitando, né.”

Tema 65: Considera importante que as pessoas tenham uma religião e participem dela. Diz que é a pessoa quem faz a escolha da religião, mas, por outro lado, ressalta que o importante é ser cristão. Independente da religião, explica qual a diferença entre religiosidade e espiritualidade.

“Se eles querem ser evangélicos, tudo bem, desde que sejam cristãos, é importante. Mesmo assim, eles é que vão escolher... Pode ser até espírita, mas eu coloco, o que

que é a espiritualidade, o que é a religiosidade. E ele vai fazer a escolha dele. É importante que eles tenham, que eles praticam, mas a escolha sempre vai ser dele.”

Tema 66: Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade, pois considera que a neutralidade faz parte dos critérios de escolha do profissional .

“Eu sou neutra assim, que tem muitas pessoas aqui, que usam bijuterias, brincos, tudo assim ligado a uma coisa, um símbolo, de religiosidade, por exemplo, uma medalhinha, uma cruzinha, né, e, às vezes, a pessoa bate naquilo e já não querem, não querem fazer com elas, ou usam uma saia comprida, só usa saia, acha que a pessoa é careta, é radical”.

Tema 67: Considera que, ao demonstrar ser neutra num primeiro momento, faz com que as pessoas percebam e aceitem melhor sua espiritualidade posteriormente.

“Então eu sou neutra, mas, depois, eles vão saber que eu tenho uma espiritualidade muito forte. Eu dou a entender, que não é uma pessoa careta, que não é uma pessoa radical, que é uma pessoa cabeça aberta até. Eu me percebo assim também e eles vão aceitar ainda mais a espiritualidade, você sendo neutro num primeiro momento.”

Tema 68: No acompanhamento psicológico, utilizava-se da teoria analítica.

“Olha, quando eu atendia, quando eu fazia acompanhamento psicológico, a minha teoria era mais analítica“

Tema 69: Ao trabalhar com dependência química, utiliza-se da teoria comportamental, pois, considera que embora a teoria analítica seja também indicada para esse trabalho, a comportamental é a mais indicada e a mais rápida.

“agora, na dependência química, é mais comportamental porque eles restringem, a comportamental é a mais indicada para a dependência química. A analítica também, mas a analítica demora muito.”

Tema 70: Diz que a linha comportamental é instantânea, e, portanto, facilita para que o trabalho se dê de uma forma mais rápida e prática.

“(...) então vejo que a comportamental é instantânea e na dependência química precisa ser instantânea, né. Ele tendo a conscientização, o trabalho, o tratamento é mais fácil, mais rápido, é muito mais prático.”

Tema 71: Diz que também utilizava no acompanhamento psicológico a linha teórica do Jung, por ele ser mais cristão.

“Mas, na outra, eu atendia mais na psicanalítica, na área do Jung, que é mais também cristão, os pais dele era cristão e acredito que ele herdou um pouco desta espiritualidade dos pais.”

Tema 72: Atualmente, diz conseguir integrar a espiritualidade com a Ciência em sua prática sem problema algum. Lida com esse tema com facilidade e sem medo.

“Tranqüilamente. Dá para utilizar a espiritualidade juntamente com a Ciência sem problema. Hoje, eu vejo isto com muita facilidade, tanto em colocar, em falar, como em agir, não tenho medo nenhum.”

Tema 73: Acredita que ao integrar a Ciência e a espiritualidade em sua prática, as pessoas conseguem ter uma produção maior, como elaborar seu problema mais facilmente e de uma forma mais rápida. Participar do lado espiritual dá mais tranqüilidade às pessoas.

“Eu vi assim uma produção. As pessoas que passam por aqui, eu vi que são mais assim, elas elaboram o problema que elas tinham muito mais rápido, muito mais fácil. Elas saem com uma maior tranqüilidade, né, delas participarem um pouquinho do espiritual.”

Tema 74: Diz que as pessoas colocam querer participar do espiritual, pois acreditam que Ele dá muito e fortalece as pessoas.

“Elas falam, não, Ana, eu tenho que participar do espiritual, porque Ele dá muito para a pessoa, Ele fortalece muito a pessoa, né.”

Tema 75: Considera que as pessoas precisam passar por um processo de psicoterapia integrado à espiritualidade, pois se só a psicoterapia é bom para qualquer um, a psicoterapia com a espiritualidade é melhor ainda.

“Então, como você sabe que a psicoterapia é muito bom para qualquer pessoa, juntamente com a espiritualidade, nossa é em dobro. E é o que todos estão precisando.”

Tema 76: Acrescenta que até os profissionais da saúde estão também utilizando da espiritualidade em sua prática profissional sem problema algum, desde que seja algo bom para a pessoa.

“Inclusive até médicos também estão utilizando, né. Eles mesmos do ramo, outro dia tava conversando com um médico meu. Ele falou, não eu dou até uma receita, se a pessoa quer ir lá se confessar, então a receita e pra ele procurar um padre e se confessar. Pra ele, ele acha que é interessante fazer uma novena, então a receita é fazer uma novena, vai assistir missa tantos dias, sabe. Ele também não tem nenhum problema. Se ele vê que é uma coisa boa pra pessoa, por que não? “

Tema 77: Diz que as pessoas acabarão por fazer essa integração da sua prática profissional com a espiritualidade, pois considera que esse será o resultado final de tudo e, portanto, não vê problemas neste sentido.

“Você sabe que é o final de todos, é o resultado, é o porque nós estamos aqui, então acho que tem que ser juntamente com espiritualidade. Sem problemas, nenhum comentário.”

Tema 78: Diz que não tem problemas com as outras psicólogas onde trabalha, pois elas sabem que ela tem uma espiritualidade, é católica praticante, mas possui uma postura neutra, não usa nenhum objeto de devoção.

“Eu não vejo também nenhum problema com as psicólogas daqui, né e elas sabem que eu sou neutra, que eu não uso nenhum vestígio, nenhum nada, né e elas colocam a

Ana é neutra, mas elas sabem também que eu tenho a minha espiritualidade, que eu sou católica, né, e que eu sou praticante“

Tema 79: Afirma que as psicólogas percebem que para abordar a questão da espiritualidade é necessário criar intimidade com a pessoa, para, então, falar algo sobre o ser superior, sobre a espiritualidade individual, sem colocar nada do catolicismo.

“mas elas percebem que as pessoas têm que ir devagar, você tem que primeiro conhecer a pessoa, para você ir colocando, essa parte, primeiramente do ser superior, sem colocar nada do Catolicismo, mas sim da espiritualidade de cada um.”

Tema 80: Considera que todos têm uma espiritualidade, mas que, muitas vezes, está obscura e precisa se tornar mais clara, para que sintam-se mais motivados a lidarem com essa área. Diz que as pessoas não fazem nada sem a espiritualidade, e que, portanto, é necessário sempre se renovar nessa área, para se fortalecer e fortalecer também os que receberem atendimento.

“Todo mundo, todos têm espiritualidade. Às vezes, tá muito escondidinha, mas você vai, desvendando, passando um brilho, né, pra eles perceberem, ficarem mais motivados nesta área. Todas as pessoas para mim, acho que sem a espiritualidade não poderiam fazer nada por ninguém. Tanto a minha, como passar isto para eles, se você não tiver, como é que você vai passar. Então você sempre tem que estar se renovando também, você participa muito, né? De grupos, de acampamentos, então, isto é muito importante, fortalece mais a você, quanto as pessoas também, que você vai atender.”

Tema 81: Diz que começou a abordar o tema da espiritualidade há uns quatro anos. Ao participar de grupos de oração, trabalhava com a questão da espiritualidade em termos pessoais, mas, ao participar da oficina de oração, que possuía integrantes de diferentes religiões, percebeu que o evangelho de Deus poderia ser divulgado independente da religião.

“Isso, olha, há pouco tempo. Acho que mais, antes de eu fazer o Aconselhamento. Acho que há uns cinco anos, mais ou menos, até menos ainda, uns quatro anos que eu

andei utilizando a espiritualidade. Particpei de grupos, mas eu sempre ligava a espiritualidade mais pra mim. Daí eu comecei a fazer a oficina de oração, e, dentro da oficina de oração, não existiam somente católicos, existiam outras religiões também E aí que eu percebi que poderia este evangelho de Deus, poderia ser divulgado para todo mundo.”

Tema 82: Afirma ter começado a integrar o tema da espiritualidade à sua prática há uns cinco anos, com certo receio e atenta à reação apresentada, mas que agora, sente-se mais fortalecida e mais tranqüila com relação a essa questão. No início da entrevista, já investiga sobre questões referentes à religião.

“Então, o que eu falei... que eu comecei já faz uns cinco anos, com muito cuidado, com certo receio e devagarinho, e agora que eu tô assim bem mais fortalecida, eu falo mais tranqüilamente, né. Sempre esperando a reação da pessoa e sempre no início eu já pergunto qual é a religião, na triagem mesmo, se tem alguma religião, se pratica alguma religião, né.”

Tema 83: Diz que durante o processo irá investigar sobre questões referentes à espiritualidade da pessoa no momento, para verificar se a causa dos problemas apresentados tem relação ou não com a questão.

“Porque depois, no processo todo, eu vou comentar isso, eu vou falar sobre como a espiritualidade dele neste momento, se ele participa, quanto tempo que ele deixou, por que não quis mais e a quanto tempo que tem estes problemas pra ele perceber, se ele parou mesmo e aí que vieram os problemas, ele não estava mais fortalecido, ele já não estava mais revestido daquela graça.”

Tema 84: Fala que agora consegue falar sobre o tema da espiritualidade com todas as pessoas, mas, com muito cuidado, para não interferir e não causar problema.

“Então, agora eu acho que não tem problema, eu falo sem medo, mas com todo cuidado, com todas as pessoas eu tenho este cuidado, pra não atrapalhar, pra não ter problema algum.”

3.3. RELAÇÃO DOS TEMAS

Tema 1: Declara-se católica praticante.

Tema 2: Inclui o Aconselhamento como uma atividade católica.

Tema 3: Considera importante levar a espiritualidade às pessoas no seu trabalho e distingue espiritualidade de religiosidade.

Tema 4: Considera que grande parte dos problemas é em função da falta de Deus.

Tema 5: Pesquisa o que ocorre na vida das pessoas na área do trabalho, lazer e também na área espiritual.

Tema 6: Segundo ela faz muito bem para as pessoas entrarem em contato com a espiritualidade, falar com um padre ou pastor e inclui esse pensamento na prática pessoal.

Tema 7: Abre espaço para as pessoas falarem sobre a espiritualidade no projeto com dependentes químicos.

Tema 8: Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade.

Tema 9: Declara a sua religião, quando perguntada, e percebe que as pessoas gostam de saber que ela é católica.

Tema 10: Uma acadêmica a procurou por saber que ela era católica.

Tema 11: A acadêmica disse que foi Deus que a fez procurar por ela.

Tema 12: A acadêmica estava desesperada e queria uma psicóloga cristã, pois não gostou da sua psicóloga. Ela se assustou porque o consultório da psicóloga era esotérico e ela não quis mais voltar lá.

Tema 13: A acadêmica era do curso de Medicina.

Tema 14: A acadêmica gostou do encaminhamento feito para a psicóloga cristã, ficou mais tranqüila, e atribuiu a Deus o seu encontro com Ana.

Tema 15: Diz que um dos critérios da escolha do profissional é, muitas vezes, a religiosidade e a espiritualidade.

Tema 16: Para ela, as pessoas precisam da espiritualidade, pois essa é a razão de estarmos no mundo.

Tema 17: Considera importante pesquisar sobre a área espiritual das pessoas, diferenciando a espiritualidade de religiosidade. Afirma conseguir obter resultado com essa pesquisa que faz. Quando é o retorno, as pessoas falam que estão mais participativas da igreja e percebe que eles sentem-se mais motivadas dos que os que não participam de nada.

Tema 18: Quando começou a trabalhar, tinha dúvidas se poderia mostrar a sua espiritualidade, mas ao participar de grupos religiosos, foi percebendo que poderia colocar a espiritualidade em seu trabalho.

Tema 19: Diz como aborda as pessoas com questões referentes à espiritualidade e religiosidade.

Tema 20: Reafirma que é importante conversar sobre espiritualidade.

Tema 21: É um sucesso conversar sobre espiritualidade.

Tema 22: Na sua opinião, inicialmente era difícil lidar com questões referentes à religiosidade, pois os professores pareciam querer eliminar a religiosidade dos alunos e também não permitiam que se comentasse sobre esse assunto.

Tema 23: Inclui o curso de Teologia como forma de encontrar respostas.

Tema 24: Ao buscar respostas foi percebendo que, embora o tema espiritualidade não pudesse ser comentado no curso de Psicologia, podia e devia ser expressado.

Tema 25: Não se deve fazer proselitismo, mas, sim, motivar as pessoas a buscarem a espiritualidade. Para ela, falar de espiritualidade é falar de Deus.

Tema 26: Justifica sua atividade dizendo que nas reuniões dos dependentes químicos, baseadas no AA, fala-se de Deus sem mencionar religião.

Tema 27: Considera que o dependente químico tem como deus, ser superior, a própria substância química que está utilizando no momento da sua vida.

Tema 28: Considera que a pessoa deva encontrar algo superior a ela mesma para conseguir resolver um problema.

Tema 29: Para ela, a teoria psicológica não aceita a fé pessoal.

Tema 30: Considera que quando estudou Psicologia não foi possível conciliar teoria e fé.

Tema 31: Seu embasamento na época da faculdade era a psicanálise e a comportamental.

Tema 32: Diz que o Curso de Psicologia não teve nenhuma espiritualidade.

Tema 33: Considera que não conseguiu conciliar teoria e espiritualidade.

Tema 34: Afirma que só conseguiu conciliar a espiritualidade com a teoria psicológica em sua prática profissional.

Tema 35: Depois de se formar, procurou cursos de Psicologia que integrasse teoria psicológica e espiritualidade.

Tema 36: Encontrou no curso de especialização do Aconselhamento a possibilidade de conseguir conciliar espiritualidade e teoria que tanto queria e busca.

Tema 37: Para ela, um curso de Psicologia ministrada por padres pressupõe um curso em que existiria uma maior integração entre espiritualidade e teoria científica.

Tema 38: Diz não ter estudado nenhuma teoria que conciliasse teoria psicológica e espiritualidade.

Tema 39: Revolta-se com a falta de integração entre espiritualidade e as outras teorias psicológicas.

Tema 40: Reafirma que ainda hoje os alunos entram em conflito ao se depararem com a falta de integração entre a ciência e a Bíblia.

Tema 41: Explica que espiritualidade e teoria são duas coisas diferentes.

Tema 42: Considera a possibilidade de se estudar a teoria científica, mas, de acreditar na espiritualidade.

Tema 43: Consegue integrar ciência e espiritualidade.

Tema 44: Considera que a fala em conjunto sobre teoria e espiritualidade permite conciliar teoria e espiritualidade. Diz que é possível falar no curso de Aconselhamento sobre teoria e espiritualidade.

Tema 45: Diz que a fala em conjunto diferencia os dois campos: ciência e espiritualidade.

Tema 46: Considera que não foi possível conciliar teoria e espiritualidade quando estudou, mas encontrou essa possibilidade no Aconselhamento.

Tema 47: Afirma que a espiritualidade está presente nas diversas teorias, mas com outros nomes.

Tema 48: Além de conseguir conciliar na prática ciência e espiritualidade, encontrou no Aconselhamento a possibilidade de fazer o mesmo.

Tema 49: Sente-se feliz por entender que é possível não deixar de lado a espiritualidade.

Tema 50: Considera que ter espiritualidade é importante e ajuda as pessoas.

Tema 51: Diz que falta espiritualidade aos professores.

Tema 52: Considera que, independente da religião, é bom ter espiritualidade.

Tema 53: Pensa que os professores, atualmente, não são tão ateus como eram os seus professores quando estudou.

Tema 54: Afirma que foi terrível atender alunos ateus.

Tema 55: Declara que sentia-se impotente ao ter que lidar com pessoas que não eram cristãs como ela.

Tema 56: Diz ter dúvida se as pessoas a procuravam para testarem a sua espiritualidade ou para buscarem espiritualidade, mas depois ficava claro o que realmente queriam.

Tema 57: Assegura que, depois que se formou, existiam pessoas que se declaravam não acreditar em nada, para sentimento.

Tema 58: Diz que, às vezes, era mais tranquilo para as pessoas não acreditarem em Deus.

Tema 59: Diz que a pessoa depois de procurar sua ajuda percebia que está precisando de alguma coisa que fosse mais forte que a própria pessoa, algo superior para conseguir lidar com as situações, pois o homem não é nada sem um ser superior.

Tema 60: Considera que o seu trabalho desintegrado da espiritualidade não tem sentido algum.

Tema 61: Tenta fazer a integração da ciência e espiritualidade por meio de cursos que abordem além da ciência, a espiritualidade.

Tema 62: Diz que embora tenha sido difícil dar um atendimento abordando a espiritualidade, conseguiu fazer isso na prática com as pessoas.

Tema 63: Considera que as pessoas a procuram porque diz ser neutra, não usa nada, como vestimentas que possam identificá-la como cristã.

Tema 64: Diz que, num primeiro momento, eles percebem sua neutralidade, mas, depois que percebem sua espiritualidade, passam a aceitá-la

Tema 65: Considera importante que as pessoas tenham uma religião e participem dela. Diz que é a pessoa quem faz a escolha da religião, mas por outro lado, ressalta que o importante é ser cristão. Independente da religião, explica qual a diferença entre religiosidade e espiritualidade.

Tema 66: Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade, pois considera que a neutralidade faz parte dos critérios de escolha do profissional.

Tema 67: Considera que, ao demonstrar ser neutra num primeiro momento, faz com que as pessoas percebam e aceitem melhor sua espiritualidade posteriormente.

Tema 68: No acompanhamento psicológico, utilizava-se da teoria analítica.

Tema 69: Ao trabalhar com dependência química, utiliza-se da teoria comportamental, pois, considera que embora a teoria analítica seja também indicada para esse trabalho, a comportamental é a mais indicada e a mais rápida.

Tema 70: Diz que a linha comportamental é instantânea, e portanto facilita para que o trabalho se dê de uma forma mais rápida e prática.

Tema 71: Diz que utilizava também no acompanhamento psicológico a linha teórica do Jung, por ele ser mais cristão.

Tema 72: Atualmente, diz conseguir integrar a espiritualidade com a Ciência em sua prática sem problema algum. Lida com esse tema com facilidade e sem medo.

Tema 73: Acredita que ao integrar a Ciência e a espiritualidade em sua prática, as pessoas conseguem ter uma produção maior, como elaborar seu problema mais facilmente e de uma forma mais rápida. Participar do lado espiritual dá mais tranquilidade às pessoas.

Tema 74: Diz que as pessoas afirmaram querer participar do espiritual, pois acreditam que Ele dá muito e fortalece as pessoas.

Tema 75: Considera que as pessoas precisam passar por um processo de psicoterapia integrado à espiritualidade, pois se só a psicoterapia é bom para qualquer um, a psicoterapia com a espiritualidade é melhor ainda.

Tema 76: Acrescenta que até os profissionais da saúde estão também utilizando da espiritualidade em sua prática profissional sem problema algum, desde que seja algo bom para a pessoa.

Tema 77: Diz que as pessoas acabarão por fazer essa integração da sua prática profissional com a espiritualidade, pois considera que esse será o resultado final de tudo e, portanto, não vê problemas neste sentido.

Tema 78: Diz que não tem problemas com as outras psicólogas onde trabalha, pois elas sabem que ela tem uma espiritualidade, é católica praticante, mas possui uma postura neutra, não usa nenhum objeto de devoção.

Tema 79: Afirma que as psicólogas percebem que para abordar a questão da espiritualidade é necessário criar intimidade com a pessoa, para, então, falar algo sobre o ser superior, sobre a espiritualidade individual, sem colocar nada do Catolicismo.

Tema 80: Considera que todos têm uma espiritualidade, mas que muitas vezes está obscura e precisa se tornar mais clara, para que sintam-se mais motivados a lidar com essa área. Diz que as pessoas não fazem nada sem a espiritualidade, e que, portanto, é necessário sempre se renovar nessa área para se fortalecer e fortalecer também os que receberem atendimento.

Tema 81: Diz que começou a abordar o tema da espiritualidade há uns quatro anos. Ao participar de grupos de oração, trabalhava com a questão da espiritualidade em termos pessoais, mas, ao participar da oficina de oração, que possuía integrantes de diferentes religiões, percebeu que o evangelho de Deus poderia ser divulgado independente da religião.

Tema 82: Afirma ter começado a integrar o tema da espiritualidade à sua prática há uns cinco anos, com certo receio e atenta à reação apresentada, mas que agora, sente-se mais fortalecida e mais tranqüila com relação a essa questão. No início da entrevista, já investiga sobre questões referentes à religião.

Tema 83: Diz que durante o processo irá investigar sobre questões referentes à espiritualidade da pessoa no momento, para verificar se a causa dos problemas apresentados tem relação ou não com a questão.

Tema 84: Fala que agora consegue falar sobre o tema da espiritualidade com todas as pessoas, mas, com muito cuidado, para não interferir e não causar problema.

3.4. AGRUPAMENTO DE TEMAS

Grupo 1

- Declara-se católica praticante.
- Declara a sua religião, quando perguntada, e percebe que as pessoas gostam de saber que ela é católica.
- Inclui o Aconselhamento como uma atividade católica.

Grupo 2

- Considera importante levar a espiritualidade às pessoas no seu trabalho e distingue espiritualidade de religiosidade.

-Não se deve fazer proselitismo, mas, sim, motivar as pessoas a buscarem a espiritualidade. Para ela, falar de espiritualidade é falar de Deus.

-Considera que todos têm uma espiritualidade, mas que muitas vezes está obscura e precisa se tornar mais clara, para que sintam-se mais motivados a lidarem com essa área. Diz que as pessoas não fazem nada sem a espiritualidade, e que, portanto, é necessário sempre se renovar nessa área para se fortalecer e fortalecer também os que receberem atendimento.

Grupo 3

-Considera que grande parte dos problemas é em função da falta de Deus.

-Considera que o dependente químico tem como deus, ser superior, a própria substância química que está utilizando no momento da sua vida.

-Considera que a pessoa deva encontrar algo superior a ela mesma para conseguir resolver um problema.

-Diz que a pessoa, depois de procurar sua ajuda, percebia que está precisando de alguma coisa que fosse mais forte que a própria pessoa, algo superior para conseguir lidar com as situações, pois o homem não é nada sem um ser superior.

Grupo 4

-Pesquisa o que ocorre na vida das pessoas na área do trabalho, lazer e também na área espiritual.

-Considera importante pesquisar sobre a área espiritual das pessoas, diferenciando a espiritualidade de religiosidade. Afirma conseguir obter resultado com essa pesquisa que faz. Quando é o retorno, as pessoas falam que estão mais participativas na igreja e percebe que eles sentem-se mais motivados dos que os que não participam de nada.

-Diz que durante o processo irá investigar sobre questões referentes à espiritualidade da pessoa no momento, para verificar se a causa dos problemas apresentados tem relação ou não com a questão.

Grupo 5

- Segundo ela, faz muito bem para as pessoas entrar em contato com a espiritualidade, falar com um padre ou pastor e inclui esse pensamento na prática pessoal.
- Reafirma que é importante conversar sobre espiritualidade.
- É um sucesso conversar sobre espiritualidade.
- Abre espaço para as pessoas falarem sobre a espiritualidade no projeto com dependentes químicos.
- Justifica sua atividade dizendo que nas reuniões dos dependentes químicos, baseadas no AA, fala-se de Deus sem mencionar religião.
- Diz ter dúvida se as pessoas a procuravam para testar a sua espiritualidade ou para buscar espiritualidade, mas depois ficava claro o que realmente queriam.

Grupo 6

- Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade.
- Considera que as pessoas a procuram porque diz ser neutra, não usa nada, como vestimentas que possam identificá-la como cristã.
- Diz que, num primeiro momento, eles percebem sua neutralidade, mas, depois que percebem sua espiritualidade, passam a aceitá-la.
- Considera que ao demonstrar ser neutra, num primeiro momento, faz com que as pessoas percebam e aceitem melhor sua espiritualidade posteriormente.
- Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade, pois considera que a neutralidade faz parte dos critérios de escolha do profissional.
- Diz que não tem problemas com as outras psicólogas onde trabalha, pois elas sabem que ela tem uma espiritualidade, é católica praticante, mas possui uma postura neutra, não usa nenhum objeto de devoção.

Grupo 7

- Uma acadêmica a procurou por saber que ela era católica.

-A acadêmica estava desesperada e queria uma psicóloga cristã, pois não gostou da sua psicóloga. Ela se assustou porque o consultório da psicóloga era esotérico e ela não quis mais voltar lá.

-Diz que um dos critérios da escolha do profissional é, muitas vezes, a religiosidade e a espiritualidade.

-A acadêmica disse que foi Deus que a fez procurar por ela.

-A acadêmica gostou do encaminhamento feito para a psicóloga cristã, ficou mais tranqüila, e atribuiu a Deus o seu encontro com Ana.

Grupo 8

-A acadêmica era curso de Medicina.

Grupo 9

-Para ela, as pessoas precisam da espiritualidade, pois essa é a razão de estarmos no mundo.

-Considera que ter espiritualidade é importante e ajuda as pessoas.

-Considera que, independente da religião, é bom ter espiritualidade.

-Diz que as pessoas colocam querer participar do espiritual, pois acreditam que Ele dá muito e fortalece as pessoas.

-Considera importante que as pessoas tenham uma religião e participem dela. Diz que é a pessoa quem faz a escolha da religião, mas, por outro lado, ressalta que o importante é ser cristão. Independente da religião, explica qual a diferença entre religiosidade e espiritualidade.

Grupo 10

-Quando começou a trabalhar, tinha dúvidas se poderia mostrar a sua espiritualidade, mas, ao participar de grupos religiosos, foi percebendo que poderia colocar a espiritualidade em seu trabalho.

-Ao buscar respostas, foi percebendo que, embora o tema espiritualidade não pudesse ser comentado no curso de Psicologia, podia e devia ser expressado.

-Diz que começou a abordar o tema da espiritualidade há uns quatro anos. Ao participar de grupos de oração, trabalhava com a questão da espiritualidade em termos pessoais, mas, ao participar da oficina de oração, que possuía integrantes de diferentes religiões, percebeu que o evangelho de Deus poderia ser divulgado independente da religião.

Grupo 11

- Na sua opinião, inicialmente era difícil lidar com questões referentes à religiosidade, pois os professores pareciam querer eliminar a religiosidade dos alunos e também não permitiam que se comentasse sobre esse assunto.

-Para ela, a teoria psicológica não aceita a fé pessoal.

-Considera que, quando estudou Psicologia, não foi possível conciliar teoria e fé.

-Diz que o Curso de Psicologia não teve nenhuma espiritualidade.

-Considera que não conseguiu conciliar teoria e espiritualidade.

-Diz não ter estudado nenhuma teoria que conciliasse teoria psicológica e espiritualidade.

Grupo 12

-Afirma que só conseguiu conciliar a espiritualidade com a teoria psicológica em sua prática profissional.

-Consegue integrar ciência e espiritualidade.

-Diz que, embora tenha sido difícil dar um atendimento abordando a espiritualidade, conseguiu fazer isso na prática com as pessoas.

-Atualmente, diz conseguir integrar a espiritualidade com a Ciência em sua prática sem problema algum. Lida com esse tema com facilidade e sem medo.

-Diz ter começado a integrar o tema da espiritualidade à sua prática há uns cinco anos, com certo receio e atenta à reação apresentada, mas que agora sente-se mais

fortalecida e mais tranqüila com relação a essa questão. No início da entrevista, já investiga sobre questões referentes à religião.

-Afirma que agora consegue falar sobre o tema da espiritualidade com todas as pessoas, mas, com muito cuidado, para não interferir e não causar problema.

Grupo 13

-Inclui o curso de Teologia como forma de encontrar respostas.

Grupo 14

-Depois de se formar, procurou cursos de Psicologia que integrasse teoria psicológica e espiritualidade.

-Para ela, um curso de Psicologia ministrada por padres pressupõe um curso em que existiria uma maior integração entre espiritualidade e teoria científica.

Grupo 15

-Encontrou no curso de especialização do Aconselhamento a possibilidade de conseguir conciliar espiritualidade e teoria que tanto queria e buscava.

-Considera a possibilidade de se estudar a teoria científica, mas de acreditar na espiritualidade.

-Considera que a fala em conjunto sobre teoria e espiritualidade permite conciliar teoria e espiritualidade. Diz que é possível falar no curso de Aconselhamento sobre teoria e espiritualidade.

-Considera que não foi possível conciliar teoria e espiritualidade quando estudou, mas encontrou essa possibilidade no Aconselhamento.

-Além de conseguir conciliar na prática ciência e espiritualidade, encontrou no Aconselhamento a possibilidade de fazer o mesmo.

-Tenta fazer a integração da ciência e espiritualidade por meio de cursos que abordem, além da ciência, a espiritualidade.

Grupo 16

-Revolta-se com a falta de integração entre espiritualidade e as outras teorias psicológicas.

-Reafirma que ainda hoje os alunos entram em conflito ao se depararem com a falta de integração entre a ciência e a Bíblia.

Grupo 17

-Explica que espiritualidade e teoria são duas coisas diferentes.

-Diz que a fala em conjunto diferencia os dois campos : ciência e espiritualidade.

-Afirma que a espiritualidade está presente nas diversas teorias, mas com outros nomes.

Grupo 18

-Sente-se feliz por entender que é possível não deixar de lado a espiritualidade.

-Considera que seu trabalho desintegrado da espiritualidade não tem sentido algum.

-Pensa que os professores atualmente não são tão ateus como eram os seus professores quando estudou.

Grupo 19

-Diz que falta espiritualidade aos professores.

-Afirma que foi terrível atender alunos ateus.

-Declara que sentia-se impotente ao ter que lidar com pessoas que não eram cristãs como ela.

-Assegura que, depois que se formou, existiam pessoas que se declaravam não acreditar em nada, para sentimento.

-Diz que, às vezes, era mais tranquilo para as pessoas não acreditarem em Deus.

Grupo 20

- Seu embasamento na época da faculdade era a psicanálise e a comportamental.
- No acompanhamento psicológico, utilizava-se da teoria analítica.
- Diz que utilizava também no acompanhamento psicológico a linha teórica do Jung, por ele ser mais cristão.
- Ao trabalhar com dependência química, utiliza-se da teoria comportamental, pois considera que, embora a teoria analítica seja também indicada para esse trabalho, a comportamental é a mais indicada e a mais rápida.
- Diz que a linha comportamental é instantânea e, portanto, facilita para que o trabalho se dê de uma forma mais rápida e prática.

Grupo 21

- Acredita que, ao integrar a Ciência e a espiritualidade em sua prática, as pessoas conseguem ter uma produção maior, como elaborar seu problema mais facilmente e de uma forma mais rápida. Participar do lado espiritual dá mais tranquilidade às pessoas.
- Considera que as pessoas precisam passar por um processo de psicoterapia integrado à espiritualidade, pois, se só a psicoterapia é bom para qualquer um, a psicoterapia com a espiritualidade é melhor ainda.
- Acrescenta que até os profissionais da saúde estão também utilizando da espiritualidade em sua prática profissional sem problema algum, desde que seja algo bom para a pessoa.
- Diz que as pessoas acabarão por fazer essa integração da sua prática profissional com a espiritualidade, pois considera que esse será o resultado final de tudo e, portanto, não vê problemas neste sentido.

3.5. CATEGORIAS OBTIDAS A PARTIR DOS TEMAS

1. Posicionamento religioso da entrevistada

- Declara-se católica praticante.
- Declara a sua religião, quando perguntada, e percebe que as pessoas gostam de saber que ela é católica.
- Uma acadêmica a procurou por saber que ela era católica.
- Diz que falta espiritualidade aos professores.
- Afirma que foi terrível atender alunos ateus.
- Diz que sentia-se impotente ao ter que lidar com pessoas que não eram cristãs como ela.
- Assegura que, depois que se formou, existiam pessoas que se declaravam não acreditar em nada, para sentimento.
- Diz que, às vezes, era mais tranquilo para as pessoas não acreditarem em Deus.

2. Visão de Homem

- Considera que grande parte dos problemas é em função da falta de Deus.
- Considera que a pessoa deva encontrar algo superior a ela mesma para conseguir resolver um problema.
- Diz que a pessoa, depois de procurar a sua ajuda, percebia que está precisando de alguma coisa que fosse mais forte que a própria pessoa, algo superior para conseguir lidar com as situações, pois o homem não é nada sem um ser superior.
- Para ela, as pessoas precisam da espiritualidade, pois essa é a razão de estarmos no mundo.
- Considera que ter espiritualidade é importante e ajuda as pessoas.
- Considera que independente da religião é bom ter espiritualidade.
- Diz que as pessoas afirmaram querer participar do espiritual, pois acreditam que Ele dá muito e fortalece as pessoas.
- Considera importante que as pessoas tenham uma religião e participem dela. Diz que é a pessoa quem faz a escolha da religião, mas, por outro lado, ressalta que o importante é ser cristão. Independente da religião, explica qual a diferença entre religiosidade e espiritualidade.

3. Dificuldades para inclusão da espiritualidade durante o curso da Psicologia e no início da vida profissional

-Na sua opinião, inicialmente era difícil lidar com questões referentes à religiosidade, pois os professores pareciam querer eliminar a religiosidade dos alunos e também não permitiam que se comentasse sobre esse assunto.

-Para ela, a teoria psicológica não aceita a fé pessoal.

-Considera que, quando estudou Psicologia, não foi possível conciliar teoria e fé.

-Diz que o curso de Psicologia não teve nenhuma espiritualidade.

-Considera que não conseguiu conciliar teoria e espiritualidade.

-Diz não ter estudado nenhuma teoria que conciliasse teoria psicológica e espiritualidade.

-Revolta-se com a falta de integração entre espiritualidade e as outras teorias psicológicas.

-Reafirma que ainda hoje os alunos entram em conflito ao se deparar com a falta de integração entre a ciência e a Bíblia.

4. Necessidade de inclusão da espiritualidade no trabalho psicoterapêutico

-Considera importante levar a espiritualidade às pessoas no seu trabalho e distingue espiritualidade de religiosidade.

-Não se deve fazer proselitismo, mas, sim, motivar as pessoas a buscarem a espiritualidade. Para ela, falar de espiritualidade é falar de Deus.

-Considera que todos têm uma espiritualidade, mas que, muitas vezes, está obscura e precisa se tornar mais clara, para que sintam-se mais motivados a lidarem com essa área. Diz que as pessoas não fazem nada sem a espiritualidade, e que, portanto, é necessário sempre se renovar nessa área para se fortalecer e fortalecer também os que receberem atendimento.

-Pesquisa o que ocorre na vida das pessoas na área do trabalho, lazer e também na área espiritual.

- Considera importante pesquisar sobre a área espiritual das pessoas, diferenciando a espiritualidade de religiosidade. Afirma conseguir obter resultado com essa pesquisa que faz. Quando é o retorno, as pessoas falam que estão mais participativas na igreja e percebe que eles sentem-se mais motivadas dos que os que não participam de nada.
- Diz que durante o processo irá investigar sobre questões referentes à espiritualidade da pessoa no momento, para verificar se a causa dos problemas apresentados tem relação ou não com a questão.
- Segundo ela, faz muito bem para as pessoas entrarem em contato com a espiritualidade, falarem com um padre ou pastor e inclui esse pensamento na prática pessoal.
- Reafirma que é importante conversar sobre espiritualidade.
- É um sucesso conversar sobre espiritualidade.
- Abre espaço para as pessoas falarem sobre a espiritualidade no projeto com dependentes químicos.
- Justifica sua atividade dizendo que, nas reuniões dos dependentes químicos, baseadas no AA, fala-se de Deus sem mencionar religião.
- Diz ter dúvida se as pessoas a procuravam para testarem a sua espiritualidade ou para buscarem espiritualidade, mas, depois, ficava claro o que realmente queriam.
- Sente-se feliz por entender que é possível não deixar de lado a espiritualidade.
- Considera que seu trabalho desintegrado da espiritualidade não tem sentido algum.
- Pensa que os professores, atualmente, não são tão ateus como eram os seus professores quando estudou.

5. Encontro com o Aconselhamento

- Inclui o Aconselhamento como uma atividade católica.
- Encontrou no curso de especialização do Aconselhamento a possibilidade de conseguir conciliar espiritualidade e teoria que tanto queria e buscava.
- Considera a possibilidade de se estudar a teoria científica, mas de acreditar na espiritualidade.

- Considera que a fala em conjunto sobre teoria e espiritualidade permite conciliar teoria e espiritualidade. Diz que é possível falar no curso de Aconselhamento sobre teoria e espiritualidade.
- Considera que não foi possível conciliar teoria e espiritualidade, quando estudou, mas encontrou essa possibilidade no Aconselhamento.
- Além de conseguir conciliar na prática ciência e espiritualidade, encontrou no Aconselhamento a possibilidade de fazer o mesmo.
- Tenta fazer a integração da ciência e espiritualidade por meio de cursos que abordem, além da ciência, a espiritualidade.
- Inclui o curso de Teologia como forma de encontrar respostas.
- Depois de se formar, procurou cursos de Psicologia que integrasse teoria psicológica e espiritualidade.
- Para ela, um curso de Psicologia ministrada por padres pressupõe um curso onde existiria uma maior integração entre espiritualidade e teoria científica.

6. “Integração” da espiritualidade no trabalho psicoterapêutico

- Afirma que só conseguiu conciliar a espiritualidade com a teoria psicológica em sua prática profissional.
- Consegue integrar ciência e espiritualidade.
- Diz que, embora tenha sido difícil dar um atendimento abordando a espiritualidade, conseguiu fazer isso na prática com as pessoas.
- Atualmente, diz conseguir integrar a espiritualidade com a Ciência em sua prática sem problema algum. Lida com esse tema com facilidade e sem medo.
- Afirma ter começado a integrar o tema da espiritualidade à sua prática há uns cinco anos, com certo receio e atenta à reação apresentada, mas que agora sente-se mais fortalecida e mais tranqüila com relação a essa questão. No início da entrevista, já investiga sobre questões referentes à religião.
- Fala que agora consegue falar sobre o tema da espiritualidade com todas as pessoas, mas, com muito cuidado, para não interferir e não causar problema.
- Diz como aborda as pessoas com questões referentes à espiritualidade e religiosidade.

-Afirma que as psicólogas percebem que para abordar a questão da espiritualidade é necessário criar intimidade com a pessoa, para, então, colocar algo sobre o ser superior, sobre a espiritualidade individual, sem colocar nada do Catolicismo.

-Quando começou a trabalhar, tinha dúvidas se poderia mostrar sua espiritualidade, mas ao participar de grupos religiosos, foi percebendo que poderia colocar a espiritualidade em seu trabalho.

-Ao buscar respostas, foi percebendo que, embora o tema espiritualidade não pudesse ser comentado no curso de Psicologia, podia e devia ser expressado.

-Diz que começou a abordar o tema da espiritualidade há uns quatro anos. Ao participar de grupos de oração, trabalhava com a questão da espiritualidade em termos pessoais, mas, ao participar da oficina de oração, que possuía integrantes de diferentes religiões, percebeu que o evangelho de Deus poderia ser divulgado independente da religião.

7. Modo de proceder no trabalho psicoterapêutico

-Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade.

-Considera que as pessoas a procuram porque diz ser neutra, não usa nada, como vestimentas que possam identificá-la como cristã.

-Diz que, num primeiro momento, eles percebem a sua neutralidade, mas, depois que percebem sua espiritualidade, passam a aceitá-la.

-Considera que ao demonstrar ser neutra, num primeiro momento, faz com que as pessoas percebam e aceitem melhor a sua espiritualidade posteriormente.

-Não usa objetos de devoção para demonstrar sua neutralidade, pois considera que a neutralidade faz parte dos critérios de escolha do profissional.

-Diz que não tem problemas com as outras psicólogas onde trabalha, pois elas sabem que ela tem uma espiritualidade, é católica praticante, mas possui uma postura neutra, não usa nenhum objeto de devoção.

8. Ganhos na integração da espiritualidade na Psicologia

- Acredita que ao integrar a Ciência e a espiritualidade em sua prática, as pessoas conseguem ter uma produção maior, como elaborar seu problema mais facilmente e de uma forma mais rápida. Participar do lado espiritual dá mais tranquilidade às pessoas.
- Considera que as pessoas precisam passar por um processo de psicoterapia integrado à espiritualidade, pois, se só a psicoterapia é bom para qualquer um, a psicoterapia com a espiritualidade é melhor ainda.
- Acrescenta que até os profissionais da saúde estão também utilizando da espiritualidade em sua prática profissional sem problema algum, desde que seja algo bom para a pessoa.
- Diz que as pessoas acabarão por fazer essa integração da sua prática profissional com a espiritualidade, pois considera que esse será o resultado final de tudo e, portanto, não vê problemas neste sentido.

9. Embasamento teórico do trabalho psicoterapêutico

- Seu embasamento na época da faculdade era a psicanálise e a comportamental.
- No acompanhamento psicológico, utilizava-se da teoria analítica.
- Ao trabalhar com dependência química, utiliza-se da teoria comportamental, pois considera que, embora a teoria analítica seja também indicada para esse trabalho, a comportamental é a mais indicada e a mais rápida.
- Diz que a linha comportamental é instantânea, e, portanto, facilita para que o trabalho se dê de uma forma mais rápida e prática.
- Diz que utilizava também no acompanhamento psicológico a linha teórica do Jung por ele ser mais cristão.

10. Critérios do paciente na escolha do profissional

- A acadêmica disse que foi Deus que a fez procurar por ela.
- A acadêmica estava desesperada e queria uma psicóloga cristã, pois não gostou da sua psicóloga. Ela se assustou porque o seu consultório era esotérico e ela não quis mais voltar lá.

- A acadêmica gostou do encaminhamento feito para a psicóloga cristã, ficou mais tranquila e atribuiu a Deus o seu encontro com Ana.
- Diz que um dos critérios da escolha do profissional é, muitas vezes, a religiosidade e a espiritualidade

Temas não incluídos nas categorias

- A acadêmica era do curso de Medicina.
- Explica que a espiritualidade e teoria são duas coisas diferentes.
- Diz que a fala em conjunto diferencia os dois campos: ciência e espiritualidade.
- Afirma que a espiritualidade está presente nas diversas teorias, mas com outros nomes.

3.6. ANÁLISE INTERPRETATIVA

Ana demonstra satisfação em falar sobre o tema espiritualidade e a importância dessa dimensão em sua vida e, também, em declarar o seu posicionamento frente à sua religião católica. Sente necessidade em levar a sua espiritualidade às outras pessoas em sua atividade profissional enquanto psicóloga.

Se por um lado Ana enfatiza sua preferência pela religião católica e, sempre que possível, tenta direcionar seu atendimento neste sentido, por outro, diz achar importante que o homem tenha uma espiritualidade independente da religião. Para Ana, essa é a razão de estarmos no mundo. Ela pensa que nenhuma pessoa vive só, que todos têm limites e, portanto, dependem de um ser superior. Acredita que as pessoas *“desejam fazer parte do espiritual, pois Deus dá muito e fortalece”*.

Ana entende o homem como um ser limitado, que tem necessidade de se relacionar com os outros e que é totalmente dependente de um ser superior para que se torne forte. Para ela, um homem sadio que encontra sentido em sua vida é aquele que tem Deus. Ana possui uma concepção religiosa de homem que se resume em: *“O homem que não tem Deus é um trapo, é um nada.”* Ela explica o homem, basicamente, por meio da dimensão religiosa, ignorando outros aspectos, emocionais, físicos,

psicológicos ou sociais. Ao afastar essas outras dimensões constituintes do ser humano, define-o apenas como um ser espiritual.

A origem da doença ou dos problemas, para Ana, baseia-se fundamentalmente na ausência de Deus, na ausência de um ser superior na vida das pessoas. Interpreta o problema dos seus pacientes fazendo analogias às passagens Bíblicas, baseando-se na aprendizagem que obteve nos cursos católicos que freqüentou. Ana entende que o homem encontra dificuldades, problemas, ao afastar-se de Deus.

Tudo indica que Ana, embora psicóloga, use apenas uma lente religiosa para ver, explicar e compreender o homem. Em outras palavras, reduz a sua prática psicológica à religião, como se os problemas sempre tivessem origem a partir de uma questão religiosa. Ana diz possuir certo domínio teórico na área da Psicologia mas, não encontra nela respostas aos seus próprios questionamentos relacionados à espiritualidade e, portanto, busca explicações nos princípios da religião a que pertence.

Ana parece fazer parte de um grupo de psicólogos que, de acordo com Ancona-Lopez e Figueiredo (1993), adere a comunidades religiosas e ao seu modo de compreender o psiquismo humano, utilizando desse conhecimento para sua prática clínica. Opta, assim, por utilizar abordagens psicológicas que não estejam em desacordo com suas crenças e valores. Dessa forma, as propostas psicológicas são utilizadas apenas como técnicas ou estratégias que oferecem suporte ao ponto de vista religioso.

No meu entender, esse tipo de situação vivenciada por alguns psicólogos e inclusive por Ana, acaba por justificar a importância que Ancona-Lopez (1999) atribui à discussão sobre a experiência religiosa na clínica psicológica, para buscar definir as relações entre a profissão da Psicologia e o domínio da experiência humana religiosa. Para isso, segundo a autora, é necessário estabelecer parâmetros para estudos, pesquisas e atendimento clínico na área da Psicologia e Religião. A meu ver, essa possibilidade poderia evitar possíveis interpretações reducionistas realizadas por psicólogos ao se depararem com o tema religião em suas atividades clínicas.

A autora ainda acrescenta que a utilização do modelo das quatro atitudes básicas de Wulff (1997): negação literal, afirmação literal, interpretação redutiva e

interpretação restauradora pode ser um instrumento útil a ser utilizado para se compreender como se dá a relação com a religiosidade dentro da atuação clínica do psicólogo.

Por meio do modelo de Wulff (1997), é possível compreender a expressão da religiosidade das pessoas, e, neste caso específico, a atitude de Ana. Ao fazer uma relação da conduta de Ana com as quatro atitudes básicas citadas pelo autor, observo que ela apresenta uma atitude de afirmação literal. Essa posição subentende a afirmação da existência concreta do objeto religioso e a adesão literal aos textos religiosos, no que diz respeito ao modo como a pessoa se relaciona com a sua religiosidade e os conteúdos religiosos.

Conforme a atitude de afirmação literal de Wulff e também de acordo com Ancona-Lopez e Figueiredo (1993) tem-se que Ana entende o mundo e o homem baseando-se somente nas crenças e valores propostos pela sua religião católica na sua vertente afirmativa e literal e acaba por desconsiderar conhecimentos psicológicos que não estejam em total acordo com essa posição. Age apenas em função dos princípios de sua religião. Em outras palavras, Ana faz uso da Psicologia apenas enquanto propiciadora de recursos técnicos e, por outro lado, utiliza-se de subsídios religiosos para sustentar e orientar a sua atuação clínica.

A meu ver, Ana apresenta dificuldades em aceitar as crenças e escolhas dos seus clientes diferentes das suas, concretizando em sua atitude o pressuposto da afirmação literal, na qual, segundo Wulff (1997), rejeita-se as pessoas que possuem outro ponto de vista ou outra religião diferente da própria. Assim, Ana considera que todos os seus clientes deveriam fazer parte da religião a que pertence. Isso pode ser observado, quando ela diz: *“Se eles querem ser evangélicos, tudo bem, desde que sejam cristãos, é importante.”*

Ana diz que sempre atribuiu importância ao tema da espiritualidade, mas, conta que não lhe era permitido falar sobre esse assunto, nem a respeito de Deus, quando estava fazendo o curso de Psicologia. Seus professores não permitiam que se falasse sobre religiosidade em sala de aula. Depois que se formou, não sabia se poderia abordar esse tema em sua atuação profissional.

No meu entender, a falta de espaço para abordar questões relacionadas à espiritualidade ou a Deus, durante a graduação de Ana em Psicologia, parece ser uma das conseqüências da visão de homem preconizada ao longo do século XX, e que, de acordo com Giovanetti (1999), foi abraçada também pela Psicologia. Nesse período, conforme o autor, evidenciava-se a idéia de que Deus não era necessário à realização do homem, pois esta estaria ligada somente à concretização e expansão das suas forças psicológicas próprias. Acreditava-se que o destino do homem era somente da responsabilidade total de si mesmo. Crenças essas, não-condizentes com a forma de Ana entender o homem, o que possivelmente provocou, para ela, conflitos entre suas crenças e as teorias que estudava.

É certo que se tem observado no final do século XX, conforme Giovanetti (1999), um ressurgimento do fenômeno religioso. Mas, no entanto, essa transformação está ocorrendo recentemente e lentamente e, neste sentido, ainda é raro encontrar nos currículos dos cursos de Psicologia alguma disciplina denominada Psicologia da Religião ou disciplinas que abordem em seus conteúdos à dimensão religiosa tão importante para Ana. Ela, assim como Giovanetti (1999) e outros autores, acredita que ao se renunciar a dimensão religiosa dificulta-se a compreensão do homem plenamente, como ser global.

Para Giovanetti (1999), a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano e pode vir à tona a qualquer momento, independente dele estar ligado a uma religião ou a um credo, pois o homem engaja elementos psicológicos para viver essa dimensão. Negligenciá-la, principalmente nos Cursos de Psicologia, faz com que os psicólogos, entre outras conseqüências, não estejam preparados para lidarem com ela e ignorem a importância de abordarem e trabalharem com esta dimensão. A meu ver, isso pode fazer com que psicólogos que são religiosos, como no caso específico de Ana, busquem seus próprios caminhos fora do domínio da Psicologia.

Parece que o anseio de Ana em encontrar um embasamento para sua ação profissional, em concordância principalmente com sua crença religiosa, induziu-a a fazer cursos, que segundo seu entendimento, *“eram mais espiritualizados”*. Nessa busca, conta que realizou um curso de Aconselhamento que era *“coordenado, em sua maioria, por padres”*. Foi esse curso, inclusive, que segundo ela, deu-lhe embasamento para

“colocar Deus no coração daquela pessoa que não conhecia nada”. Entendo que Ana considera que esse curso de Aconselhamento compreendido por ela como de Aconselhamento Psicológico, e não de conselheiro no modo existente em outros países, permitiu embasar sua ação psicológica na sua crença religiosa.

Para Miller (2003), o Aconselhamento Psicológico auxilia os clientes a superarem as experiências difíceis de vida, exigindo que o aconselhador esteja preparado, também, para atender clientes que tragam questões espirituais e religiosas que causam impacto sobre a sua saúde mental. Isso implica no psicólogo explorar todas as possibilidades e recursos de cura, incluindo as de dimensão religiosa ou espiritual, o que não autoriza, no meu entender, a levar a palavra de Deus a quem encontrar em sua atividade profissional, como acredita Ana.

Danon (2003) entende o Aconselhamento Psicológico como um processo de relação de ajuda que leva o indivíduo a compreender a própria situação em que se encontra para conseguir enfrentar seus problemas, utilizando seus próprios recursos de uma forma criativa, autônoma e satisfatória para consigo mesmo, com os outros e com o mundo, sem depender de interpretação, conselhos ou direcionamentos fornecidos por uma outra pessoa.

Larrabure (2003) complementa a definição de Aconselhamento de Miller (2003) e Danon (2003), dizendo que esse é um processo interativo que busca desenvolver na relação o calor afetivo, a simpatia, a cordialidade, o respeito, a confiança e a aceitação para que um caminho de amadurecimento seja conseguido por meio do processo psicológico realizado pelo cliente e não pelas sugestões do profissional.

Essas concepções de Aconselhamento, assim como a da maioria dos autores da área, estão em desacordo com a compreensão de Ana desenvolvida a partir do curso de Aconselhamento. Como os autores citados acima, entendo que o Aconselhamento Psicológico é um processo não-diretivo, de aceitação incondicional do cliente como ser global, em sua singularidade, processo este no qual não se busca dar orientações, religiosas ou não, mas, sim, oferecer condições para que, a partir de um encontro entre aconselhador e cliente, trabalhem-se os conteúdos trazidos pelo cliente, quer sejam espirituais ou não. Refletindo sobre o modo como Ana compreende o

Aconselhamento, observo que Ana faz de tudo para mostrar a profissional espiritualizada que se transformou, o que a valoriza positivamente, e faz isso, baseando-se na sua própria compreensão do que é Aconselhamento Psicológico.

No âmbito onde se deu o curso de Aconselhamento *“psicológico, mas também religioso”*, como definiu Ana, parece ter conseguido pela primeira vez sentir-se acolhida integralmente da forma como é, o que não ocorreu quando estava fazendo o curso de Psicologia. Ela sentiu-se aceita e acolhida plenamente em todas as suas dimensões, inclusive na religiosa, durante o curso de Aconselhamento.

A figura dos padres coordenadores possuiu um significado particular para ela. A presença dos padres, diz Ana, proporcionou-lhe abertura para que conseguisse levar Deus às pessoas em sua atividade enquanto psicóloga. Parece que ela fez uma relação desse curso com o de Teologia que também era coordenado por padres, e que era um curso totalmente espiritualizado, o que fez com que Ana considere esse curso de Aconselhamento totalmente espiritualizado, por ser coordenado, em sua maioria, por padres.

A expressão da experiência religiosa de Ana parece ter ficado reprimida por muito tempo, pois não conseguia incluí-la no campo da Psicologia. Encontrar um espaço no curso de Aconselhamento para manifestar essa dimensão, significou para ela recuperar uma fala inibida e assim incluir sua experiência religiosa em seu campo profissional. Sentindo-se liberada para falar sobre o tema passou a atribuir um significado religioso a quase tudo que a rodeia, inclusive, aos cursos da sua área profissional e às condições de seus clientes.

Segundo Ricceur, in Ancona-Lopez (2005), as experiências de religiosidade necessitam de uma linguagem religiosa, o que não significa aderência a uma religião, mas, sim, o estabelecimento de uma condição de abertura na qual se possa incluir a experiência em um discurso compartilhado, o que possibilita, então, a sua discussão e reflexão. Dessa forma a experiência religiosa não se dispersa em uma irrealidade ou na total subjetividade do indivíduo.

Para Mafoud (2001), é importante explorar o trajeto individual do sujeito reconhecendo quais os símbolos e sentidos de sua religiosidade que estão integrados à

sua vida e os diferentes significados dela oriundos, o que se possibilita ampliar a consciência da própria vivência do indivíduo.

A religiosidade de Ana, atribui sentidos a sua própria vida, bem como, ilumina a sua visão de mundo, dos homens, e de si mesma. Paloutzian (1996) ao compreender a religião sob a lente psicológica, explica que ela oferece uma orientação abstrata pela qual as pessoas, muitas vezes, vêem o mundo e definem a sua realidade, provendo um significado. No caso da Ana, pode-se perceber claramente a força desempenhada pela religião em sua vida, bem como as conseqüências desse comprometimento religioso em sua profissão.

Paloutzian (1996, p.15-20) apresenta um esquema desenvolvido por Glock (1962), no qual a análise do comprometimento religioso da pessoa é feita em termos de cinco dimensões: crenças, práticas, sentimentos, conhecimentos e efeitos. As dimensões apresentadas por Glock facilitam a análise das conseqüências do comprometimento religioso de Ana.

Conforme o autor, a dimensão ideológica da crença, refere-se ao conteúdo da doutrina, ou seja, às idéias intelectuais que se fazem presente na vida da pessoa. As crenças religiosas pessoais, como diz Glock (1962), podem ser incorporadas à vida da pessoa com graus de força variáveis, podendo tanto exercer um papel central na vida do indivíduo, como um papel periférico.

No meu entender, Ana incorporou literalmente as crenças e valores da Igreja Católica, atribuindo-lhes papel central em sua vida. E como diz Paloutzian (1996), quanto mais fortes as crenças, mais difundidos são os efeitos da religião. No caso de Ana a religião ocupa todo o espaço de sua profissão e mais “religiosa” ela se apresenta aos outros.

Para Glock, in Paloutzian (1996), a segunda dimensão, a prática religiosa ritualística, diz respeito a comportamentos que são esperados da pessoa aderida a uma religião. Ela se focaliza nos rituais específicos que fazem parte da religião, a freqüência aos cultos, sacramentos, feriados especiais, dias da semana sagrados, etc. Para o autor, as regras da prática religiosa variam de religião para religião, porém, quanto mais a religião é estruturada, mais específicos são as regras de conduta e os códigos morais

que os membros devem seguir. Quanto mais a prática da pessoa corresponde à crença assumida, mais ela é vista como uma devota.

Na entrevista, pode-se notar que Ana procura seguir fielmente a conduta ritualística da sua religião. Ela é compromissada com relação à sua crença: *“Eu sou religiosa, eu sou católica desde que nasci, a minha família também é religiosa então teve toda aquela parte, me batizei no catolicismo, me crismei, e sempre, fiz a primeira comunhão e sempre procurei participar. Já participei muito de grupo de jovens, né, já dei palestra, e continuo participando, né (...).”*

Para Glock, in Paloutizian (1996), a dimensão do sentimento religioso, dimensão da experiência, relaciona-se ao mundo mental e emocional do indivíduo. Além das experiências que algumas pessoas chamam de ‘religiosas’, inclui-se nessa dimensão do sentimento, o desejo de acreditar em alguma religião, o medo de não ser religioso, a sensação de bem-estar físico, psicológico e espiritual que surgem em função da fé, entre outros.

Essa dimensão desempenha várias funções na vida religiosa. Uma delas é de dar um sentido para a vida da pessoa. Assim, a ocorrência de mudanças radicais na vida das pessoas podem resultar em mudanças no âmbito da religião. E vice-versa, profundas experiências de conversão são freqüentemente vivenciadas como crises emocionais profundas ou estados repentinos de alegria.

O sentimento religioso é altamente valorizado por Ana, e ela parece validar a fé de seus pacientes em função do estado em que eles se encontram ou em função do sentimento que demonstram vivenciar, já que acredita que sem a espiritualidade o homem não é nada.

A outra dimensão apontada por Glock, in Paloutizian (1996), é a denominada dimensão do conhecimento religioso, dimensão intelectual. Esta se refere à informação que as pessoas têm sobre a sua religião ou sobre as religiões. Embora todas as religiões tenham uma origem e história, nem todos os seguidores estão informados a respeito delas. Nessa dimensão, está incluída também a atitude da pessoa, aberta ou fechada, em relação ao material contrário à sua fé. Pessoas religiosas altamente dogmáticas, por exemplo, geralmente não se mostram receptivas à literatura crítica com relação à tradição que seguem.

Ana mostra sempre desejar aumentar o seu conhecimento religioso. Para isso fez um curso de Teologia durante seis anos, Em Busca do Ser, e fez o curso de Aconselhamento por considerá-lo mais espiritualizado, já que coordenado por padres. Em termos de conhecimento, o saber da área da Psicologia tem sentido para ela apenas se em concordância com o saber religioso, que para ela tem um valor muito superior ao de qualquer ciência.

Por fim, de acordo com Glock, in Paloutizian (1996), a dimensão consequencial, ou seja, dos efeitos religiosos que dizem respeito aos comportamentos da pessoa religiosa em relação às pessoas não-religiosas pode ter efeitos tanto positivos como negativos em termos pessoal e social.

No caso de Ana, os efeitos da religião em sua vida profissional não parecem satisfatórios, pois resultaram praticamente no abandono do seu papel. Embora apresente sua atuação como de psicóloga, ela age a partir de objetivos proselitistas e tenta colocar Deus no coração das pessoas, papel esse que, no meu entender, não é função de psicólogo. Essa confusão na especificação de sua função enquanto psicóloga pode ser o resultado dos conflitos interiores vivenciados e não elaborados durante a graduação de Psicologia, que geraram uma incongruência interna que dificultou a sua formação profissional.

Por outro lado, essa incongruência parece passar despercebida por Ana. Ela diz ter se formado há 19 anos e há 5 ou 6 anos, aproximadamente, conta que lidar com o tema espiritualidade e ciência de forma mais integrada. Explica que o curso de Teologia católico que frequentou, que *“não era embasado cientificamente e que fazia uso da Bíblia como instrumento, tinha o objetivo de buscar um autoconhecimento através da Bíblia, fazendo com que cada um procurasse passar para o dia-a-dia o que era vivido na Bíblia.”*

Depois desse curso, ela frequentou uma oficina de oração de um grupo católico que, de acordo com Ana, era semelhante ao curso Em Busca do Ser. Nele tomava-se um versículo da Bíblia e procurava-se perceber a partir desse versículo, como ele se aproximava dos seus próprios comportamentos. Conta como exemplo que, a partir de um versículo que se referisse a Maria, procuravam verificar quais dos seus comportamentos poderiam ser semelhantes aos de Maria. Ela, inclusive, tomava Maria

como modelo e fazia uma correlação dos comportamentos dela com a sua própria conduta profissional enquanto psicóloga: *“Por exemplo, a gente lia um versículo de como vivia Maria, será que você poderia pegar alguns comportamentos de Maria e utilizar no seu dia-a-dia e que você se sentiria bem, se sentiria satisfeita? Então você aprendia qual era a postura de Maria que era sempre aquela pessoa humilde, fazia qualquer tipo de trabalho, não media esforços, né. Uma pessoa forte que ficou ali na cruz, do começo ao fim, né? Será que a gente em situações que a gente tem até aqui no atendimento de pessoas, que totalmente fora de si, como que a gente reage, será que a gente é forte, será que a gente tá ali, que a gente tem que ser forte. Tem que tá ali com o paciente o tempo todo. Então, será que daria para ser como Maria o tempo todo, e ela como uma mãe que ela foi, uma mulher de fé. Daria para ser esta mulher de fé dentro da Psicologia?”*

Ana deixa bem claro que Maria é um dos referenciais que possui por meio do qual busca regular o seu comportamento profissional, mostrando mais uma vez, que sua atuação está apenas embasada em um modelo profundamente religioso. Isso parece lhe satisfazer pessoalmente, e, portanto, não sente-se motivada a buscar outros modelos teóricos da Psicologia para embasar tal atuação profissional.

Na oficina de oração, Ana notou que membros de outras religiões participavam das atividades desse curso e, inclusive, falavam de Deus independente da religião e do lugar. Esse fato parece ter trazido um novo sentido à sua espiritualidade, pois, após essa experiência, ela começou a abordar esse tema com mais frequência em sua vida profissional, buscando verificar, de forma bastante diretiva, como se encontra a vida das pessoas nessa área pois, dessa maneira, segundo ela, *“é possível perceber quando se originou o problema e se essa situação ocorreu em função do paciente estar ou não afastado de Deus”*.

Conseguir *“lidar com a ciência e a espiritualidade de forma mais integrada”* significa para Ana poder falar de Deus e abordar o tema espiritualidade com qualquer pessoa em sua prática clínica, em um contexto psicológico, o que lhe era proibido anteriormente.

Tudo indica que Ana não vivenciou a integração entre espiritualidade e Psicologia. Ela abandonou a Psicologia e descaracterizou-se profissionalmente. De

fato, Ana apresenta dificuldade em definir as abordagens e referenciais teóricos psicológicos que utiliza em sua prática clínica, demonstrando confusão de conhecimentos na área da Psicologia.

No início da sua formação, Ana procurava embasar a sua atuação na *“abordagem comportamental e psicanalítica”*. Atualmente, diz que utiliza a *“comportamental e psicanalítica, considerando a comportamental mais eficaz no assunto dependência química”*. Explica, também, que *“a Comportamental e a Gestalt-terapia são muito parecidas e que percebeu esta semelhança no curso de Aconselhamento.”* *“Descobriu”* que utilizava técnicas da Gestalt-terapia em sua atuação sem saber que pertenciam à Gestalt-terapia. No entanto, Ana demonstra dificuldade em citar os autores em que se baseia, quando questionada por mim, bem como especificar quais as técnicas utilizadas por ela e também em explicitar quais as semelhanças que encontra nas abordagens que utiliza. Apresenta a linha comportamental de forma simplista, como algo totalmente diretivo e que, segundo ela, tem o único objetivo de *“ensinar comportamentos, condicionar o cliente a novos comportamentos”*.

De acordo com Ancona-Lopez e Figueiredo (1993), como já dito, muitos psicólogos ao aderirem a uma religião que possua uma compreensão psíquica do homem, passam a considerá-la suficiente para embasar a sua atuação profissional e acabam por buscar abordagens teóricas que sejam congruentes com suas crenças e valores. Na primeira entrevista com Ana, inclusive, demonstrou entender o curso de Aconselhamento como uma abordagem congruente com suas crenças e valores e que, portanto, poderia ser usada em sua prática. *“Então, porque na época que eu estudei, nenhuma teoria dava para conciliar, só mais este Aconselhamento.”* Nesse momento, ela apresentou o Aconselhamento como linha teórica. Na segunda entrevista realizada, ao ser questionada por mim, porém, define o curso de Aconselhamento enquanto orientação cristã: *“(...) uma orientação do problema que a pessoa tem, o que ele precisa, mais voltado para a vida cristã, voltado para um Deus Todo-poderoso.”*

Ao analisar a relação de Ana com as diferentes “abordagens” que aprecia, pode-se inferir que ela possui modos diferentes de compreender o Aconselhamento dependendo do momento, não tem uma referência teórica consistente e congruente para sua atuação e apresenta dificuldades em definir a psicanálise, a linha

comportamental ou a gestalt-terapia, e não dialoga com autores de Psicologia. Isso indica a presença de uma atuação dita profissional, mas que não tem nenhuma fundamentação teórica. Conforme Ancona-Lopez e Figueiredo (1963), certos psicólogos acabam por fazer uso da Psicologia apenas para dar consistência ao seu próprio ponto de vista, no caso, religioso. É interessante lembrar que um processo semelhante pode ocorrer em profissionais com identidade mal estabelecida e que colocam a profissão a serviço de suas ideologias, individuais ou não.

Ana acredita também que o fato de ter freqüentado um curso de Aconselhamento é suficiente para considerar que aproximou o campo da Religião ao da Psicologia. No entanto, em nenhum momento ela se refere a qualquer conteúdo de ordem psicológica do curso. Por outro lado, no pôster dele, ao qual tive acesso, consta um programa com conteúdos de ordem evidentemente psicológica, pois o curso se propõe a ensinar aos seus alunos as abordagens humanistas, existencialistas, entre outras. Ana, porém, diz que fez o curso de Aconselhamento porque “ (...) *é feito por padres, que tem a religiosidade total.*”

Parece que ao não conseguir espaço dentro da área da Psicologia para abordar o tema espiritualidade, bem como, para elaborar suas questões pessoais sobre sua religião e a profissão que escolheu, Ana encontrou como solução para seu conflito uma ação profissional baseada em princípios regidos pela sua religião e baseado nos cursos religiosos que freqüentou. Resolveu esse seu problema na vida prática, por meio de uma ação religiosa, na qual coloca os recursos da Psicologia a serviço da Religião. Ana buscou apoio em teorias que não entrassem em choque com suas crenças religiosas, mas na verdade prescinde delas, pois a sua religião lhe basta. A Psicologia, no caso, tem a utilidade apenas de dar um nome e um enquadre social para a sua atuação e, no meio profissional, Ana desenvolveu, de acordo com Wulff (1997), uma imagem associada à denominação religiosa que defende.

Muitas vezes, em função da academia de Psicologia entender o tema religião como ilógico, não-científico e irracional, tudo isso ainda aliado ao preconceito existente, faz com que se torne difícil encontrar espaço para que o acadêmico discuta abertamente essas suas questões espirituais e religiosas. Conforme Ancona-Lopez (2005), isso impossibilita que ocorra a elaboração e assimilação reflexiva das vivências

espirituais, gerando um grande distanciamento entre as experiências pessoais e a linguagem profissional. Dificulta-se assim, um diálogo interno e externo consistente.

Acredito que o resultado desse processo pode implicar em sérias conseqüências, no caso, o fato de Ana encontrar e traçar os seus caminhos de forma nem sempre congruente com a Psicologia, bem como, consigo mesmo.

CAPÍTULO IV

CÉSAR

4.1. RELATO DESCRITIVO

César tem aproximadamente 50 anos, é católico, casado, psicólogo clínico, atua como psicoterapeuta há 20 anos e ministra cursos de pós-graduação na área da Psicologia, em um instituto de Psicologia. Quando ainda estava no seminário, estudou Teologia. Considera-se uma pessoa de fé, religiosa no sentido mais amplo do termo, ou seja, uma pessoa religiosa *“que se liga com o processo da transcendência”*. Ele entende a espiritualidade como *“a busca constante, sistemática ou não, do ser humano, né, com relação ao transcendente. O desejo quase de caminhar buscando algo a mais do que o processo de realização física nossa. É como se no nosso mais íntimo houvesse, e aqui eu acredito que exista, a busca, o desejo de transcendência. Espiritualidade é esse caminho, é o processo, o processo para atingir. Você podia dizer, então, é a ação? É a ação. É o esforço? É o esforço. É o querer? É o querer. É o desejo? É o desejo.”*

César afirma que a sua experiência na Psicologia foi diferente da minha. Em sua concepção, a Psicologia participou na formação da sua personalidade ao contribuir para que esse processo da transcendência se aprofundasse, pois, segundo ele, conseguiu *“sair de uma fé ingênua para uma fé acho que mais crítica, mais real na vida”*. Por influência da Psicologia, consegue criticar uma fé que é ingênua, em função de ter adquirido uma fé mais sólida, *“fruto mesmo da experiência de ter feito Psicologia em todos estes vinte anos de trabalho como psicoterapeuta.”*

Para César, as repercussões do curso de Psicologia apontadas por mim no início da entrevista, como a perda da fé ou o fato de alguém se tornar ateu, tem relação com o modo que cada um entende o ser humano. Segundo ele, quando a visão da pessoa resume-se apenas a uma visão biológica do homem, ela entende que não há

nada além do biológico. Mas, por outro lado, se ela compreende o homem como um ser bio-psico-socio-espiritual, ela inclui uma dimensão de espiritualidade em seu conceito.

No início do curso de Psicologia, ao entrar em contato com as obras de Freud e refleti-las, obras essas que consideram o processo religioso como expressão de uma neurose ou uma forma de equilibrá-la, César sentiu necessidade de buscar a sua própria compreensão de ser humano, a fim de clarificar para si mesmo essa definição. Foi aí que ele conseguiu sedimentar sua visão e as dimensões constituintes do homem. Ele conta que, ao “tocar” na dimensão espiritual, passou a filtrar tudo o que aprendia na Psicologia a partir desse prisma. Com essa “lente”, César conseguiu perceber o processo do estudo da Psicologia como ingênuo, *“a ingenuidade da percepção da fé ou ingenuidade do processo da Psicologia ela vem de quem olha o ser humano como uma questão reducionista. Se você tem uma imagem do ser humano só como biológico, você vai ter uma visão reduzida do ser humano. O ser humano é muito mais do que isso.”*

César comenta, inclusive, que as literaturas atuais apresentam uma visão de homem baseada em uma fundamentação biológica e que portanto, abordam a questão religiosa cada vez menos. Cita as obras de Steven Pinker, *Como a mente funciona* ou a outra dele, que aborda a questão da *tábula rasa*, sendo que ambas apresentam esta visão que afirma que *“nós não somos nada mais do que o biológico”*. César discorda deste pensamento, sendo que para ele, *“somos mais do que o biológico”, “eu acredito nessa consistência de que nós somos também uma fundamentação espiritual.”*

César acreditar ter sido influenciado por Viktor Frankl. Ele cita a tese de doutorado dele, chamada “Deus no inconsciente” na qual Frankl *“aprofunda o estudo que no mais íntimo nosso, na expressão que ele usa alma, habita a presença de Deus, além do inconsciente coletivo, além do inconsciente individual de Freud, nós temos ainda anterior como fundamentação, a presença, não de um Deus real no inconsciente, mas esta presença de Deus que de certa forma se faz presente no nosso inconsciente.”* Em seguida, ele justifica porque faz apontamentos sobre as diferentes abordagens psicológicas. Ele diz que está tentando fazer uma síntese de algumas crenças existentes dentro da clínica psicológica.

Na seqüência, César apresenta outra questão. De acordo com ele, *“se o ser humano é um ser espiritual também, como ele é biológico, como ele é racional, como ele é emocionalmente, como ele é, afinal de contas, psiquicamente, se ele é espiritual”*, o psicoterapeuta, em seu atendimento, irá oferecer suporte, atenção ao paciente independentemente da origem do mal estar. O paciente pode estar se sentindo mal por causa de uma disfunção, uma dor de barriga, que é uma questão biológica, ou pode desejar partilhar uma experiência espiritual, isso não importa, pois, para César, ambas experiências devem ser recebidas pelo psicoterapeuta como uma *“manifestação de ser que ele tá tendo”*. Ele, então, diz: *“E você vai trabalhar como você trabalha na questão do cuidado no atendimento do somático, como você trabalha também no cuidado e no atendimento do psicossomático, você vai também tá atento ao cuidado no atendimento do noético, do espiritual do indivíduo. Então, no próprio processo terapêutico existe um espaço da atenção, do carinho, do cuidado do noético, ou seja, do cuidado daquilo que é do espírito.”*

César comenta que essa percepção do processo espiritual, já era clara também para Jung, não apenas para Frankl, embora com outra abordagem. César diz acreditar que quando os pacientes entram em contato com esse *“processo espiritual”*, há uma maior possibilidade de *“recuperação da auto-estima, da dimensão do humano”*, e isso, facilita o processo terapêutico. *“Nesta experiência de vinte anos, eu vou dizer para você, que tenho percebido que aqueles indivíduos que tem uma abertura maior para a espiritualidade, para a fé, para esses valores transcendentais, o processo terapêutico tende a ser muito mais efetivo. É como se houvesse um recurso ou a uma percepção do recurso interior muito mais forte, não sei se isso responde.”* César afirma que *“a fé é um suporte que me auxilia a refazer a possibilidade de que o ser humano, apesar de suas fraquezas, pode ser amado e perdoado por Deus.”*

César conta que fez Teologia antes de começar o curso de Psicologia. No início dos anos 80, quando entrou na faculdade de Psicologia em Roma, estudou Filosofia durante o primeiro ano inteiro da faculdade, *“era muito curioso...o sistema de estudo se fazia assim, com sentido de se aprofundar.”* Assim, ele considera que recebeu bastante influência de pessoas ligadas ao sistema religioso em função de ter cursado Filosofia pura durante o primeiro no curso de Psicologia e Teologia no

seminário. Ele explica: *“A Filosofia me possibilitou a capacidade de um senso crítico muito grande. A Teologia me falou de um povo que vive a certeza da graça de Deus, de uma história de salvação e que um indivíduo mesmo não-amado e aceito é querido por Deus. A Psicologia me mostra que o ser humano pode desenvolver-se quando amado e aceito. Resumindo que a verdade sobre o ser humano é relativa. As ciências podem contribuir com a fé e vice-versa.”*

Ao falar sobre o ser humano, que para ele é um ser bio-psico-socio-espiritual, César coloca que os fundamentos dessa visão, bem como, de todo o processo psicoterapêutico, tem suas raízes no *“processo da visão fenomenológica do ser humano. E... a raiz dela está no existencialismo. E no existencialismo, aqui que você pega o primeiro no bloco todo do existencialismo, de Sartre até Gabriel Marcel do outro lado, mas todos eles quando falam da questão do homem, eles entendem o homem como um ser que se transcende, né? Essa transcendência, na minha compreensão, querendo ou não, ela se faz no espiritual. Então, se você fosse dizer, então, os pilares do teu processo psicoterapêutico estariam na fenomenologia e no existencialismo? Estão, estão sim.”* Ele ainda diz, que Frankl *“encarna a presença, ele percebe a presença, encarnar, o verbo é muito forte, mas onde ele percebe a presença desse ser humano como ser também espiritual.”*

No que diz respeito à fundamentação teórica da religião dele e da abordagem fenomenológica que César utiliza enquanto psicólogo clínico, ele aponta a existência de vários pontos que quase formam um abismo teórico, *“a minha fé fala de um ser humano constantemente em conflito que depende da fé em todos os aspectos da sua vida e que tem como fundamento um ser em pecado. Minha crença psicológica vê o ser humano um ser em desenvolvimento buscando sempre ser responsável”*. Entretanto, ele considera que há pontos de respeito entre ambas, como no que se refere ao transcendente.

Neste sentido, César confirma que foi a partir da visão de homem que possuía, que ele encontrou uma abordagem teórica que se aproximasse mais da sua compreensão de ser humano. Ao chegar em Roma, filiou-se ao Centro Europeu de Psicologia Humanista, que foi dirigido por Michele Fest, um dos grandes nomes da Psicologia Humanista da Europa, durante 15 anos. Ele teve muita sorte, pois nesse

período da sua vida conheceu pessoalmente Rollo May, Carl Rogers, todo o movimento da Psicologia Humanista Européia, Viktor Frankl, Ronald Laing, o pai da anti-psiquiatria, Stanislav e Christina Groff. Ele relata que nessa época, início dos anos 80, havia em Roma, em Zurique na Suíça uma abertura para discussão de idéias. Segundo ele, todos estes autores, principalmente o Rollo May, ao falar ou escrever sobre a Psicologia, iniciavam suas reflexões psicológicas a partir de uma visão de homem. Maslow ao abordar temas da Psicologia, também o fazia a partir de uma visão de homem, ele *“fala das possibilidades de crescimento e de expansão do ser humano e ele fala dos processos de pic experiences, das experiências transcendentais, e, mais tarde, ele chega a realmente afirmar que a realização do ser humano vem no processo, né, do toque no espiritual.”*

César conta que Ronald Laing, Rollo May, Viktor Frankl (nomes profundamente consistentes), eram homens diferentes, mas que possuíam em comum, a simplicidade. *“Se você perguntasse para mim um traço comum entre todos eles eu vou dizer assim, a simplicidade, todos eles homens extremamente simples... de sentar com você, conversar, apesar da minha dificuldade na época na expressão de línguas.”*

Com Stanislav e Christina Groff (pais da Psicologia Transpessoal) que trabalham com a experiência da consciência, César vivenciou uma experiência impressionante e curiosa. Após jejuarem por alguns dias, fazia-se um processo psicoterapêutico de cinco, seis horas e entrava-se em escalas de consciência diferente, na qual a pessoa tinha percepções de consciência diferente. Segundo César, essas *“percepções de consciência da Psicologia Transpessoal te levavam a percepções de consciência espiritual”*, era como se a pessoa transcendesse a própria realidade. Embora considere que parece bobagem falar sobre essas experiências, César comenta: *“mas as experiências eram essas.”*

Embora César tenha participado dessas experiências de alteração de consciência e lido muito sobre o assunto, ele destaca, porém, que nunca trabalhou clinicamente com essa abordagem. No entanto, ele diz, *“mas que realmente existe alteração no ser humano, existe. E que a espiritualidade faz diferença no processo de alteração comportamental, de alteração do comportamento do ser humano, faz”*.

César fala que algumas pessoas dizem que isso pode ser observado quando os sistemas religiosos criam comportamentos. Mas ele discorda desse pensamento, pois, não acredita que o fenômeno da religiosidade possa ser explicado por meio de processos comportamentais, behavioristas. Ele explica: *“Não é que você tem espiritualidade hoje porque você foi condicionada por teus pais a ser a Cinthya que é hoje. A Cinthya é hoje devido, é o que é hoje, devido a um monte de fatores. Às vezes, teus pais não têm nada a ver com a espiritualidade tua e você é uma pessoa extremamente que busca uma realidade transcendental”*.

César comenta que sente saudades desse tempo, desse pessoal. Conta que esse foi um momento muito ativo e marcante em sua vida. Ele relata que durante três anos sistemáticos, reuniam-se todos no Centro de Psicologia Humanista Européia em Roma, às sextas-feiras, às seis da tarde, após o término das aulas da faculdade. Nesses encontros, participavam também psicólogos da Suíça, do sul da Itália, da Espanha, enfim, psicólogos de toda a Europa. Passavam todo o final de semana juntos nesse Centro. *“Dormíamos lá, não tinha ninguém que fazia alimentação lá, você mesmo fazia, eu era o único brasileiro, foi assim durante três anos, foi uma experiência muito rica. E esse pessoal ia nesse centro, Ronald Laing, todo esse pessoal participava. Não que eles participavam nessa intensidade, mas eles iam dar cursos, iam dar seminários, eles eram trazidos para dar seminários.”*

Comento com César que essas experiências relatadas por ele parecem ter muita relação com o modo como foi sendo delineado o seu caminho teórico e ele confirma: *“É, é... Foi, foi... nós sofremos influências muito fortes deles.”* Ele afirma que todos esses homens que citou eram extremamente humildes, simples, mas o que mais o impressionou no que diz respeito à personalidade, foi Frankl. *“Victor Frankl era extraordinário, extraordinário. Ele tinha uma frase muito interessante, dizia: Quem somos nós? Somos aqueles que somos capazes de soltar bombas em Hiroshima, Nagasaki e ao mesmo tempo somos capazes de entrar dentro das câmaras de gases com a cabeça erguida e ao mesmo tempo capazes de partir o pão com o outro. Ele era muito... um homem extraordinário. Até esse ano é cem anos de nascimento de Frankl, ele nasceu exatamente cem anos atrás, dia 26 de março de 1905, participou do movimento de Viena, de todo esse movimento.”*

César cita dois autores dentro da linha existencial que são importantes para ele e que se aproximam mais da sua fé: Binswanger e Frankl. Ele ressalta o fato, porém, do risco em se ficar preso, enquanto profissional, a uma única pessoa, *“como se a gente fizesse escola em cima do indivíduo”*, pois isso pode limitar muito o profissional. Neste sentido, não gosta de autodenominar-se logoterapeuta, embora goste muito das teorias de Frankl e as leia. César não quer, não gosta de *“ficar parado aí não”*. Ele cita exemplos de outros movimentos muito fortes na atualidade, como a escola no sul da Alemanha, Anselm Grun, que é constituída por oito, nove psicólogos, médicos, fisioterapeutas... Acha que essa escola irá se tornar um referencial aos profissionais da Psicologia, pois, de acordo com ele, *“eles foram fundados com este objetivo, de unir a experiência mística, a espiritualidade como Eros na expressão deles. Eu acho que ainda eles vão trazer muito no descobrimento dos processos de aprofundamento da Psicologia. Eles têm sido altamente produtivos. Nos últimos dez anos, eles editaram na Alemanha mais de cinquenta livros trazendo essa reflexão de espiritualidade e Psicologia. Nós estamos recebendo no Brasil agora os primeiros, aquele que a Sonia Lyra traduziu, Eros e Mística.”*

César aponta também John Powell, que alguns julgam ter simplificado muito os processos psicoterapêuticos, mas que, na opinião dele, faz tentativas de unir a Psicologia e a espiritualidade na universidade Loyola em Chicago. *“Eu acho que os Estados Unidos é muito significativo, na Itália os movimentos são muito fortes, na Alemanha hoje é muito forte, essa busca sistemática muita séria da união da Psicologia e espiritualidade. Todos eles sofreram influência desse grande grupo dos anos 70, 60, 80.”*

César considera que a espiritualidade e a Psicologia são congruentes. Ele acredita que a espiritualidade é constituinte do ser humano e, portanto, o homem possui em seu íntimo o desejo da transcendência: *“Você não pode retirar a espiritualidade do ser humano ou não considerar o ser humano em sua espiritualidade sobre o risco de exclusão, vou falar isso aqui é forte mais muito consciente, sobre risco de exclusão, é... de perceber o ser humano como realmente um ser rico, abrangente, não pode... é constituinte do ser humano, faz parte do ser humano. É... como nós temos um instinto, se veja como é forte isso Cinthya, como nós temos um instinto de se alimentar, instinto*

de agressividade, instinto da sexualidade, nós temos no mais profundo dentro de nós ainda, o desejo da transcendência. Os desejos levantados por Freud são reais, mas não são só aqueles. E o ser humano, interessante isso, o ser humano, ele só descansa, ele só se acalma como ser humano quando ele encontra esse processo. É intrínseco à humanidade, é intrínseco à humanidade, faz parte do ser humano.” Ele afirma: “com a religião aprendi a crer além do previsível. E com a Psicologia aprendi a tornar real a relação.”

César considera que a existência da violência, da miséria e do desencontro humano é resultado de *“um desencontro do homem consigo mesmo”* e o psicoterapeuta teria a função de buscar fazer com que o seu cliente tenha um encontro consigo mesmo.

4.2. ANÁLISE INTERPETATIVA

Parece-me que a visão que César tem do homem é o eixo fundamental para compreender como ele foi fazendo suas escolhas teóricas em Psicologia. Ele, atualmente, possui uma compreensão bem clara e definida do homem. Tudo indica que esta visão foi sendo construída mesmo antes dele iniciar o curso de Psicologia pois, quando ainda estava no começo, ele conta que ao entrar em contato com as obras de Freud, que segundo ele, analisam o processo religioso como uma expressão de uma neurose ou uma forma de equilibrá-la, teve que *“voltar e voltar”* para a sua compreensão do homem. *“ No início do processo da faculdade quando a gente teve os primeiros contatos com as obras de Freud e toda reflexão psicanalítica, aquelas percepções mesmo de que o processo de repetição, etc e tal, que via o processo religioso como uma expressão de uma neurose, uma maneira talvez de equilibrar uma neurose, uma maneira repetitiva, ali fui obrigado, de certa forma, a voltar e voltar para minha compreensão do que é o homem, como eu entendia o ser humano.”*

Um incômodo surgiu em César quando percebeu o modo como a psicanálise compreendia o processo religioso, e neste momento, ele voltou-se para a sua vivência, numa atitude reflexiva a fim de apreendê-la como uma totalidade. Através da reflexão, como diz Forghieri (2004), é que o homem consegue dialogar consigo mesmo acerca

de conceitos, idéias e significações, a fim de relacioná-los e compreendê-los em sua totalidade, e parece-me que, neste sentido, César começou a tentar compreender, a partir de uma abordagem fenomenológica, mesmo sem ainda ter noção disso, qual era a sua visão pessoal de homem, quais pressupostos a embasavam e quais as dimensões o formavam.

“No início do processo da faculdade quando a gente teve os primeiros contatos com as obras de Freud e toda reflexão psicanalítica (...), ali fui obrigado, de certa forma, a voltar e voltar para minha compreensão do que é o homem, como eu entendia o ser humano.” Tudo indica que, nesse momento, ele se permitiu também questionar a respeito das crenças que possuía sobre o homem e, neste processo, parece ter sido tocado de modo especial pela dimensão espiritual constituinte deste, e neste sentido, elege essa faceta como referencial para sua compreensão posterior dos processos de estudo da Psicologia: *“Então, nesse momento que eu voltei e me sedimentei o que é o ser humano para mim, que dimensões ele tem. E quando toquei daí de novo nessa dimensão que era espiritual, eu comecei também a filtrar todo o processo de estudo de Psicologia a partir desse prisma.”*

Penso que o fato de César *“voltar e voltar”* para sua visão de homem indica, também, que ele já possuía, antes mesmo de escolher a Psicologia, uma forma bem pessoal de entender o ser humano, mesmo que ainda não elaborada totalmente. *“Então, nesse momento que eu voltei e me sedimentei o que é o ser humano para mim, que dimensões ele tem.”*

Ao ter mais claro para si mesmo a sua compreensão de homem, César parece selecionar suas leituras levando em consideração a sua visão de homem, cuja dimensão espiritual está incluída. Ou seja, ele passa a escolher autores que estão em sintonia com suas crenças, o que lhe garante um maior conforto e consistência interna.

César, entretanto, entende que a dimensão espiritual só é incluída na compreensão do homem, quando se consegue possuir uma visão que ultrapasse o embasamento biológico, pois, basear-se apenas em uma fundamentação biológica, significa possuir uma compreensão reducionista do homem e ele não concorda com uma visão assim. *“Se você tem uma imagem do ser humano só como biológico, você vai ter uma visão reduzida do ser humano. O ser humano é muito mais do que isso. (...)”*

acredito nessa consistência de que nós somos também uma fundamentação espiritual.” Assim, César explica que a dimensão espiritual é considerada ou não, dependendo dos diferentes modos de entender o homem.

Percebo que a dimensão espiritual parece ser peça fundamental na constituição do homem para César, mas ele, no entanto, não o define unicamente por essa faceta, pois, ele compreende o homem em sua totalidade, como um “*ser bio-psico-social-espiritual*”. Essa posição que César apresenta assemelha-se à de Ribeiro (2004), entre outros autores. Para esse autor, o ser humano também é um ser bio-psico-sócio-espiritual, cujas dimensões constituem sua estrutura experimental, experiencial, existencial e transcendental, que tornam o homem um ser holístico, global.

Ribeiro (2004, p.19-20) explica cada dimensão que constitui o ser humano da seguinte maneira: a dimensão experimental se fundamenta no aspecto geobiológico, que se refere à fase de tentativa do homem em localizar-se no mundo, construir sua geografia humana. A dimensão experiencial, que tem sua base no aspecto psicoemocional, está relacionado à fase que o homem ingressa no campo psicoemocional, onde as experiências que tiver irão conferir sentido ao seu mundo. A dimensão existencial, que tem seu fundamento no aspecto socioambiental, está relacionado à fase em que o homem no seu meio socioambiental passa a experienciar valores, que neste momento, já são individualizados. Por fim, a dimensão espiritual, que tem sua base no aspecto sacro – transcendental e está ligada à fase em que o homem, já com esses outros campos mais integrados, vivência uma espiritualidade mais adulta, como possível escolha de vida; a espiritualidade encontra seu campo fecundo para florir.

César ressalta porém, que se a espiritualidade é um elemento constituinte do ser humano, desconsiderá-la, significa excluir dele a sua riqueza enquanto homem “abrangente”. Vaz (2001) confirma esse pensamento de César, pois ele, assim como Maslow (1971) e Giovanetti (2005), consideram que a espiritualidade é uma característica constitutiva própria do ser humano, sem a qual, ele não pode viver. Para Giovanetti (2005), no entanto, nem todo homem consegue cultivar a espiritualidade e, assim, permitir que ela direcione sua vida.

César parece ir mais além e concebe a espiritualidade, tanto como uma força motriz que impulsiona o ser humano ao encontro da transcendência, como também, o próprio caminho ao encontro a ela. Ou seja, o homem, em seu interior, possui um desejo de transcendência; ao entrar em contato com esse processo, de acordo com César, consegue *“descansar*. Vaz (2001) também entende a espiritualidade como uma capacidade espiritual humana de transcender, ultrapassar os próprios limites, ir além de si mesmo. Ancona-Lopez (2005, p.5), semelhante a César e Vaz (2001), coloca que é a dimensão espiritual do homem que ” o impulsiona a uma contínua transcendência, a um movimento sem fim de sair de si e voltar-se para o mundo para conhecê-lo e conhecer a si mesmo, buscando transcender, em seu limite, a si mesmo e ao mundo.” Frankl (1978) ressalta que é a dimensão do espírito que possibilita ao homem a transcendência, que significa estar aberto para uma realidade mais ampla e estar presente a si mesmo.

César ainda complementa seu modo de entender a espiritualidade como sendo, *“O desejo quase de caminhar buscando algo a mais do que o processo de realização física nossa. É como se no nosso mais íntimo houvesse, e aqui eu acredito que exista, a busca, o desejo de transcendência. Espiritualidade é esse caminho, é o processo, o processo para atingir. Você podia dizer, então, é a ação? É a ação. É o esforço? É o esforço. É o querer? É o querer. É o desejo? É o desejo.”* No meu entender, parece que César compreende que a espiritualidade parece ser ao mesmo tempo uma necessidade básica humana, mais especificamente, uma necessidade biológica (MASLOW, 1971), como também, uma necessidade psicológica constitutiva de todo do ser humano, que vai além do físico e se torna uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir (VALLE, 2005).

Parece-me que quando César elabora sua visão do homem, elegendo a dimensão espiritual como uma referência para o estudo da Psicologia, começa a trilhar seu caminho teórico de um modo mais consistente, pois, nesse momento parece conseguir definir um caminho a seguir. César busca autores que possuem certa ressonância com seu o modo de entender o homem, como, por exemplo, Viktor Frankl e Biswanger, e, no entanto, distancia-se das abordagens que possuem uma visão incongruente em relação à sua, como as que se baseiam apenas em uma

fundamentação biológica, e que se afastam de questões religiosas, como, a proposta de Steven Pinker.

Entendo que as escolhas que César foi fazendo, por um caminho específico, foram surgindo, a partir das vivências que foi tendo enquanto, estudioso, profissional, enfim, enquanto ser humano, que enfrenta diferentes situações no dia-a-dia. Forghieri (2004, p.3-4) acredita que:

A ciência psicológica está entrelaçada à vivência do psicólogo; e é na alternância interligada das teorias com sua vivência que ele vai chegando às suas preferências teóricas e convicções (...) são convicções imbuídas de conceitos teóricos racionais e de crenças que ele não consegue explicar satisfatoriamente, pois surgem não apenas da coerência de seu raciocínio como, também, de seus sentimentos e de sua vivência imediata global. [...]

César reflete sobre suas escolhas: *“Se você pegar hoje, hoje eu falo 2005, toda a literatura de fundamentação biológica, a busca toda, ela realmente ela tá deixando, hoje, mais ainda para trás, a questão religiosa. Você pega, por exemplo, as obras de Steven Pinker, Como a mente funciona ou essa outra mais nova ainda, que é a questão da tábula rasa, eles afirmam categoricamente que nós não somos nada mais do que o biológico. E nós somos mais do que o biológico. Então, realmente, essa visão de ser humano se torna uma questão biológica, como você vê o ser humano. Para mim, não é biológica, eu acredito nessa consistência de que nós somos também uma fundamentação espiritual. É, talvez eu tenha sofrido também muita influência de Viktor Frankl, né? O Viktor Frankl tem na sua obra de doutorado, a obra de doutorado de Viktor Frankl chama-se Deus no inconsciente, onde ele aprofunda o estudo que no mais íntimo nosso, na expressão que ele usa alma, habita a presença de Deus, além do inconsciente coletivo, além do inconsciente individual de Freud, nós temos ainda anterior como fundamentação, a presença, não de um Deus real no inconsciente, mas essa presença de Deus, de que certa forma se faz presente no nosso inconsciente. Essa é a tese de doutorado dele.”*

Entre os autores que César compartilha suas idéias, e, neste sentido, recebeu alguma influência deles, estão, Viktor Frankl, Biswanger, Rogers, Rollo May, alguns autores religiosos que entrou em contato ao estudar Teologia e Filosofia, que

entre outros, consideram a dimensão espiritual do homem. Ele já havia cursado Teologia quando ainda estava no seminário, e estudou Filosofia durante um ano quando estava no primeiro ano de Psicologia, em Roma, onde fez sua formação.

Ele demonstra sua capacidade de síntese ao apresentar a articulação que faz entre Filosofia, Teologia e Psicologia: *“A Filosofia me possibilitou a capacidade de um senso crítico muito grande. A Teologia me falou de um povo que vive a certeza da graça de Deus, de uma história de salvação e de um indivíduo que mesmo não-amado e aceito é querido por Deus. A Psicologia me mostra que o ser humano pode se desenvolver quando amado e aceito. (...) As ciências podem contribuir com a fé e vice-versa.”* No meu entender, César concebe então, um modo de pensar, no qual, a Teologia, Filosofia e a Psicologia são elementos sinérgicos, em que cada um traz consigo um instrumento importante para a melhoria do ser humano enquanto ser global. No encontro desses três conhecimentos, em uma relação de reciprocidade, Teologia, Filosofia e Psicologia influenciam-se mutuamente.

Embora César considere que as teorias de Viktor Frankl e Biswanger são as abordagens que mais se destacam no que se refere a uma maior aproximação com sua fé, ele não sente-se confortável em se autodenominar logoterapeuta. Percebo que ele sente-se bem em manter uma postura sempre aberta a novos conhecimentos que surjam e não quer se ater a um único autor, pois tem consciência dos riscos que isso pode causar. Mas, mesmo apresentando essa postura, percebe-se que ao citar seus autores preferidos, todos pertencem a abordagens teóricas que seguem uma linha de pensamento em comum, embora possuam alguns pontos incompatíveis entre si. César demonstra, além disso, ser um profissional sempre atualizado, em busca de novos conhecimentos:

“Mas o risco sempre nosso, nosso mesmo como profissionais é ficarmos presos a um indivíduo, como se a gente fizesse escola em cima do indivíduo. Isso é um risco que nos traz um limite muito grande. Então, eu não gosto de me autodenominar, por exemplo, logoterapeuta, não, não, eu gosto muito das teorias dele, leio muito ainda sobre Frankl, mas eu não gosto de ficar parado aí não. Eu penso que existe hoje, por exemplo, movimentos muito fortes, por exemplo, como essa escola no sul da Alemanha, Anselm Grun, e o grupo dele é hoje constituído ali, são oito, nove

psicólogos, médicos, fisioterapeutas, ... Eu acho que eles vão ser muito referência para nós, porque eles foram fundados com este objetivo, de unir a experiência mística, a espiritualidade com o Eros na expressão deles. Eu acho que eles vão trazer muito ainda no descobrimento dos processos de aprofundamento da Psicologia. Eles tem sido altamente produtivos. Nos últimos dez anos, eles editaram na Alemanha mais de cinquenta livros trazendo essa reflexão de espiritualidade e Psicologia. Nós estamos recebendo no Brasil agora os primeiros, aquele que a Sonia Lyra traduziu, Eros e Mística. E também é interessante porque se você pegar um nome como por exemplo John Powell, né, que aparentemente ele é acusado de ter simplificado muito os processos psicoterapêuticos, mas ele também representa uma tendência de união ali na Universidade Loyola em Chicago de uma tentativa também muito forte da união da Psicologia e espiritualidade.”

Quando César fez o curso de Psicologia em Roma, aproximadamente na década de 80, César conheceu e teve contato próximo com Rollo May, Carl Rogers, Viktor Frankl, Ronald Laing, Stanislav e Christina Groff, entre outros. Segundo ele, teve a oportunidade de vivenciar com eles experiências incríveis durante três anos seguidos, nos finais de semana, quando se reuniam no Centro de Psicologia Humanista Européia. Época essa caracterizada pela livre discussão de idéias.

Considerando as vivências de César, em uma época que havia uma maior liberdade de expressão, entendo que ele pode experienciar na prática os ensinamentos desses autores com quem conviveu durante três anos, o que provavelmente lhe trouxe contribuições posteriores, também, para sua atuação profissional. Ele participou, inclusive, de dinâmicas que lhe permitiram entrar em contato com a sua dimensão espiritual. Tudo indica que, ali nesse grupo, encontrou espaço e oportunidade para trabalhar suas questões referentes ao tema psicologia/religião. Ancona-Lopez (2005, p.152) esclarece que um ambiente acolhedor e propício pode facilitar para que os psicólogos consigam descrever suas experiências religiosas e isso, pode contribuir para que atuação do psicólogo seja mais congruente, pois esta será embasada pelos seus conhecimentos racionais e teóricos, além das suas experiências particulares do dia-a-dia (entre elas espirituais e religiosas), que se encontram carregadas de “crenças,

valores, simbologias, concepções sobre o ser humano, sentidos de vida,” e que, dessa forma, acabam por influenciar o profissional.

Acredito, também, que a vivência com esse grupo, na maioria formada por psicólogos, contribuiu de alguma forma, para que César fosse construindo sua teologia particular, sua forma de vivenciar sua religiosidade, sua fé. Para César, a Psicologia lhe trouxe contribuições neste sentido: *“E a minha experiência na Psicologia, é... eu percebo de maneira diferente. Na verdade o que eu acho que a Psicologia fez como contribuição na minha formação de personalidade foi aprofundar o processo, sair de uma fé ingênua para uma fé acho que mais crítica, mais real na vida. Eu acho que da minha experiência de Psicologia ela me levou realmente a criticar uma fé ingênua. Hoje eu me vejo com uma fé mais sólida, como fruto mesmo da experiência de ter feito Psicologia em todos estes vinte anos de trabalho como psicoterapeuta. “*

No que se refere a assuntos teóricos dentro da Psicologia, César revela segurança, conhecimento e postura crítica. Percebo claramente, o modo como ele consegue, de fato, criar uma linha de raciocínio coerente junto a esses autores que admira, e é capaz de fazer articulações entre sua atuação profissional, sua fé e a abordagem fenomenológico-existencial que utiliza. O fato de ter clarificado, elaborado e assimilado a sua visão de homem, de mundo, parece ter sido um instrumento facilitador nesse processo acima.

Ao falar do ser humano, que para ele é um ser bio-psico-socio-espiritual, César explica que os fundamentos dessa visão, bem como, de todo o processo psicoterapêutico, tem suas raízes no *“processo da visão fenomenológica do ser humano. E... a raiz dela está no existencialismo. E no existencialismo, aqui que você pega o primeiro no bloco todo do existencialismo, de Sartre até Gabriel Marcel do outro lado, mas todos eles quando falam da questão do homem, eles entendem o homem como um ser que se transcende, né? Essa transcendência, na minha compreensão, querendo ou não, ela se faz no espiritual. Então, se você fosse dizer, então, os pilares do teu processo psicoterapêutico estariam na fenomenologia e no existencialismo? Estão, estão sim.”* Ele ainda diz que Frankl *“encarna a presença, ele percebe a presença, encarnar, o verbo é muito forte, mas onde ele percebe a presença desse ser humano como ser também espiritual.”*

Para César, é imprescindível que o psicoterapeuta em sua prática fique atento a todas essas dimensões que constituem o paciente. Vejo que para ele, o modo de atuação do psicoterapeuta tem sua origem na própria visão de ser humano. Se, para ele, o homem é um ser bio-psico-sócio-espiritual, isso parece explicar o fato de César considerar necessário que o psicoterapeuta possua uma postura de acolhimento e de atenção, independente da queixa trazida e que volte o seu olhar para a “*manifestação de ser*” apresentada pelo paciente, o que inclui também os cuidados que se deve ter no que diz respeito à área espiritual do indivíduo, “*ao atendimento do noético*”, pois, para ele, tem que existir no próprio processo psicoterapêutico um espaço para essa atenção. Como nos diz Ribeiro (2004, p.23),

Estamos inundados, cercados do religioso, do espiritual, do sagrado. Toda existência humana é feita de encontros nos mais diversos níveis, e um desses níveis, é a possibilidade de se encontrar com Deus. É na alma do homem que isso tudo reverbera, e a Psicologia torna-se o lugar desse encontro homem-espiritual, homem-sagrado-mundo.

Compreendo assim que, para César cuidar da dimensão espiritual do paciente, além das outras, é velar pela sua saúde global. Noto que para ele, o prognóstico do paciente parece ser mais positivo, no que se refere à “*possibilidade de recuperação da auto-estima, da dimensão do humano*”, quando o indivíduo possui uma abertura para o espiritual, para os valores transcendentais, ou seja, quando este se permite ser tocado pelo espiritual. Percebo que a espiritualidade parece funcionar como um catalisador que pode ativar os recursos interiores que a pessoa possui e que contribui para que o processo psicoterapêutico se dê de forma mais efetiva. A espiritualidade da pessoa parece possuir uma função que visa desabrochar o potencial adormecido do indivíduo.

Dessa forma, César parece concordar com a concepção de Giovanetti (2005, p.137), que considera fundamental que o paciente cultive sua espiritualidade, pois, embora todo ser humano tenha a sua, nem todos a cultivam permitindo-lhe direcionar suas vidas. Como para ele “espiritualidade designa toda vivência que pode

produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com os outros homens”, prestar atenção nessa dimensão não significa desvalorizar as outras dimensões do ser humano, mas, prezar para que possuam uma base sadia.

Interpreto que a concepção de homem do César, em que insere a dimensão da espiritualidade, dá consistência à sua religiosidade, enquanto homem de fé, católico e que tem como princípio básico a busca do transcender. Ele considera que o curso de Psicologia trouxe contribuições para sua vida espiritual; sua fé que antes era ingênua, transformou-se em uma fé mais madura.

César encontrou na perspectiva fenomenológico-existencial uma abordagem que consegue fundamentar sua visão de homem e de processo psicoterapêutico, pois, enquanto terapeuta, ele parece buscar

[...] tentar, junto com o cliente, captar e melhorar o que, de certo modo, não está funcionando bem, e o de participar do existir do cliente, estar próximo dele, principalmente nos momentos de aflição, para que ele não se sinta sozinho, relegado ao plano de mero instrumento enguiçado. (FORGHIERI, 1984, p.27)

Além disso percebo nele características em seu modo de ser enquanto profissional e pessoa humana, que assemelham-se às exigidas por esta abordagem,

[...] o do profissional competente, profundo conhecedor tanto de teorias psicológicas, como dos fundamentos do existir humano; e o da pessoa humana, sensível, que esteja disposta a ficar próxima ao cliente, enfrentando o risco de comprometer a sua própria existência na luta pela libertação dele. (BISWANGER, apud, FORGHIERI, 1984, p.28)

César parece conseguir estabelecer apropriadamente os limites da sua crença na sua religião, como na Psicologia. Ele apresenta, de forma sintética, a visão de homem que cada conhecimento tem, segundo sua percepção: “ *a minha fé fala de um ser humano constantemente em conflito que depende da fé em todos os aspectos*

da sua vida e que tem como fundamento um ser em pecado. Minha crença psicológica vê o ser humano um ser em desenvolvimento buscando sempre ser responsável". E complementa dizendo que "com a religião aprendi a crer além do previsível. E com a Psicologia aprendi a tornar real a relação".

Entendo que César propõe a Religião e a Psicologia como conhecimentos, que ao mesmo tempo, distanciam-se de certo modo ao entender o ser humano, mas se complementam quando o ser humano está em relação, pois a Psicologia pode contribuir como aliada, pois traz em si os fundamentos científicos que sustentam a relação entre terapeuta e cliente, e a religião parece dar suporte ao fato de que a relação vai além daquilo que pode ser visto, sentido ou explicado.

CAPÍTULO V

BETH

Beth tem 40 anos, é católica, casada, formada há 17 anos, psicóloga clínica com formação em gestalt-terapia. É mestre em psicologia clínica, ministra aulas em curso de Psicologia e em cursos de formação em gestalt-terapia.

Beth se considera uma pessoa religiosa, mas, explica como vive sua religiosidade, *“não no sentido de viver a religiosidade enquanto instituição, porque eu não sou uma pessoa assim que vive na igreja, eu não tenho muito o ritual religioso na minha vida. Mas eu sou uma pessoa que eu tenho muita fé, vejo muito o significado em tudo que eu faço.”*

Beth demonstra facilidade ao falar sobre sua religiosidade, mas ressalta que essa vivência não está muito atrelada aos rituais religiosos de uma instituição, embora considere-se católica. Compreendo que sua religiosidade implica em ter fé e encontrar significado em tudo que faz. Penso que seu modo de ser religiosa parece se identificar com a forma como Giovanetti (2005) concebe religiosidade e, por outro lado, como a fé é entendida por Fowler (1992).

Giovanetti (2005) coloca que a religiosidade implica em uma relação do ser humano com um ser transcendente, sendo que a partir dessa ligação, por meio da fé e da vivência de uma crença é que se faz o caminho da construção do sentido. Já Fowler (1992) complementa o pensamento de Giovanetti (2005) ao falar que a fé não pode ser considerada uma dimensão separada da vida, pois ela orienta o ser humano, dando-lhe um propósito e um foco a ser atingido por meio do seu modo de agir e pensar. Ela permite que o ser humano se comprometa com a vida e com o outro, pois a fé sempre está implicada em relacionar-se com o outro.

Às vezes, quando está atendendo, Beth não consegue perceber no cliente apenas um conteúdo psicológico, não consegue olhar a pessoa que está atendendo e *“imaginar que ela seja só psiquismo. Eu, eu enquanto pessoa, terapeuta e psicóloga*

não consigo olhar para o meu cliente, meu paciente e imaginar que ele é só psicológico, né.”

Beth conta que já esteve diante de clientes em que “*sentiu na pele*” um “*peso espiritual*”, e, desde modo, não poderia considerar apenas o “*psicológico*”, “*casos graves, às vezes, de uma depressão, ou de um transtorno emocional qualquer, de eu olhar para a pessoa, ver toda a sintomatologia, na Psicologia, aquela que os manuais de psicopatologia que a gente estuda ensinam, mas, eu olhar olho no olho, sentir na pele, na minha relação com a pessoa, olhar para ela, eu perceber: nossa, essa pessoa ela tem realmente um peso espiritual na vida dela muito grande, é uma pessoa que deve estar nesta situação por conta não só do psicológico, mas por conta da pessoa, ter aí, toda uma vida espiritual que acabou chegando nisso.*”

Ales Bello (2004) destaca que não é possível conhecer todas vivências que se dão nos outros, mas que se pode entender um pouco o que os outros estão vivenciando no momento por meio de sua fala, de seus gestos, da expressão do rosto e da atitude do corpo. A percepção nos remete aos sentidos, ao corpo, e por meio dela pode-se conhecer o mundo da pessoa, a sua realidade. Noto que Beth tem facilidade de apreender o que o seu cliente está vivenciando de uma forma muito singular, pois procura se manter aberta às mensagens captadas por seus sentidos, por sua percepção. Ales Bello (2004, p.53) explica que

Conseguimos captar o que os outros estão vivendo, pois também nós podemos viver as mesmas coisas, mesmo que não seja neste instante. Isto é possível porque existe uma vivência, que no idioma alemão chama-se de *Einführung*, a raiz *fuhr*, é como o inglês, *feel* (=sentir). É um sentir, no sentido de ter a capacidade de colher algo, de captar, de perceber. [...] Esse sentir dentro, nos permite captar o que os outros estão vivendo.

Beth diz ter vivenciado experiências nas quais percebeu que enquanto a cliente não vivia nada da sua espiritualidade, o seu progresso psicoterapêutico era muito menor, e que, quando começava a perceber essa dimensão em terapia, e buscava cuidar melhor dessa faceta, ela própria descobria o quanto era importante e como não estava dando atenção a esse aspecto em sua vida. Beth cita uma

experiência que teve com uma cliente sua em terapia: *“é uma estudante, ela estuda prá caramba, ela sai, ela tem amigas, mas ela não tem, ela não está regando, alimentando a espiritualidade dela de nenhuma maneira, então, quando ela começa a fazer isto, a cuidar desta dimensão espiritual, como o avanço terapêutico é mais rápido.”*

A percepção clara sobre esse tema, Beth obteve em sua experiência terapêutica e considera, inclusive, que este assunto faz parte da ciência da Psicologia: *“Hoje a gente sabe que o ser humano é um ser bio-psico-sócio-espiritual. Acabou aquela coisa do ser humano psico-social, ele é bio-sócio-psico-espiritual. Isto significa que ele tem uma dimensão que é do biológico, que é orgânica, que precisa ser cuidada. Ele tem uma dimensão psíquica, emocional, das representações do psiquismo, que precisa ser cuidada. Ele tem uma dimensão social, ele precisa ter amigos, ele precisa se relacionar, as relações dele podem ser produtivas ou não. Mas ele também tem uma dimensão espiritual. A vida dele tem que ter um sentido, ele precisa ser útil ao outro, ele precisa servir a humanidade. Então, quando eu falo disto, eu estou falando do espiritual. Eu saí da dimensão do psíquico só. Então, se isso tudo não estiver integrado ao espiritual, então, na minha visão, hoje, de homem, é uma mesa sem uma perna, entende? Porque daí esta mesa uma hora, facilmente ela quebra, ela cai. Eu vejo isso como qualquer outra dimensão. Se eu menosprezar a dimensão do orgânico, isto também vai acontecer. Não adianta eu ficar ótima nas outras questões, né...”*

Beth procura compreender o ser humano em sua totalidade, fazendo uma análise de vários aspectos da sua vida. Seu olhar reflexivo permite enxergar o homem além da sua sintomatologia e diagnóstico aparente. Segundo Ales Bello (2004: 51), “a reflexão é uma capacidade de examinar toda a estrutura do sujeito humano, é um ato reflexivo, talvez o ato mais importante para o ser humano.” É por meio do refletir, que Beth dialoga consigo mesma acerca de conceitos, idéias e significações, como diz Forghieri (2004), a fim de relacioná-los e compreendê-los.

Beth não se limita a uma explicação do ser humano apenas baseada na dimensão psíquica. Ela considera que o homem é um ser constituinte e constituído pelas experiências de sua vida, e também pelo que herda da sua família e, em função dessas influências, desenvolve modos de agir frente às situações. A partir do

conhecimento que foi adquirindo em sua clínica, Beth infere que o sintoma apresentado pelo seu cliente, freqüentemente, tem também relação com a dimensão espiritual.

O homem para Beth, assim como para Ribeiro (2004, p.19), é um ser bio-psico-sócio-espiritual, que sente-se bem quando essas dimensões estão interligadas e integradas; o ser humano se torna “uma estrutura fascinante, dinamicamente aberta, solidamente coerente.” Noto que para Beth, o progresso psicoterapêutico do cliente depende em grande parte do papel desempenhado pelo psicólogo, pois cabe a ele conseguir acolher todas essas dimensões.

Beth ressalta, sempre que possível, que a Psicologia enquanto Ciência precisa buscar estudar mais a dimensão espiritual. Sinto que é como se ela estivesse dando um grito de alerta à academia de Psicologia para que não se permita mais que o homem seja fragmentado, mutilado, em prol do que é definido como científico.

Noto que seus apontamentos nesse sentido possuem propriedade, visto que Beth considera em sua prática clínica a faceta espiritual do homem, bem como, sua religiosidade, e proporciona um espaço para que seus clientes abordem o assunto com tranqüilidade. Além disso, procura se aprofundar a respeito do assunto.

Beth parece concordar com Shafranske e Malony (1990). Estes autores colocam que é imprescindível que se considere a religiosidade do sujeito na clínica psicológica, pois existem quatro motivos que justificam essa necessidade: relevância da religião na cultura, incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, relações entre religiosidade e saúde mental e consideração dos valores na prática clínica.

No que se refere à relevância da religião na cultura, Shafranske e Malony (1990) apontam que a religião acaba por ter um significado singular nas histórias de vida de cada pessoa e, portanto, pode exercer um efeito positivo ou negativo na constituição da saúde mental do indivíduo. Isso indica que a religião está inserida em todo atendimento clínico. Além disso, é grande a incidência dos temas religiosos na clínica psicológica.

Para conhecer o modo do sujeito ser religioso, os autores sugerem por ênfase na estrutura e na função interna da religiosidade individual. É preciso identificar os componentes significativos presentes na configuração religiosa de cada um, as representações de Deus, as crenças que funcionam como eixos de

organização interna, as convicções que norteiam atitudes e comportamentos diante dos conflitos etc. (SHAFRANSKE e MALONY, 1990:74)

Os autores explicam que inúmeras pesquisas demonstram que a religiosidade acaba por interferir na saúde mental do indivíduo. Por essa razão, em 1994, incluiu-se no DSM-IV a categoria denominada “Problema Religioso ou Espiritual”. Por último, Shafranske e Malony (1990: 76) afirmam que “ a prática psicológica baseia-se em valores presentes nas teorias, nas técnicas e no próprio psicólogo. (...) a ação profissional não se desenvolve sem pressupostos. “ Ou seja, os valores e as crenças religiosas acabam por exercer um papel na ação profissional do psicólogo.

O fato de Beth conceber como importante a inclusão da religiosidade nos âmbitos da Psicologia, faz surgir nela uma outra questão. Ela se questiona qual seria o seu papel, frente à dimensão espiritual do seu cliente, enquanto psicóloga que presta serviço à Ciência da Psicologia. Ela comenta que não é sua função trabalhar especificamente a dimensão espiritual, pois tem consciência que não é uma pastora, nem um padre, e, portanto, não possui instrumentos suficientes para tanto. Considera que, por outro lado, seu papel consiste em *“fazer com que esta pessoa preste atenção se ela está cuidando desta dimensão, que ela faça contato, que é uma dimensão que existe nela, né, e até que ponto ela olha para esta dimensão da espiritualidade, como ela olha, se ela cuida desta dimensão ou não, se isto faz falta ou não para ela. Isto é uma coisa que eu tô sempre sondando com os clientes, se esta dimensão não está esquecida, devido à supervalorização das outras, então isto eu estou sempre sondando, eu sempre pergunto, e a parte espiritual, como que tá na tua vida? Eu acho assim, o terapeuta ele é cuidador, ele é cuidador destas dimensões integradas, agora eu não posso travar uma discussão de cunho de valor religioso com ele, eu não posso. Eu não posso evangelizar no consultório e tenho colegas que fazem isto e se dizem terapeutas cristãos. Mas aí, eu já acho, que é misturar a área, entendeu? Porque ou você evangeliza ou você é terapeuta. São papéis diferentes, né.”*

Beth explica que ela pode até *“sugerir para ele até algumas opções onde ele possa viver a vida espiritual dele nesta cidade. Então, se é uma jovem que chega à conscientização na terapia, de que ela não está dando o devido espaço para a*

espiritualidade na vida dela, e isto está fazendo falta para ela. Então, como terapeuta, eu até me disponho a junto com ela pensar em sugestões, de lugares que ela possa ir dentro desta cidade, eu até busco junto com ela, né. Onde você mora, ah...o que que você gostaria de participar, ah, é grupo de oração? Então eu também vou sondar que grupos de oração que tem perto da região que você mora, isso eu até faço. Mas é ela que vai decidir qual é a Igreja, qual é a forma que ela vai viver a espiritualidade dela, se é via igreja evangélica, via Igreja Católica, se é via espiritismo, sei lá. Não sei qual é a leitura que a pessoa faz da religiosidade dela.”

Diz que, embora ela dê opções para a pessoa viver sua espiritualidade, o terapeuta deve ter claro o seu papel para evitar “confusão” em relação a isso: *“eu não posso trazer a religiosidade enquanto instituição para dentro do meu consultório, porque daí eu vou estar desrespeitando as pessoas que não dividem dos mesmos valores de igrejas que os meus. Eu sou católica, agora eu não posso deixar que o catolicismo influencie naquilo que eu vou dizer para o meu cliente. Eu sinto que tem um pouco de confusão nisto. Assim, por exemplo, hoje a igreja evangélica cresceu muito e a gente percebe, não a igreja evangélica só, a católica também, então tem lá, o pessoal da Renovação e eu percebo que existem psicólogos que são bastante é... que vivem intensamente a igreja e as atividades da igreja e aí eu percebo que pode haver uma confusão em relação aos papéis.”*

Beth fala que há uma necessidade de trazer o tema da espiritualidade para dentro do consultório, pois considera que a dimensão espiritual não pode mais ser negada pela Psicologia. Ela conta que os últimos congressos de gestalt-terapia, dos quais participou, tiveram como foco as muitas dimensões do homem e aponta que há uma faceta no ser humano que é espiritual e que, por isso, quando o terapeuta trabalha com a dimensão psicológica da pessoa, trabalha também com toda a pessoa. Ela complementa: *“você interfere no espiritual, você interfere no orgânico, você interfere no social, porque o ser humano é um todo e não tem como desintegrar. Se eu mexo no psiquismo, no psicológico, eu nunca mexo só no psicológico, eu tô mexendo no espiritual, eu tô mexendo no social daquele paciente que ele vai se relacionar diferente com as pessoas com quem ele vive, então não tem como eu separar e nem eu negar mais a dimensão espiritual do homem.”*

Embora Beth constate a ausência de um ambiente suficientemente receptivo dentro do âmbito psicológico que aborde questões referentes à dimensão espiritual do paciente, ela se mantém atenta a esse tema. Procura se questionar sobre o seu papel, seus limites frente a essa dimensão, pois sabe que, tecnicamente falando, não deve discutir valores religiosos, ou evangelizar dentro do consultório. Embora possua uma religião, a católica, Beth procura não interferir com suas crenças e valores no processo psicoterapêutico de seus clientes, mas concorda com Shafranske e Malony (1900), de que é impossível evitar isso, pois, as crenças e valores religiosos dos psicólogos acabam por desempenhar um papel em sua prática clínica.

Embora Beth compreenda o terapeuta como um facilitador que proporciona um contato do cliente com a dimensão espiritual, observo que ela apresenta um papel muito ativo no processo psicoterápico, que talvez ultrapasse a função dele. Junto com seus clientes, ela ajuda, pesquisa e oferece sugestões e possíveis lugares num âmbito religioso, nos quais teriam espaço apropriado para tratar assuntos da sua espiritualidade. Parece que ela quer tanto que seus clientes cuidem da sua vida espiritual, que acaba sendo diretiva, no sentido de estimular o cliente nessa busca.

Com relação à dificuldade que a Psicologia enquanto Ciência encontra para considerar a dimensão espiritual, Beth entende que essa postura surge em função da grande dificuldade que a Psicologia tem em falar daquilo que é difícil quantificar. A afirmação de Beth se desenvolve de acordo com a posição científica, cujos requisitos, dificultam a abertura da Psicologia para alguns temas. O caminho científico em Psicologia,

[...] exige a focalização de um tema e um campo disciplinar, parcimônia no seu trato, referência a conceitos necessariamente circunscritos, adoção de métodos aceitos pela comunidade científica e a submissão a uma lógica que garanta a validade, a coerência e consistência do conhecimento produzido. Ou seja, ele exige obrigatoriamente, a restrição do espaço psicológico e a seleção dos atos constituintes da subjetividade. (ANCONA-LOPEZ, 2006, p.2)

Beth complementa seu pensamento e diz que essa conduta da Psicologia é herança do Positivismo. *“Por exemplo o amor, “há! Não podemos estudar”, você*

estudou o amor no curso de Psicologia? Você estudou cinco anos de Psicologia, você estudou o amor? Você estudou felicidade? Eu não lembro de ter tido uma aula sobre felicidade...ok, são temas humanos, nada mais humano do que falar sobre amor e felicidade, nós nunca tivemos uma aula de felicidade, eu não me lembro de ter tido uma aula de felicidade. Então, assim, nem sobre amor, eu nunca tive uma aula sobre amor. Então eu acho que a Psicologia peca porque ela despreza temas como esses porque como que eu vou tornar um estudo sobre o amor, sobre a felicidade científica. É difícil descrever o que é felicidade, é difícil quantificar, entende?"

Forghieri (2004, p. 2-3) diz que

O existir cotidiano imediato é vivenciado como uma totalidade que integra todos os seus aspectos complexos e contrastantes, porém, o processo racional de teorização é parcial, delimitador. Todos nós sabemos tantas coisas, de modo vivencialmente global, que não conseguimos explicar de modo preciso e completo. Assim acontece, por exemplo, com a ternura que sentimos por alguém, a alegria que nos envolve e nos engrandece nos momentos felizes, [...].

Neste sentido, Beth conta que escolheu trabalhar com a abordagem fenomenológica porque é uma posição que privilegia a compreensão e não a explicação e porque a pesquisa nessa abordagem não exige quantificação. *"É o que é amor para você, o que é felicidade para você"*, ou seja, para Beth, o fundamental é focar-se no significado que cada um atribui para isso ou aquilo e não o significado que o mundo já oferece pronto.

Beth pensa que a Psicologia conhece muito pouco sobre espiritualidade e considera que é necessário dialogar mais sobre o assunto e buscar compreender como os psicólogos interferem na dimensão espiritual dos pacientes e se esses devem estimular seus pacientes a terem uma vida espiritual e de que maneira fazer isso. Beth coloca que *"da mesma forma que a Psicologia nega temas como amor e felicidade, ela nega a realidade de que o ser humano é um ser espiritual"*. Ela fala para mim: *"Cinthy, você ficou frustrada, você não viu isso durante a formação. Existe aí algo que acontece com a Psicologia, na academia, que ela passa batido em temas que são fundamentais,*

como da espiritualidade, como esse do amor, da felicidade, entendeu? Eu acho que é a questão da Ciência (...) “

Tudo indica que Beth, enquanto psicoterapeuta, busca apreender o sentido da vivência de cada cliente em sua prática clínica pois, como diz Forghieri (1984, p.29),

O processo psicoterapêutico não se limita a falar sobre a vida do cliente. Ele precisa ir além do falar e do raciocinar, para chegar ao próprio existir do cliente e do terapeuta. É necessário, que ambos existam autenticamente um frente ao outro e um com o outro – ambos envolvidos, como seres humanos que se afetam reciprocamente. Mas um envolvimento no qual o terapeuta se oferece abertamente, sem defesas, numa presença plena [...].

Desse modo, parece que Beth encontrou na Fenomenologia não apenas o embasamento necessário para sua atuação, mas também o aconchego e o espaço para refletir suas inquietações referentes a dimensão espiritual, ou a outro qualquer tema não abordado pela Psicologia. A atuação de Beth se mostra congruente com suas crenças pessoais, assim como com a Fenomenologia, pois essa perspectiva foca-se na investigação do significado da vivência para a pessoa, a tudo que se apresenta a ela no mundo. Beth concorda com Forguieri (2004, p.58) que “as situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para quem as experiência, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir.”

Na sequência, pergunto a Beth como foi a sua trajetória com relação à escolha da abordagem fenomenológica, considerando sua visão bio-psico-sócio-espiritual do homem, sua fé, e, ainda questiono, se ocorreu integração entre essa visão e a abordagem teórica escolhida. Ela responde “*Eu acho...eu acho...*” à minha pergunta e conta que cursou sua faculdade no Rio de Janeiro e que é formada há 17 anos.

Segundo Beth, como aconteceu na minha época de faculdade, não havia muitas opções teóricas além da psicanálise e da psicologia comportamental. Ela conta que estagiou com enfoque em psicanálise durante o curso, mas que “*precisava de uma*

abordagem que me permitisse ser mais humana na minha relação com o meu cliente”, e neste sentido, diz ter encontrado a gestalt-terapia.

Beth explica, detalhadamente, que a abordagem que lhe permite ser mais humana na relação de ajuda com seu cliente é aquela na qual *“pudesse assim, sentir muito amor pelo meu cliente, poder transmitir isto, que eu pudesse assim, no momento de dor do meu cliente tocá-lo, dar a mão para ele, que essa relação humana verdadeira, que eu pudesse usar da minha capacidade de me emocionar, do meu humano para ajudar o outro, ajudar profissionalmente, como terapeuta”*. Beth ainda complementa: *“eu não tenho medo de ser espontânea quando eu tô atendendo o meu cliente, eu não tenho medo de ser afetiva com ele, eu não tenho medo nem de me emocionar em algum momento com ele. Claro que eu não vou me destampar a chorar junto com ele, nem vou falar das minhas dores. Mas eu posso me emocionar e essa minha emoção significa que eu estou junto com ele naquele momento. A emoção do terapeuta ela pode ser extremamente terapêutica porque o outro não vai se sentir só, vai se sentir profundamente compreendido naquele momento, entende? Então, foi a única abordagem que me permitiu ser eu mesma quando eu tô atendendo.”*

Tal como Forghieri (1984), Beth acredita que o psicoterapeuta deve se preocupar em trabalhar com o próprio existir humano, e, neste sentido, caminhar junto com o cliente para que ele se sinta melhor. O terapeuta deve participar do existir do cliente, e isso implica em estar próximo dele, principalmente nos momentos de aflição, não permitindo que ele se sinta sozinho.

Para Forghieri (1984, p.27-29), assim como para Beth, é no processo psicoterapêutico que a relação autêntica, espontânea e verdadeira pode acontecer e é onde ocorre *“a comunicação básica, primordial do ser humano cuja claridade e amor tem o poder de libertar o cliente do alheamento de seu existir, levando-o a reassumir a sua vida com todas as suas possibilidades.”* No meu entender, Beth mostra possuir essa conduta em sua prática, integrando sua visão de homem e mundo com a perspectiva teórica escolhida.

Beth esclarece que a gestalt-terapia faz uso do método dialógico, que tem sua raiz em Martin Buber, para quem *“quando existem dois seres se relacionando, o sagrado está presente. Então, é na relação humana que você pode mostrar e descobrir*

o que há de melhor em você e o que há de pior em você. Então, a relação humana, então, eu entendo, que ela é sagrada e a abordagem gestáltica ela realmente permite que este sagrado venha para a relação terapêutica, para o momento terapêutico. Esse sagrado é um termo até usado pelo Buber, a gente se fundamenta muito no Buber porque a gente trabalha com o método dialógico, e ele acredita, o Buber, ele é o representante do racidismo, que é um movimento religioso importante, tal... e o Buber é um filósofo bem importante que trata muito da relação humana, da relação EU-TU, EU-ISTO. Então, quando a gente faz uso do método dialógico, eu preciso estar verdadeiramente interessado no que o outro tá dizendo e então eu quero estabelecer uma relação EU-TU com meu cliente. Eu preciso estar interessada no que ele tá dizendo, eu preciso de verdade ser capaz de colocar o sapato do meu cliente, sentir onde está apertando o pé dele, e para isso eu tenho que sentir junto com ele. Eu não posso ficar assim numa postura fria, neutra e racional. Então, é uma relação que me permite ser... e se me permite ser eu mesma, me permite, oh, isto é uma construção que eu to fazendo agora, tá? Se me permite ser eu mesma, me permite que eu seja também o meu lado espiritual.”

Conforme Rigacci Junior (2005, p.49-58), é na realização do encontro humano que a experiência religiosa pode ser compreendida pois, ela se efetiva em uma relação recíproca entre dois sujeitos ou entre muitos sujeitos e também, na reciprocidade do reconhecimento mútuo, ou seja, o encontro se concretiza na relação humana do amor. Essa relação, intersubjetiva, que se desdobra como relação dialógica entre o homem-Deus, homem-homem e homem-mundo, em que um existir interpessoal é marcado pela revelação do outro como próximo. Sendo assim, vejo que quando Beth fala do encontro que acontece na relação terapêutica, ela também fala de uma experiência religiosa que se faz ali, concomitantemente ao processo psicoterápico, e que, portanto, acaba por permitir que o cliente seja um ser autêntico, verdadeiro e integrado, e assim, consiga viver plenamente o seu lado espiritual.

Neste sentido, se a gestalt-terapia permite ser ela mesma, e viver a dimensão espiritual, Beth acredita que essa espiritualidade também atinja o cliente pois, todos têm uma espiritualidade, mesmo que, às vezes, se encontre “sombria”. Tanto Forghieri (2004) como Ancona-Lopez (2005) acreditam que quando acontece o

encontro com o outro, estabelece-se uma relação de reciprocidade, na qual ambos se influenciam mutuamente.

É na interação com os outros e com o mundo que renovamos sempre os significados de nossas experiências. Na própria relação terapêutica buscamos nos abrir para o outro e, no espaço relacional, o outro e eu somos mutuamente afetados. Mas, somos desde sempre afetados também por nossas percepções, sensações, (...), pelo que vimos e ouvimos, (...), por nosso contato com as coisas e com a natureza. (ANCONA-LOPEZ, 2005, p.3)

Beth pensa que enquanto ser humano, sua “luz espiritual” pode chegar ao outro, trazendo benefícios a alguns e fazendo com que outros, por outro lado, não a suportem e nem consigam continuar em terapia. Ela explica *“Você sabe, que dependendo de como você está, você é capaz de se pôr ao lado de alguém e só de você estar ao lado do outro, você interfere no outro. A física quântica já explica isso, eu tô aqui com você, eu tô interferindo no teu campo. Você tá aí, você tá interferindo em mim. Então isto não acontece na relação terapêutica? Por que não, se é uma relação humana?”*

O fundamento de todas as possibilidades psicoterapêuticas encontra-se no ser - com primordial do ser humano. Em virtude dessa estrutura básica, o cliente participa do modo saudável do viver do terapeuta e tem a possibilidade de ser curado através de um autêntico ser - com, que pode levá-lo a recobrar o seu verdadeiro eu . (FORGHIERI, 1984, p.27-28)

Beth complementa sua explicação dizendo que é em função disso tudo que optou pela Gestalt. Ela conta que seus estudos nessa área apenas confirmam o quanto essa abordagem permite que o terapeuta seja *“absolutamente autêntico, espontâneo e humano”*. Segundo ela, esse modo de ser do psicólogo pode favorecer que o cliente descubra a sua própria autenticidade e espontaneidade. Beth especifica melhor sua colocação dizendo: *“É como se ele fosse aprendendo comigo a se relacionar de um jeito verdadeiro. Essa aprendizagem, depois ele começa a levar para as relações dele lá fora no mundo. Então, a relação terapêutica é um momento onde ele vai poder aprender a se relacionar com a pessoa do terapeuta e ele vai devagar, depois,*

transpondo isto para as outras relações no mundo. Então, precisa ser uma relação muito verdadeira, a relação terapêutica com o cliente na nossa construção teórica.”

Entendo que Forghieri (2004, p.3-4) explica como se deu o encontro de Beth com a gestalt-terapia. A autora aponta que é a partir das vivências do profissional, do teórico, que as teorias psicológicas surgem em sua vida profissional. Ou seja,

A ciência psicológica está entrelaçada à vivência do psicólogo; e é na alternância interligada das teorias com sua vivência que ele vai chegando às suas preferências teóricas e convicções, como profissional e como ser humano, [...], convicções imbuídas de conceitos teóricos racionais e de crenças que ele não consegue explicar satisfatoriamente, pois surgem não apenas da coerência de seu raciocínio como, também, de seus sentimentos e de sua vivência imediata global. [...]

Noto que Beth é encantada com a gestalt-terapia, pois essa abordagem teórica veio ao encontro às suas crenças e aos seus valores, e, desse modo, acabou por atender suas necessidades pessoais, profissionais e espirituais. Neste sentido, tanto a dimensão psicológica, quanto a espiritual, estão integradas em sua atuação.

Como diz Giovanetti (2005, p.137),

[...] viver cultivando a espiritualidade é procurar seguir nossa vida de acordo com as características do espírito, pois esse tem como dimensão principal captar a profundidade das coisas. A dimensão psicológica é responsável pelas ressonâncias internas. Deixar-se guiar na vida pelas ressonâncias é ser levado pelos sentimentos e pelas emoções, mas deixar-se levar pela vida pelos valores e pelos significados é ser guiado pelo cultivo da espiritualidade.

Isso me faz pensar, que, ao mesmo tempo que Beth, deixa-se ser guiada pela dimensão psicológica, que é responsável pelas ressonâncias internas, sentimentos e emoções, ela também é influenciada pela sua dimensão espiritual, seus valores e significados, o que lhe permite ficar inteira na relação psicoterapêutica.

Beth explica que como o foco da gestalt-terapia está na relação terapêutica, ela enquanto terapeuta, fica inteira na relação: *“eu fico inteira na relação, com todo o*

meu teórico, com todo o meu pensamento, mas principalmente com meu sentimento (...). A relação é muito importante, diferente da Rogeriana que é centrada no cliente, a abordagem gestáltica é centrada na relação terapêutica, ou seja, a relação é muito importante, e aí nós entramos na espiritualidade. A relação é sagrada, aí já está presente o espiritual, a relação é capaz de curar...”

No que se refere ao terapeuta, Beth coloca a importância de que ele tenha uma *“espiritualidade desenvolvida relativamente, caminhando... que o terapeuta tenha, que ele cuide da sua religiosidade, que ele tenha espiritualidade, que ele tenha assim, fé. Primeiro, porque na nossa abordagem, por exemplo, a gente tem que ter muita fé no potencial do outro, se não você não trabalha dentro de uma abordagem humanista. Fé de que ali, dentro daquela pessoa, por pior que ela esteja, tem um potencial muito grande de transformação, que ela pode acessar, que ela pode descobrir, né? Então, veja bem, eu tô falando de Deus, eu não tô falando de Deus? Que potencial é este, da onde isto vem? Percebe, Cinthya? Não é só do humano.”*

Beth destaca o tempo todo a importância do terapeuta cultivar sua espiritualidade, mas isso não indica que desvalorize as outras dimensões do ser humano. Tal como diz Giovanetti (2005, p.139), ela acredita que embora a espiritualidade constitua o homem, nem todos a cultivam ou deixam se guiar por ela e *“só quem cultiva a dimensão do espírito, vivenciando a espiritualidade, é capaz de descobrir que a vida não é um fechamento em si mesmo, mas uma abertura para o outro.”* Tudo indica que a espiritualidade para Beth, contribui para que o terapeuta esteja aberto ao outro e, assim, acredite no potencial do seu cliente. Neste sentido, ela coloca como prioridade essa conduta do terapeuta frente ao seu cliente.

Beth explica que mesmo que tenha uma formação na área da Psicologia, não trabalha sozinha, pois considera que exista uma força maior que ela, que a chama como e quando quiser. Ou seja, ela é apenas um instrumento nas mãos de Deus e quanto mais conectada a Ele, melhor ela desempenhará o seu trabalho: *“eu já tive sessões, de momentos difíceis, que eu rezei antes de entrar na sessão e agradei depois que eu saí. E pedi sim, uma iluminação espiritual, no sentido de me colocar as palavras certas na minha boca, de me ajudar a enxergar por que caminho ir com aquela pessoa, entende? Para mim é importante, dentro da minha experiência, eu não entendo*

que eu trabalho sozinha. Eu entendo que eu sou um instrumento, como o médico é um instrumento, como o padre é um instrumento. Eu tenho uma formação, eu estudei para isto, mas eu sou um instrumento. Eu acredito nisto, tem uma força maior, que te chama como e quando quiser chamar e que está presente aqui e que vai interferir no que eu to fazendo. Então, se eu estiver mais conectada com este Deus, eu vou trabalhar melhor. Eu acredito nisto.”

Beth comenta que desenvolver uma espiritualidade é estar ligado a Deus. Ela conta que tinha uma terapeuta junguiana que era mais disciplinada do que ela neste sentido, *“eu não sou uma pessoa que vou à igreja semanalmente, eu não vou, porque não é minha forma”*. Ela fala um pouco de sua admiração por essa terapeuta: *“uma excelente terapeuta, uma terapeuta minha, pessoal, ela era junguiana, evangélica, uma pessoa formidável, assim. Uma baita terapeuta. Ela era mais assídua na coisa da..., ela rezava, ela fazia leituras bíblicas, antes de todas as sessões, nos intervalos de uma sessão para outra”*.

Beth relata como desenvolve a sua espiritualidade no dia-a-dia em sua atividade profissional: *“de repente, de um intervalinho para outro, eu converso com Deus, eu peço uma ajuda, se é um cliente que me traz mais dificuldade do ponto de vista emocional, e que eu sinto uma carga espiritual maior, entende? Eu peço ajuda, então eu fico conversando, entendeu, antes da sessão, principalmente. Se eu tenho uma cliente com risco de suicídio, eu vou rezar mais, assim, para que eu possa ficar conectada, no sentido de receber uma força maior que possa orientar as minhas palavras e as minhas ações aqui. Mas isto é uma crença minha pessoal, cada terapeuta tem que ter a sua forma.”*

Como o psicoterapeuta é um elemento fundamental para que ocorra o progresso psicoterapêutico, Beth fala que o psicólogo vai ter que fazer uso dos seus recursos internos e do seu estado psicológico e espiritual para que isso aconteça. Portanto, ela enfatiza novamente a necessidade do terapeuta cuidar de todas as dimensões que o constituem.

Em sua visão, como já mencionado, acredita que o terapeuta além de ter uma espiritualidade *“caminhando”*, deve também procurar estar ligado, conectado com Deus. Assim, a relação que é sagrada poderá proporcionar cura. Ela enfatiza que o

terapeuta deve ter fé no seu cliente, fé de que ele tem os recursos necessários, recebidos de Deus, para transformar sua vida.

Observo que o modo como Beth tenta trabalhar com seu cliente durante o processo psicoterapêutico busca atender os objetivos específicos da gestalt-terapia, que, de acordo com Perls (1977), resumem-se em auxiliar o cliente a amadurecer, crescer, deixar de depender dos outros, perceber todo seu potencial a ser usado nas situações de sua vida. Mas, se por um lado Beth realmente fundamenta sua atuação na abordagem teórica escolhida, por outro, percebe-se que esse embasamento teórico também sofre fortes influências da sua crença religiosa. Ela acredita ser importante estar conectada com Deus e pedir orientação quando necessário, para que o andamento da terapia ocorra bem.

Na visão de Beth, o psicoterapeuta deve ter uma prática congruente com suas crenças e valores e com a abordagem teórica escolhida, pois, acaba por se tornar um modelo que pode “motivar” seu cliente a realizar transformações em sua vida a partir de um comportamento *“absolutamente autêntico, espontâneo e humano”*. Só assim o cliente poderá descobrir e resgatar a si mesmo. Isso pode ser facilitado à medida que o cliente encontrar um espaço na terapia onde possa aprender a se relacionar, primeiramente com o terapeuta, e, depois, com as outras pessoas.

Beth relata que atende há 17 anos e que entrou em contato com a Gestalt-terapia no Rio de Janeiro, por meio de uma professora. Após o curso de Psicologia, ela começou a se informar sobre o assunto fora do meio acadêmico, participando de trabalhos, *workshops* nos finais de semana, grupos de estudo. Depois, conta que começou a fazer terapia com essa professora, *“ e assim, pude confirmar toda uma forma de pensar bem parecida com a minha.”*

Beth comenta que considerava a Psicanálise muito fria, distante e, neste sentido, buscava uma teoria na qual pudesse sentir-se mais próxima do seu cliente ao exercer seu papel de terapeuta, desejava uma abordagem que lhe permitisse *“ser mais gente”* com seus clientes. Nas linhas humanistas, segundo ela, encontrou essa possibilidade. As vivências que pode ter com a gestalt-terapia enquanto cliente ao participar do grupo terapêutico dentro dessa abordagem, fez com que percebesse o quanto essa *“proximidade humana”* estimula a cura. Beth enfatiza sua escolha ao

finalizar seu pensamento: “(...) este foi o grande atrativo, que me atraiu mesmo. O tipo de relacionamento que você podia estabelecer, sem sair do papel do terapeuta, veja, ninguém tá dizendo para você ficar amigo do cliente, nada disto. É realmente, o que me atraiu foi a relação terapêutica, uma relação diferente. Eu vivenciei como cliente, primeiro. Primeiro eu fui para os grupos de estudo, depois eu fui para os grupos terapêuticos, workshops de fins de semana, depois eu fiz terapia individual e daí eu tive certeza. Daí, eu já comecei a fazer muitos cursos assim, teóricos, fiz curso em Minas Gerais...e depois que eu fui para a formação mesmo. Então, hoje, cada livro, cada texto que eu leio, cada congresso que eu vou, só é uma confirmação da minha escolha, cada vez confirma mais a minha escolha.”

Noto que Beth encontrou na gestalt-terapia um ambiente de investigação suficientemente receptivo, que lhe proporcionou elaborar suas tensões pessoais e que a acolheu em sua totalidade, tornando-se ponte entre suas experiências pessoais e profissionais. Como resultado, Beth mostra conseguir transcrever suas experiências espirituais e religiosas em termos acadêmicos e profissionais.

Neste sentido, Beth considera que sua fé se encontra “*super bem encontrado, casado*” com a teoria que escolheu. Ela explica para seus alunos de Psicologia o seguinte: “*a abordagem ela já está dentro de você, aquela para a qual você vai se dirigir. É só uma questão de você saber que ela está aí dentro de você. Porque a visão de homem você já tem, dentro de você, você tem já. A questão é você fazer este mergulho e ver que homem que você acredita, que tipo de relação terapêutica que você acha que tem a ver com você, entendeu? Daí, nós não vamos encontrar abordagens melhores, abordagens piores, nós vamos encontrar homens diferentes, que pensam diferente.*”

Falo para Beth que percebo que ela tem muita coisa elaborada com relação ao tema discutido. Ela concorda com minha colocação, mas complementa dizendo que muita coisa não está construída ainda, pois não tinha parado para pensar sobre o assunto. “*Mais, assim, é até gostoso, porque daí eu vejo que tem muita coisa construída, que cai bem integradinho, assim. Eu não parei para pensar, tem coisas até que eu tô descobrindo falando aqui com você, nesta experiência.*” Ela apresenta sua visão sobre relação humana, baseada em Martin Buber, e ressalta que quando ocorre

uma relação verdadeira, o sagrado está presente : *“Mas só sei que a relação é fantástica. A relação humana... é algo sagrado mesmo, Buber tinha razão. Ele dizia, onde há duas pessoas, a centelha divina está aí. Que é isso? A relação é sagrada. Lê, que você vai gostar. Maravilhoso, Martin Buber. Ele é um dos autores que mais me chama a atenção porque ele realmente consegue enxergar a dimensão espiritual na relação humana. Eu acho que é isso. O que que nós estamos falando, nós estamos falando que dependendo de como eu estabeleço a relação humana num setting terapêutico, esta relação, ela pode estar muito espiritualizada. No meu ponto de vista, se ela for uma relação muito verdadeira, o sagrado já está ali. Eu concordo com Buber. Eu acho que é isso que eu to querendo dizer. Foi na gestalt que eu consegui encontrar uma forma de se relacionar que mais me permitisse ter este sagrado da relação presente, eu acho que é isso. Porque ela tem toda uma construção teórica, nós só estamos falando só da relação, de um aspecto da abordagem que me chama atenção, porque nós estamos falando disso porque o teu tema é espiritualidade. Principalmente na relação que você vai perceber a dimensão espiritual do ser humano, quando ele está em relação. Por isso que nós não saímos disto, nós estamos falando em relação a este tema desde que começamos a entrevista.”*

Beth enfatiza que o sagrado se faz presente e pode ser vivenciado quando há um encontro verdadeiro entre dois seres humanos, e que, portanto, pode ocorrer com o marido, com um aluno. Ela diz que *“(...) a partir do momento que você estabelece um encontro verdadeiro com alguém e principalmente se você está numa atitude EU-TU para com o outro, que é aquela atitude assim de interesse genuíno pela pessoa, eu não estou com você por algum objetivo, eu estou porque eu quero estar com você neste momento, entendeu? Então, quer dizer, esta relação, ela pode ir muito além daquilo ali. Então o que que é isso? É o espiritual agindo. Não são só dois seres psicológicos que se cruzam nesta relação, são dois seres espirituais que estão aqui um interferindo no outro. Eu já tive, eu tô me lembrando, eu tive experiências bem pesadas.”*

Para exemplificar as experiências que vivenciou em seu consultório e que considera pesada, Beth narra dois casos em que observou que seus pacientes não apresentavam apenas um comprometimento psicológico, mas também, espiritual. Na

medida que conta os casos, ela coloca a necessidade que percebe, da Psicologia enquanto Ciência, começar a estudar tais questões, visto que, de acordo com ela, outros profissionais da área terão também histórias a contar. *“Eu já tive uma vez, eu tive o caso de uma moça que ela não veio para o consultório, o marido veio para o consultório e o marido veio pedindo socorro, tal era a doença da esposa, a perversidade da esposa, aquele comportamento perverso, maldoso. Bom, quem veio me procurar na verdade foi o marido porque ela não veio diretamente, ele veio pedir ajuda para ela. E eu pedi que ela então, vamos ver se ela quer vir. E ela veio para a sessão, claro, a pedido do marido, por intermédio do marido. E quando eu olhei nos olhos daquela moça...eu vi uma maldade imensa, e eu me lembro até hoje porque foi uma das experiências mais fortes que eu já tive. Ela tinha os olhos muito escuros e ela me olhava assim, com muita raiva, ela tinha todo um comprometimento psicopatológico, um comprometimento maior, um caso assim de uma perversão, era um comportamento assim... era bem comprometida em termos psicológicos. Mas eu não fiquei com a impressão de que ela era comprometida só no psicológico. Eu fiquei com uma impressão muito forte de que ela tinha um comprometimento espiritual muito grande, se é que nós podemos falar assim. Eu não sei o que tinha nela, até hoje eu não sei, mas eu me lembro dos olhos dela, do jeito que ela olhou para mim. Eu me lembro que ela nunca mais voltou, eu tive a impressão que ela não voltaria. Então, como é que eu vou fazer uma leitura de que isso é só psicológico, tá entendendo? A minha sensibilidade me disse que ali tinha algo a mais, eu senti na pele... Bem recentemente aqui, nessa cadeira aí, sentou uma moça, um caso de uma depressão grave. Interessante, olha só, eu lembrei disto agora. De novo, quem procurou foi o marido, não foi ela que me procurou. O marido que procurou, um aluno me encaminhou, o marido veio até mim pedindo socorro, pedindo ajuda. A esposa num quadro de depressão muito profundo, um abatimento, uma desmotivação muito grande... e realmente, ela veio muito comprometida, ela mal olhava para mim, mas uma pessoa que quando eu olhei me senti muito mal. Era um olhar diferente. Então, são experiências que a gente vai tendo, agora se você perguntar para a academia da Psicologia se ela tem um termo para dar para estas experiências, ela não vai ter um nome. Agora não sei, eu acho que já chegou a hora talvez da própria ciência da Psicologia estudar estas questões, começar*

pesquisar, dar nomes a estas questões, porque eu creio que experiências todos psicólogos vão ter para contar. Bom, essa moça também não voltou. Eu senti que ela não voltava mais, que ela era muito escura, entende? Ela não conseguiu ficar aqui na minha frente. Foi um outro caso, que quando saiu eu rezei bastante, sabe? Porque eu fiquei preocupada, porque tem experiências terapêuticas que você vê que tem algo a mais. Você vê que a pessoa não é só psíquico.”

Embora apresente casos considerados por ela como pesados, pelo modo como seus clientes lidavam com sua espiritualidade, Beth conta que existe também o cliente que é bastante espiritualizado *“que tem assim, um sentido de vida maior, aquela pessoa que tem todo um objetivo de fazer assim, bem à humanidade, é claro que é uma questão espiritual forte. Meu Deus, que interessante, como este cliente cresce, como ele avança rápido, como ele é mais saudável. Então, tem como você dizer que a espiritualidade não vai interferir neste psicológico? Claro que vai, né. São pessoas que enfrentam infortúnio com mais facilidade, são pessoas que não se abatem com tanta facilidade, são pessoas que tem um diferencial. E é gostoso atendê-las, entende, é muito gostoso, porque elas crescem, elas tem força. Então, não tem como dizer que está separado, não está “*

Neste sentido, Beth acredita que o psicólogo tem que estudar mais. Ela cita um livro que, segundo ela, é novo. Beth lembra do nome: *“Fenomenologia e Religiosidade”*, mas não se lembra do autor da obra. Sugere que eu pergunte a respeito dele à minha orientadora, pois diz que é um tema que tem relação com minha dissertação.

Beth concorda comigo quando digo para ela: *“Parece que esta é a trajetória da tua integração mesmo, aquilo que você acreditava, a tua visão de homem e a visão de mundo.. que a gestalt-terapia tem .”* Termina a entrevista ressaltando a importância de ter encontrado sua professora de gestalt-terapia no passado: *“Muito, muito importante... ela foi minha terapeuta, depois ela foi coordenadora do grupo de estudo; também teve uma outra terapeuta do Rio de Janeiro, da Gestalt, que eu fiz terapia com ela e foi bem legal, foi bem legal, ela era muito espiritualizada. Com a primeira terapeuta eu fiz uns sete, oito meses, com a terapeuta do RJ eu fiz durante um ano e meio. É isso.”*

Para Beth, é fundamental que o estudante de Psicologia e o psicólogo busquem um auto conhecimento que lhes proporcione um contato íntimo e profundo consigo mesmo, a fim de clarificar qual é a sua visão de homem, de mundo, suas crenças e seus valores e sua posição frente à religião, a religiosidade e à espiritualidade. Na sua visão, dessa forma, a pessoa conseguirá encontrar uma abordagem teórica que seja congruente com aquilo que acredita.

Tudo indica que Beth, ao sentir-se desconfortável no curso de Psicologia, foi impulsionada a buscar uma abordagem que viesse ao encontro do seu modo de existir e compreender o homem. Em sua visão, o homem deve ser entendido em sua totalidade, dimensões espiritual, psíquica, social e física. Para ela, na relação terapêutica verdadeira e autêntica, habita o sagrado e o homem, ao se relacionar com outras pessoas, interfere no existir do outro. Como diz Ancona-Lopez (2005, p.3),

É na interação com os outros e com o mundo que renovamos sempre os significados de nossas experiências. Na própria relação terapêutica buscamos nos abrir para o outro e, no espaço relacional, o outro e eu somos mutuamente afetados. Mas, somos sempre afetados também por nossas percepções, sensações, imaginações, sonhos, imagens, leituras, pelo que vimos e ouvimos, pelo que nos ensinaram, por nossos sonhos e imagens, por nosso contato com as coisas e com a natureza.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se estabelece um ambiente propício, acolhedor, os psicólogos descrevem suas experiências religiosas em linguagem comum, rica de detalhes, carregada de afetividade e, muitas vezes, de forma poética. São relatos de histórias pessoais, nas quais, se encontram crenças, valores, simbologias, concepções sobre o ser humano, sentidos de vida. Inserem-se em suas experiências particulares, no cotidiano, são fontes de reflexão que compõe experiências vividas, integrantes da sua história, sua cultura, sua subjetividade. (ANCONA-LOPEZ, 2005)

O objetivo deste trabalho foi compreender, a partir de um método fenomenológico, como as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos influenciam suas escolhas teóricas. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, chamou-me atenção o modo como eu também sofria transformações, à medida que minha dissertação, por um lado, passava por constantes mudanças, e, por outro, ia ganhando um corpo mais consistente, e eu também ia adquirindo mais maturidade enquanto pesquisadora.

Dessa forma, considero importante, além de apresentar as conclusões formuladas a partir do resultado do meu encontro com os colaboradores, tecer algumas considerações sobre o processo metodológico e suas conseqüências para a dissertação e para mim, enquanto pesquisadora. A pesquisa me possibilitou que eu mergulhasse nas vivências dos entrevistados, a fim de compreendê-las de acordo com seu próprio modo de existir, e conseqüentemente, apreender elementos que puderam contribuir para compreender a questão desta dissertação.

No decorrer da realização desta pesquisa, pude perceber, que foi fundamental para mim encontrar um ambiente propício, acolhedor, caloroso, no âmbito do mestrado, dentro dos seminários de Psicologia e Religião do Núcleo de Práticas Clínicas. Foi muito importante descobrir, depois de anos de profissão, que existe, sim, um lugar, um espaço dentro da Psicologia, no campo acadêmico, que lhe permite ser o

que se é, em sua totalidade, expressando livremente o seu pensar, o seu sentir, a sua religiosidade e espiritualidade, sem medo, sem vergonha e sem máscaras.

As vivências que pude ter neste espaço acolhedor contribuíram muito para que o desabrochar deste estudo se desse, permitindo-me estar cada vez mais inteira com meus colaboradores, propiciando-lhes um espaço também acolhedor, em que puderam partilhar comigo livremente suas vivências mais profundas. Além disso, ao me sentir aceita pelo meu grupo de colegas de orientação e por minha orientadora, foi mais fácil aceitar e apreender as experiências dos entrevistados em sua totalidade, uma vez que o desenvolvimento de uma pesquisa dentro do método fenomenológico está entrelaçada à vivência do pesquisador. Ela se dá na alternância interligada das teorias com suas vivências e as vivências de seus colaboradores, permitindo, assim, aproximar-me, cada vez mais, do objetivo desejado da pesquisa

Porém, isso não significa, que conflitos e dificuldades não surgiram frente aos relatos e análise das entrevistas. Muito pelo contrário, às vezes, eram revelados conteúdos que despertavam certo incômodo. Durante a primeira entrevista de Ana, por exemplo, isso aconteceu com mais impacto. Senti que estava bastante inquieta, e ao término dela, estava frustrada. Percebi, que inconscientemente, eu tinha expectativa de que minha colaboradora respondesse as minhas inquietações, e que me dissesse, aquilo que queria ouvir, ou seja, que me revelasse como suas crenças religiosas haviam influenciado suas escolhas teóricas. Mas ao penetrar na sua história de vida, pude observar, que embora Ana conseguisse verificar o papel de suas crenças religiosas em sua vida, apresentava dificuldades em articular sua prática de forma congruente com qualquer abordagem teórica em Psicologia.

Assim, somente depois de ouvir a gravação, ler e reler a entrevista muitas vezes, discuti-la com minha orientadora e o meu grupo de estudo, e me empenhar arduamente na sua análise, é que pude captar, intuitivamente, o modo de existir de Ana, penetrando realmente em suas vivências, em sua história de vida, de modo espontâneo e experiencial. Esse processo foi um grande e envolvente desafio para mim, e exigiu muita paciência e persistência pois, acostumada com a proposta de análises de outras abordagens, nunca tinha trabalhado com a fenomenologia exclusivamente. Desse modo, surgiu a necessidade de se realizar um trabalho mais

detalhado e minucioso na análise das entrevistas de Ana, baseando-me, o tempo todo, nos procedimentos indicados por Giorgi (1985), que consistiu a direção inicial para o desenvolvimento do trabalho.

A separação da transcrição da entrevista de Ana por barras, assinalando as unidades de significado, exigiu muita atenção, releitura da entrevista e tempo de dedicação, para que eu conseguisse captar as possibilidades de tema, sempre com muito cuidado para que nenhuma unidade de significado ficasse sem ser mencionada. Na sequência, passei por outro momento bastante delicado e fundamental para a análise, pois reagrubei todos os temas semelhantes em subgrupos, para ter uma melhor visualização dos mesmos e organizá-los em categorias que posteriormente, permitiram a análise interpretativa. Tratou-se de um trabalho inicial, cheio de detalhes e passos a serem seguidos para chegar ao objetivo proposto.

Embora meu desejo e predisposição em desenvolver a pesquisa fosse enorme, vez ou outra, eu me perguntava se seria necessário realmente tudo aquilo para alcançar o meu objetivo, pois havia momentos em que me sentia exausta em função de todo o processo. Mas agora compreendo que essa primeira entrevista e forma de análise ajudou-me a definir minha postura enquanto pesquisadora, mantendo-me mais aberta para apreender a vivência dos meus colaboradores, auxiliando-me a conduzir com mais facilidade as demais entrevistas, sem sair do foco da pesquisa. Além disso, como minha aprendizagem e apropriação do método foi acontecendo paulatinamente, essa vivência acabou por proporcionar condições práticas e teóricas para que as análises subseqüentes das demais entrevistas se desenvolvessem mais naturalmente, utilizando simultaneamente os procedimentos sugeridos por Giorgi (1985), já em uma análise mais confiante.

Sinto que na fenomenologia encontrei um suporte que me direcionou, iluminou constantemente o meu caminhar e o meu olhar e fez com que uma estrada nova fosse desbravada aos poucos, mas, com propriedade, à medida que eu conseguia voltar-me, primeiramente, para minhas próprias vivências e num segundo momento, para as vivências dos meus colaboradores, dialogando constantemente com autores pertencentes a esta abordagem. Consegui, assim, obter uma possível compreensão a

respeito do modo como esses psicólogos foram fazendo suas escolhas teóricas, dentro da singularidade da história de vida e das crenças religiosas de cada um.

Por meio das leituras e análises das entrevistas, pude perceber, também, que os psicólogos que encontraram espaço adequado no âmbito acadêmico para se expor em sua totalidade, expressando seu modo de pensar e ser, puderam acolher suas crenças e valores com mais facilidade, provavelmente elaborando-as, sem deixar de apropriar-se adequadamente, de uma abordagem teórica psicológica congruente com sua visão de homem e de mundo. Ressalto, ainda, que as entrevistas levam a crer, que a escolha de uma abordagem mais consonante e congruente com o mundo interno do psicólogo é resultado, também, de uma concepção pessoal de homem bem definida, ou em processo de elaboração que possa ser conciliado com as concepções subjacentes às teorias psicológicas.

Por outro lado, a psicóloga que não encontrou a abertura que lhe permitisse ser ela mesma, considerando as influências recebidas da sua religião, teve grandes empecilhos para elaborar sua visão de homem e de mundo fundamentada na Psicologia. Isso fez com que sua prática não tenha um embasamento teórico consistente, utilizando-se de recortes descontextualizados de várias abordagens: psicanálise, comportamental e gestalt-terapia, que não possuem uma visão de homem, de mundo e de subjetividade congruentes entre si. Além disso, sua atuação passou a ser direcionada exclusivamente pelos fundamentos de sua religião, supervalorizando a dimensão espiritual em detrimento das outras dimensões, como a física, a psíquica e a social, reduzindo a origem dos problemas a uma explicação fundamentada somente no espiritual. Para ela, no entanto, a questão da coerência não se põe e considera que a Psicologia atende às suas necessidades ao dispor de técnicas das quais se utiliza sem maior fundamentação teórica.

No caso César, penso que ele possuía uma abertura para revisão, mudança e ampliação de seus conceitos, pois, ao sentir-se incomodado com a visão de religião apresentada pela psicanálise, foi levado a buscar, por si só, a sua concepção de homem, para assim, elaborá-la melhor. Pela sua história de vida, concluo que o contato, a convivência e o diálogo com grandes teóricos da linha fenomenológico-

existencial, que em sua maioria consideravam a dimensão espiritual, acabou por influenciá-lo, facilitando suas escolhas teóricas.

Já no caso de Beth, percebe-se que embora tenha tido uma formação psicanalítica durante sua graduação e apenas um pequeno contato com a Gestalt-terapia, ela ficou motivada a ir, cada vez mais, em busca de conhecimento sobre esta abordagem, e assim, foi se identificando e se encantando com a Gestalt-terapia. Esta linha teórica foi ao encontro com sua concepção de homem, um ser bio-psico-sócio-espiritual, concepção esta muito bem definida e elaborada por ela, em que elenca a dimensão espiritual como ponto chave de todo progresso psicoterapêutico.

No seu modo de apropriação da gestalt-terapia, Beth enfatiza a dimensão espiritual, o que parece influenciar a sua postura clínica, mais participativa, quando procura ajudar o seu cliente a encontrar um lugar para viver a sua espiritualidade. Esta posição parece ser equilibrada, de certa forma, por meio de uma atuação psicoterapêutica congruente e atualizada dentro da perspectiva escolhida. Além disso, por intermédio da sua entrevista, não se observam repercussões negativas com relação a essa atitude.

Acredito que este estudo permite apontar algumas conclusões. Esta pesquisa mostra que as crenças religiosas de psicólogos clínicos que são católicos acabam por influenciar fortemente suas escolhas teóricas, e, nesse sentido, é necessário que a Psicologia proporcione mais espaço, principalmente no âmbito acadêmico, para se trabalhar e elaborar questões relacionadas ao tema religião, religiosidade e espiritualidade, para que, assim, os profissionais encontrem suporte no campo da Psicologia para articular suas crenças pessoais, sua prática e teoria de forma harmoniosa.

De fato, essa dissertação confirma que é possível encontrar dentro da Psicologia, um espaço acolhedor e apropriado, no qual o psicólogo desenvolve seu papel profissional de forma competente e coerente com suas crenças religiosas. O psicólogo clínico pode se apropriar adequadamente de uma abordagem teórica para fundamentar sua prática clínica, sem sofrer fragmentações e dissonâncias entre sua prática, suas crenças, seus valores e sua abordagem teórica.

A Religião e a Psicologia são universos diversos, mas, não obrigatoriamente dissonantes, e, se respeitados em suas especificidades, podem contribuir tanto para a atuação competente dos psicólogos clínicos quanto dos religiosos que estudam o ser humano e buscam se apropriar de conhecimentos da Psicologia.

Como se sabe, a história de vida constituída por vivências, crenças religiosas e valores influenciam fortemente as escolhas feitas e, logicamente, aquelas na área profissional e, assim, é possível ver, em cada caso, o modo como a pessoa vai dando sentido às suas vivências. É importante, portanto, que o psicólogo acolha e procure compreender suas próprias vivências religiosas, assim como as de seus clientes.

Por último, esta pesquisa revela que um caminho longo e cheio de obstáculos pode ser vencido, à medida que se encontra um orientador totalmente acolhedor, amoroso e competente, teoricamente falando, que acredite em você e que, por outro lado, ajude-lhe a também acreditar em si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, Ângela. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi (Orgs.). Bauro, SP: EDUSC, 2004.

ALLETI, Mário. A representação de Deus como objeto transicional ilusório. Perspectivas e problemas de um novo modelo. In: PAIVA, G. J. de. e ZANGARI, W. (Orgs). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo : Edições Loyola, 2004. p. 19-50.

ANCONA-LOPEZ, M.; FIGUEIREDO, L. C. Parecer sobre técnicas alternativas solicitado pelo CFP. Junho, 1993. n/p.

ANCONA-LOPEZ, M. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In: MASSIMI, M. e MAHFOUD, M.(orgs.). *Diante do Mistério: Psicologia e Senso Religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____A espiritualidade e os psicólogos. In: AMATUZZI, M.M. (Org.) *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulo, 2005. p.147-159.

_____Entre Psicologia e Religião: possíveis diálogos. In: III Congresso Brasileiro de Espiritualidade e Prática Clínica, 2005. São Paulo, SP, 2005. n/p.

_____ *Clinical Psychololgists' suffering in Psychology and Religion Supervision*. In: 2006 Conference of the International Association for the Psychology of Religion, Leuven. International Association for the Psychology of Religion, Conference_2006. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 2006. v1.

CROATTO, J. S. *As Linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução por Carlos M. V. Gutiérrez. São Paulo: 2001.

DANON, M. *Counseling: uma nova profissão de ajuda*. Tradução por Adalto Luiz Chitolina. Curitiba: Sociedade Educacional e Editora IATES, 2003.

DELEFOSSE, M. S. e ROUAN, G. et coll. *Les méthodes qualitatives em psychologie*. Dunod, Paris, 2001.

FRANKL, Viktor. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FOWLER, James W. *Estágios da fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca do sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Fenomenologia, Existência e Psicoterapia. In: FORGUIERI, Y. C. (Org). *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

_____. *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GIOVANETTI, J. P. O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In: MASSIMI, M. e MAHFOUD, M.(org.). *Diante do Mistério: Psicologia e Senso Religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Psicologia existencial e espiritualidade*. In: AMATUZZI, M.M. (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p.129-145.

GIORGI, Amedeo (org). *Phenomenology and Psychological Research*. Duquesne University Press, Pittsburgh, PA, 1985.

_____. *Phenomenological Psychology*. In: SMITH et all (ed). *Rethinking Psychology*, London, Sage Publication, 1995, p. 24-42.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLOCK (1962) In: PALOUTIZIAN, R. F. *Invitation to the Psychology of Religion*. Allyn&Bacon, Boston, 1996.

JARDILINO, R. L. Introdução: Interfaces entre Psicologia e Religião. In: JARDILINO, R.L. e SANTOS, G. T. dos. *Ensaio de Religião e Psicologia*. São Paulo: Plêiade, 2001.

LARRABURE, M. G. *Semelhanças e diferenças entre o aconselhamento psicológico e aconselhamento espiritual: "Os últimos passos de um homem"*. 2003. 57f. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo.

MAFOUD, M. Necessidade, desejo e exigências : Cultura como âmbito da experiência. In: PAIVA, J. G.(Org.). *Entre necessidade e desejo: Diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.

MASLOW, A.H. *The Farther Reaches of Human Nature*. New York, Viking Press, 1971.
MILLER, Geri. *Incorporating Spirituality in Counseling and Psychotherapy: Theory and Technique*. John Wiley&Sons, Inc, New Jersey, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MULLER, Wunibald. *Deixar-se tocar pelo Sagrado*. Tradução por Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Ana L. Ribeiro. *Os sentidos da religiosidade de idosos adeptos do catolicismo popular da região do Triângulo Mineiro*. 2006. 288f. Tese (doutorado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo.

PAIVA, Geraldo J. de. *A Religião dos Cientistas: Uma leitura psicológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Ciência, Religião, Psicologia: Conhecimento e Comportamento*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.15, n.3, p. 561-567, 2002.

PALOUTIZIAN , R. F. *Invitation to the Psychology of Religion*. Allyn&Bacon, Boston, 1996.

PERLS, Frederick S. *Gestalt-Terapia Explicada*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

RIBEIRO, J. Ponciano. Religião e Psicologia. In: *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. HOLANDA, Adriano (Org.). Campinas, SP: Editora Alínea, 2004. p.11-36.

RIGACCI JR, G. A experiência religiosa e o encontro humano: um olhar filosófico. In: AMATUZZI, M.M. (org.) *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulo, 2005. p. 49-58.

SANDERS, Patricia. *Phenomenology: A new way of Viewing Organizational Research*. Academy of Management Review. Vol 7, n. 3, p.353-60, 1982.

SHAFRANSKE, E. e MALONY, H. N. *Clinical Psychologists' Religious and Spiritual Orientations and Their Practice of Psychotherapy*. American Psychological Association, USA, 1990.

SHAFRANSKE, E. e MALONY, H. N. Practice of Psychology: A Case for Inclusion. In: Edward P. Shafranske. *Religion and the Clinical Practice of Psychology*. American Psychological Association, USA, 1996.

VALLE, J. Edênio dos Reis. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. Martins (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 83-107.

_____. *Apontamentos para uma Introdução à Psicologia da Religião*. São Paulo: Programa de Ciências da Religião, 2005. p.1-26.

VAZ, H.C.L. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 1v.

WULLF, D. M. *Psychology of Religion: Classic & Contemporary*, John Willey & Sons, NY, 1997.

ANEXOS

ANEXO I

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE ANA

1º ENTREVISTA

Entrevistadora: Então, você é religiosa?

Ana: Eu sou religiosa, eu sou católica desde que nasci, a minha família também é religiosa então teve toda aquela parte, me batizei no catolicismo, me crismei, e sempre, fiz a primeira comunhão e sempre procurei participar. Já participei muito de grupo de jovens, né, já dei palestra, e continuo participando né, inclusive fazemos este nosso curso, o Aconselhamento. Então isso é muito importante pra mim. Levar esta espiritualidade, não digo religiosidade, por que eu acho que parte de cristão né. A espiritualidade no meu trabalho, com as pessoas. Não sou diretamente assim né, por eu ser um católico, tem que ser católico não, mas eu acho que tem que ter a espiritualidade, porque às vezes muitos problemas é a falta de Deus, né. Então, eu sempre coloco né, sempre falo pra eles, sempre vejo como que tá a vida dele dentro da família, dentro do trabalho, no lazer e na vida espiritual o que está acontecendo. De repente, inclusive, aqui eu tenho um projeto sobre dependência química, e neste projeto, tem um grupo querendo padre ou poderia ser um pastor, independente, falar sobre a espiritualidade com o dependente químico. Então mensalmente ele tem um espaço e todos vem, se encontram e eles gostam muito, isto faz muito bem para eles né, para qualquer pessoa.

Entrevistadora: Nossa, você abre um espaço para que eles possam...

Ana: Abro o espaço, agora na verdade eu não posso vir assim, eu não venho, eu gosto de usar cruzinha né, uma medalhinha, mas aqui eu não uso nada, quer dizer eu sou neutra. E as pessoas perguntam você é católica ou você é evangélica? Eu digo, eu respondo a verdade, eu sou católica né. E elas gostam muito, pelo

menos as cristãs, as evangélica, as católicas gostam mais ainda. Inclusive, teve uma acadêmica que veio na semana passada, na sexta- feira, eu já estava quase indo embora mas eu vi que ela tava tão desesperada que eu fiquei ali, né. Mas o que você quer? Ela disse que estava procurando a *Ana*, ela sabia que a *Ana* era católica. Ela falou assim, olha acho que foi Deus que me mandou aqui, eu, tava quase saindo. Mas que bom. Eu quero conversar com você um pouquinho, eu quero que você me encaminha para uma psicóloga católica, porque a que eu fui, eu não gostei. Porque ela disse que aqui eu não faço mais o acompanhamento psicológico, a psicoterapia, algumas pessoas eu faço, mas nós encaminhamos, nós temos cadastro, como eu te falei, de psicólogos, porque eu só lido mais com a dependência química, que é muita coisa. Então, aí ela disse que encaminharam ela para um psicóloga e ela entrou no consultório e era totalmente esoterismo, elefantinho, pirâmide, outras coisas, o som lá, sabe. Então, ela se assustou e ela não queria voltar mais nesta psicóloga. Então ela queria ser encaminhada para uma psicóloga cristã, de preferência, católica, né, que ela tava muito desesperada. E inclusive ela era uma acadêmica de medicina. E aí encaminhei e ela ficou muito mais tranqüila, né, gostou. Toda hora: Ah que bom, foi Deus que me mandou aqui, ainda bem que eu te encontrei.

Então é interessante, né. Muitas pessoas te procuram , devido a religiosidade, a espiritualidade. Então a gente percebe que as pessoas precisam muito disto. E a gente sabe que precisam mesmo né, é o objetivo final de todos nós, de nós estarmos aqui. Então é importante e eu sempre pergunto como é que tá a parte da espiritualidade, né, independente da religiosidade deles. Então, sempre foi colocado, sempre foi perguntado, e isso tá dando certo, porque às vezes ele volta, quando é o retorno ele fala: ah, eu fui numa igreja, né, foi muito bom, to fazendo parte, to até participando mais né. Os católicos falam assim, ah agora estou ajudando o padre, to sendo ministro, ele me convidou para ir lá no grupo sabe, então você vê a motivação deles, você vê mais vida na pessoa, ao invés daquele que não tem nada, e às vezes encontrei até ateu mesmo, que veio aqui em busca de resposta, que às vezes é um mistério e que não tem resposta. O importante é você estar dentro, participar, né. Até que ele compreendeu isto, entendeu esta situação.

Entrevistadora: E já faz muito tempo que você tem essa espiritualidade, religiosidade?

Ana: Ah, já faz muito tempo, né. Desde quando eu entrei aqui, eu fiquei mais neutra, não sabia se a gente poderia colocar esta espiritualidade, mas daí desde que eu comecei a participar ativamente dos grupos, eu percebi que não teria problema nenhum, né. Primeiro você espera a pessoa perguntar, depois, também pergunta como é que está esta parte. Você vai a alguma igreja, você tem alguma religião, o que você pensa disto, você quer participar de algum? Então, sempre faz estas perguntas, é sempre muito importante. Eu, em todos os meus atendimentos eu converso um pouquinho sobre esta área, a área da espiritualidade. E teve assim grande sucesso, foi muito bom.

Entrevistadora: E como que você foi conseguindo conciliar a questão da Psicologia, como teoria, que você até mesmo colocou, algo científico, junto com essa espiritualidade sua? Como que foi se dando, como que você percebe que foi se dando essa construção desse seu caminhar?

Ana: Então, no início foi muito difícil, inclusive até que eu te falei, desde o início que eu fiz psicologia, os professores pareciam que queriam tirar esta religiosidade de dentro da gente e não queriam que a gente comentasse nada sobre como que surgiu as pessoas, Deus, sobre Deus, então não podia se comentar isso com, dentro da sala de aula. Mas depois que eu fui participando, eu fui buscando resposta, inclusive eu fiz um curso de Teologia também...

Entrevistadora: Você foi participando do quê?

Ana: Participando dos grupos de jovem, fiz curso de Teologia, conversava muito com os padres, vi que isto, devia ser colocado para fora, né, devia ser comentado, devia ser colocado. Não que você vai inculcar nela para a religião, mas o despertar dela para a espiritualidade. Claro que nunca foi colocado "olha você tem que ser católico, você tem que ser evangélico, tem que ser cristã. Não, eu acho que ele tem que buscar aquela que ele se sente melhor, né. Mais sempre é falado sobre Deus. Inclusive até nas reuniões dos dependentes químicos, eles falam, porque é baseado na filosofia do AA, os grupos que eles tem aqui. Então se fala de um Deus todo poderoso, não se fala das religiões,

mas que existe um ser superior a todos. Então, é, sempre foi um ponto que as pessoas, por exemplo, o dependente químico, o ser superior dele, no momento que ele tá fazendo uso destas substâncias psicoativas, é ela mesma, é a droga mesmo, o ídolo, o ser superior. Então ele tem que tirar a droga e colocar algo superior à ele, porque ele tá no chão, ele tá um trapo, ele tá fragmentando. Então tem que ser um coisa forte além dele, pra ele conseguir sair daquele problema, daquela problemática toda.

Entrevistadora: Mas como você foi conseguindo conciliar? Você conseguiu conciliar alguma teoria com essa sua fé, como foi isso para você? Como você foi lidando né, com a questão de teoria mesmo, não sei como foi seu embasamento durante a faculdade...

Ana: Olha, como eu te falei, a teoria é totalmente contra, né. O que eu tive, o meu estudo foi totalmente fora, foi só científico mesmo. Conciliar, acho que não houve conciliação.

Entrevistadora: Você lembra o embasamento que era, da época da faculdade, qual era, se psicanalítico, gestalt-terapia, que linha que se usava?

Ana: Eu fiz a linha comportamental e psicanalítica, era Freud e Skinner...

Entrevistadora: Eram os mais fortes...

Ana: Então não houve nenhuma espiritualidade, não teve nada, mas teoricamente não deu para conciliar, o que eu conciliei foi na prática mesmo, depois né que eu me formei e que eu sempre quis fazer uma especialização e o mestrado sempre na linha espiritual. Sempre procurei e quando eu ouvi do Aconselhamento, nossa, não eu tenho que fazer. E esta área mesmo que eu quero, é a espiritualidade junto.

Entrevistadora: O que lhe chamou atenção no Aconselhamento?

Ana: Olha, primeiramente porque era feito por padres, que tem a religiosidade total. Então eu sabia que eles iam nos informar uma teoria bem mais espiritualizada, né, do que as outras que eu tive, porque as outras eu não tive nenhuma, inclusive ficava até um tanto revoltada com isso. Inclusive eu atendi também alunos que tava totalmente

num dilema, num conflito. Nossa, mas o homem disse, o professor disse que o homem veio de um animal e daí eu olhei na Bíblia e meus pais me ensinaram uma outra coisa. Aí você tenta colocar, que a teoria é uma coisa e a espiritualidade é outra coisa. Você pode estudar aquilo ali, mas você tem que acreditar, naquilo que é mais forte dentro de você, né. E elas conseguiam e eu também consegui né, ficar mais a ciência e espiritualidade juntos. Você fala da teoria, mas você fala da espiritualidade, a espiritualidade e a ciência; você fala da ciência você fala da espiritualidade juntos, que foi isso também que a gente também aprendeu no Aconselhamento. Sempre eles diziam né, a ciência é isso, mas a parte espiritual é isso. É você vai encarando de outra maneira, bem espiritualizado mesmo.

Entrevistadora: E teve alguma linha teórica que você se identificou mais, que desse para conciliar tanto...Você me falava em teoria e espiritualidade, mas como foi isso na prática, no atendimento, por exemplo?

Ana: Então, porque na época que eu estudei, nenhuma teoria dava para conciliar, só mais este Aconselhamento. Eu acho que todas tiveram a espiritualidade também junto, né. E bem claro que o Freud o que a psicanálise coloca, fala: não, esta questão do inconsciente é tua alma. Então deu bem para ver que o que tem na espiritualidade é a mesma coisa que tem na psicologia, só em nomes diferentes. Deu pra perceber que é isso mesmo que a gente tava pensando, é isso mesmo que a gente tava fazendo e toda esta experiência que a gente ta passando, que eu tenho, que é muito bom. Então, agora ta dando assim, eu sempre utilizava mais na prática, mas agora com essa especialização que eu to vendo que deu para conciliar mesmo a espiritualidade juntamente com a ciência, foi isso que nós vimos.

Entrevistadora: E o que você entende neste momento para você, desta experiência, com esta especialização?

Ana: Ah, eu me sinto muito feliz por ter esta explicação dentro de mim e revendo todo este processo, né, de consciente de inconsciente, toda esta problemática, bem dentro daquilo que a gente pensava mesmo, né.. Da nossa alma, dos nossos problemas, do seu eu. Acho que bem claro dentro de mim, acho que não há necessidade de separar,

né e nem deixar isto de lado, a espiritualidade de lado. Eu acho que é algo muito importante. E acho que é algo que ajuda muito as pessoas. Eu acho que é isto que está faltando até nos professores. Os professores daqui, eles tem uma espiritualidade, mas não cristã, a religiosidade é diferente, são mais espírita, mas eles tem alguma coisa também. Não são totalmente ateus como antigamente. Quando eu fiz, eu tive assim os professores bem ateus mesmo, que gostavam de falar que não existe nada. Inclusive eu atendi até alunos que eram ateus mesmo, né. Então foram coisas assim terríveis.

Entrevistadora: E como você sentia-se nessa época da faculdade?

Ana: Ah, nesta época eu me sentia um tanto impotente, né, de lidar com estas situações, até quando eu comecei a atender as pessoas, assim, bem impotente, as pessoas chegavam e diziam eu não sei se elas percebiam em mim que eu era cristã então elas vinham bem ao contrário, não sei se para testar alguma coisa sobre a espiritualidade ou se eles queriam se tornar espiritual. No final de tudo, ficava bem claro

Entrevistadora: As pessoas do seu curso ou pacientes?

Ana: Não, depois que eu me formei tinha pessoas totalmente ateus, que não acreditava em nada, pra sentimento e eles mesmos diziam. Às vezes eles preferiam até acreditar que não existia Deus mesmo, pra eles achavam até mais tranquilo e depois que ele percebia, se ele tava me procurando, ajuda, e precisava de uma coisa assim mais forte para ele, né, para ele lidar com as situações. Aí ele percebia bem claro que todo mundo precisava de um ser superior, de algo mais do que ele mesmo, um ser humano. Porque o ser humano é um trapo, sem um ser superior você não é nada, você não consegue nada. Então, isso junto com a espiritualidade é que eu levo meu trabalho, acho que sem isso, não teria sentido algum, né. Inclusive é o que eu tento, fazer um mestrado na área da espiritualidade, ciência juntamente com o espiritual, a dependência química, eu preciso procurar, porque são poucas as universidades, faculdades que oferecem isto daí. Mas é isso Cinthya, foi difícil assim, né, pra eu prestar este atendimento, mas com as pessoas eu consegui. É claro que eu sou neutra, não posso usar nada, porque as pessoas até falam. Ah!, Porque tem pessoas, tem outras pessoas cristãs aqui que são evangélicas, psicólogas, e mostram até na vestimentas delas, e as pessoas falam :

“olha eu não quero fazer com ela, porque eu acho que ela é evangélica mesmo”. E elas usam saia, saia muito comprida, não sei, parecem é muito radicais, então quero fazer com você. Então eles percebem minha neutralidade, mas depois ele vai percebendo também a minha espiritualidade e vai aceitando, né. Se eles querem ser evangélicos, tudo bem, desde que sejam cristãos, é importante. Mesmo assim, eles é que vão escolher. Pode ser até espírita, mas eu coloco, o que que é a espiritualidade, o que é a religiosidade. E ele vai fazer a escolha dele. É importante que eles tenham, que eles praticam, mas a escolha sempre vai ser dele.

Entrevistadora: E quando você fala, “eu sou neutra neste primeiro momento...”

Ana: Eu sou neutra assim, que tem muitas pessoas aqui, que usam bijuterias, brincos, tudo assim ligado a uma coisa, um símbolo, de religiosidade, por exemplo, uma medalhinha, uma cruzinha, né, e às vezes, a pessoa bate naquilo e já não querem, não querem fazer com elas, ou usam uma saia comprida, só usa saia, acha que a pessoa é careta, é radical. Então eu sou neutra, mas depois eles vão saber que eu tenho uma espiritualidade muito forte. Eu dou a entender, que não é uma pessoa careta, que não é uma pessoa radical, que é uma pessoa cabeça aberta até. Eu me percebo assim também e eles vão aceitar ainda mais a espiritualidade, você sendo neutro num primeiro momento.

Entrevistadora: E hoje na sua atuação, você conseguiu, utiliza alguma teoria que é especial, que você acha que tenha relação com aquilo que você pensa sobre a espiritualidade?

Ana: Olha, quando eu atendia, quando eu fazia acompanhamento psicológico, a minha teoria era mais analítica, agora, na dependência química é mais comportamental porque eles restringem, a comportamental é a mais indicada para a dependência química. A analítica também, mas a analítica demora muito.

Entrevistadora: Jung ou Freud?

Ana: Jung, então vejo que a comportamental é instantânea e na dependência química precisa ser instantânea, né. Ele tendo a conscientização, o trabalho, o tratamento é

mais fácil, mais rápido, é muito mais prático. Mas na outra, eu atendia mais na psicanalítica, na área do Jung, que é mais também cristão, os pais dele era cristão e acredito que ele herdou um pouco desta espiritualidade dos pais.

Entrevistadora: E daí, hoje você sente que dá para utilizar essas duas...

Ana: Tranqüilamente. Dá para utilizar a espiritualidade juntamente com a Ciência sem problema. Hoje eu vejo isto com muita facilidade tanto em colocar, em falar, como em agir, não tenho medo nenhum. Eu vi assim uma produção. As pessoas que passam por aqui, eu vi que são mais assim, elas elaboram o problema que elas tinham muito mais rápido, muito mais fácil. Elas saem com uma maior tranqüilidade, né, delas participarem um pouquinho do espiritual. Elas falam, não Ana eu tenho que participar do espiritual, porque Ele dá muito para a pessoa, Ele fortalece muito a pessoa, né . Então, como você sabe que a psicoterapia é muito bom para qualquer pessoa, juntamente com a espiritualidade, nossa é em dobro. E é o que todos estão precisando. Inclusive até médicos também estão utilizando, né. Eles mesmos do ramo, outro dia tava conversando com um médico meu. Ele falou, não eu dou até uma receita, se a pessoa quer ir lá se confessar, então a receita pra ele procurar um padre e se confessar. Pra ele, ele acha que é interessante fazer uma novena, então a receita é fazer uma novena, vai assistir missa tantos dias, sabe. Ele também não tem nenhum problema. Se ele vê que é uma coisa boa pra pessoa, por que não? Você sabe que é o final de todos, é o resultado, é o porque nós estamos aqui, então acho que tem que ser juntamente com espiritualidade. Sem problemas, nenhum comentário. Eu não vejo também nenhum problema com as psicólogas daqui, né e elas sabem que eu sou neutra, que eu não uso nenhum vestígio, nenhum nada, né e elas colocam a Ana é neutra, mas elas sabem também que eu tenho a minha espiritualidade, que eu sou católica, né e que eu sou praticante, mas elas percebem que as pessoas tem que ir devagar, você tem que primeiro conhecer a pessoa, para você ir colocando, essa parte, primeiramente do ser superior, sem colocar nada do catolicismo, mas sim da espiritualidade de cada um. Todo mundo, todos tem espiritualidade. Às vezes, ta muito escondidinha, mas você vai, desvendando, passando um brilho, né, pra eles perceberem, ficarem mais motivados nesta área. Todas as pessoas para mim, acho que sem a espiritualidade, não poderiam fazer nada por ninguém. Tanto a minha, como passar isto para eles, se você não tiver,

como é que você vai passar. Então você sempre tem que estar se renovando também, você participa muito, né? De grupos, de acampamentos, então, isto é muito importante, fortalece mais a você, quanto as pessoas também, que você vai atender.

Entrevistadora: E há quanto tempo, Ana, quase encerrando, que você percebeu que isso ficou mais claro para você, desta conciliação. Como você falou, ficou bem forte para mim, a ciência pode ser utilizada numa boa com a espiritualidade. Por que você já é formada há 19 anos?

Ana: Isso, olha, a pouco tempo. Acho que mais, antes de eu fazer o Aconselhamento. Acho que há uns cinco anos, mais ou menos, até menos ainda, uns quatro anos que eu andei utilizando a espiritualidade. Particpei de grupos, mas eu sempre ligava a espiritualidade mais pra mim. Daí eu comecei a fazer a oficina de oração, e dentro da oficina de oração não existiam somente católicos, existiam outras religiões também. E aí que eu percebi que poderia este evangelho de Deus, poderia ser divulgado para todo mundo. Então, o que eu falei... que eu comecei já faz uns cinco anos, com muito cuidado, com certo receio e devagarinho, e agora que eu to assim bem mais fortalecida eu falo mais tranquilamente, né. Sempre esperando a reação da pessoa e sempre no início eu já pergunto qual é a religião, na triagem mesmo, se tem alguma religião, se pratica alguma religião, né. Porque depois no processo todo, eu vou comentar isso, eu vou falar sobre como a espiritualidade dele neste momento, se ele participa, quanto tempo que ele deixou, por que não quis mais e a quanto tempo que tem estes problemas pra ele perceber, se ele parou mesmo e aí que vieram os problemas, ele não estava mais fortalecido, ele já não estava mais revestido daquela graça. Então, agora eu acho que não tem problema, eu falo sem medo, mas com todo cuidado, com todas as pessoas eu tenho este cuidado, pra não atrapalhar, pra não ter problema algum.

Entrevistadora: Gostaria de colocar mais alguma coisa importante neste processo?

Ana: Não, acho que o que eu tinha, eu já coloquei tudo. Não tenho mais nada não.

Entrevistadora: Então, é isso, muito obrigada.

2 ° ENTREVISTA

Entrevistadora: Eu retornei aqui, porque, ao ler a entrevista, pude perceber que alguns pontos não ficaram muito claros para mim, e achei interessante esclarecê-los, pois você até tinha sugerido essa possibilidade. Você tinha falado na nossa entrevista, que o curso de Aconselhamento foi muito importante para você, porque, de certa forma, pelo que entendi, você conseguiu abordar com mais facilidade o tema da espiritualidade. Então, eu gostaria de estar retomando esse ponto com você, para que me falasse o que foi que você percebeu no curso de Aconselhamento que, de repente, pôde contribuir para que houvesse realmente essa possibilidade da inclusão deste tema da espiritualidade na sua atividade profissional.

Ana: Porque anteriormente, como eu havia falado para você, eu já colocava, inclusive até nas triagens que eu faço, eu pergunto a religião. Se for católico, aí é claro, que é muito mais fácil. Agora, se for um ateu, aí eu procuro colocar Deus no coração dele. Então o Aconselhamento deu mais embasamento para mim. Como que eu poderia colocar Deus no coração daquela pessoa que não conhecia nada. Que não sabia nada, e que precisava de alguma coisa superior a ele, e que seria o Deus mesmo. Porque na verdade ele não acreditava, quer dizer, a pessoa superior a ele, era ele próprio. E como que eu lido muito com dependente químico, a coisa que eu poderia falar que é superior na vida dele é a droga. Então, ele não poderia ser superior a droga, porque ele já era um dependente, ele já tava um fracasso, ele tava no fundo do poço. Então a droga, tá lá em cima. Precisaria colocar Deus acima da droga, e foi o Aconselhamento que me deu todo este embasamento que eu não tinha.

Entrevistadora: Ana, quando você fala assim, desse embasamento que o Aconselhamento lhe possibilitou, você poderia me explicar um pouquinho o que é esse embasamento, quais são os autores que você acha que, talvez, deram-lhe esse suporte, qual foi a linha teórica utilizada...como que tá isso para você?

Ana: Olha, o que ele me deu, o Aconselhamento, o que ele me forneceu, o que nós estudamos lá, eu fiquei assim, mais voltada para a Bíblia. Eu ia em casa e lia a Bíblia também, para ver se tava, mais ou menos, relacionado com aquilo que o padre dizia.

Termos científicos, juntamente com termos teológicos, o que a Bíblia dizia também. Então, para mim, ficou muito mais completo, porque na Bíblia era a mesma coisa. Então, eu acho, que era o que eu precisava, o que este curso me deu. Essa segurança maior de colocar sobre Deus. Porque na Bíblia você acredita em Deus em qualquer situação, né?

Entrevistadora: Você se lembra de alguma passagem Bíblica que leu, que tinha relação com alguma aula do Aconselhamento?

Ana: Olha, eu acho, específico, não. Mais eu lembro assim, é uma coisa muito geral, por exemplo, todas aquelas doenças, tudo aquilo que nós vimos, eu não sei porque, eu lembro muito relacionado àquela passagem do filho pródigo. Vejo como com uma doente, que eu conversei com uma dependente química, que ela foi como o filho pródigo. Ela saiu de casa, por causa das drogas, e depois quando ela foi para o mundo, ela saiu de casa, mas também porque os pais não acreditavam mais nela, expulsou ela. Não foi muito bem relacionado ao filho pródigo, mas ela foi embora de casa, experimentou tudo que tinha, todos os tipos de drogas, aí ela percebeu que ela já tava no fundo do poço, que ela já não tinha mais condições, daí ela teve uma luz de procurar a família. Mas ela tinha medo de procurar a família, porque o pai não mais aceitava. E ela pediu para que colocasse um pano branco na casa, uma bandeira branca, para ver se ela pudesse entrar na casa, que eles tinham aceitado, que eles tinham perdoado. E o pai colocou lençóis. Então assim, eu vi muito do filho pródigo, dentro da dependente química.

Entrevistadora: E que relação que você fez desta situação com o Aconselhamento?

Ana : Com o Aconselhamento, tudo que ele me ensinou, tudo...

Entrevistadora: O que você entende por Aconselhamento?

Ana: Porque o Aconselhamento, o aconselhamento que você coloca é orientar aquela pessoa que ta com dificuldade, né, que ta com dificuldade. Mas como que eles colocam mais na vida cristã, eu peguei mais nesta linha, né. Aproveitar o aconselhamento dentro de uma vida, como que eu poderia dizer, cristã, uma coisa boa, um Deus dentro da vida

dele, para ele. Nenhuma pessoa, acho que vive sem ninguém, todo mundo é limitado. Então, todos nós precisamos de algo superior a nós, para pelo menos ser um ser totalmente ele, mas complementar algumas falhas que ele tem, pelo menos isso. E para ser superior, tem que ser Deus.

Entrevistadora: Então, se eu lhe perguntasse o que é Aconselhamento para você...

Ana: É mais uma orientação do problema que a pessoa tem, o que ele precisa, mais voltado para a vida cristã, voltado para um Deus todo poderoso. Inclusive, até no grupo de apoio que nós temos, não sei se você conhece muito bem o AA, este grupo que nós temos aqui é baseado na filosofia do AA...

Entrevistadora: Mas não é o AA?

Ana: Não, mas ele é baseado no AA, ele tem aqueles livrinhos dos doze passos e aqueles livrinhos, cada passo, eles falam de um Deus superior, porque lá tem todas religiões, até espírita, evangélica, tem todas as religiões, não é só cristã. Tem judeu, tem mulçumano. Então, eles falam de um Deus superior, porque todos acreditam num Deus superior, então eles estudam isto, este Deus superior dentro dele, dentro da vida dele, acompanhando ele a cada passo, para ajudar ele ao não uso destas substâncias psicoativas.

Entrevistadora: E quando você fala em coordenação do AA, este grupo que é baseado no AA, tem alguma linha teórica, ou alguns autores que você costuma se utilizar, Ana, para coordenar este curso?

Ana: Não, este curso não é coordenado por mim, é dentro do meu projeto, mas a coordenação é feita por dependentes químicos.

Entrevistadora: Mas você participa do grupo?

Ana: Não, eu não. Ninguém entra lá. Eu converso...tem os coordenadores escolhidos por mim, eu percebi que já estavam bem para coordenar...

Entrevistadora: Que não são psicólogos...

Ana: Que não são psicólogos, mas são dependentes químicos. Tem alguns professores, alguns chefes de setores, que são dependentes químicos, mas que já estão na coordenação. Mas eles passam para mim, eu não entro, eles se constroem também, por passar alguma coisa a mais da droga, eles já passaram por atendimento psicológico, individual, cada um deles que estão lá. Depois que ele é liberado do atendimento psicológico, eu joga eles... eles ficam no grupo.

Entrevistadora: Então eles passam por um atendimento por você...

Ana: Exatamente, por mim, pela assistente social, por médicos se precisar. Daí, depois, quando ele termina e vai mais ou menos um ano, aí ele vai para um grupo, que esse grupo é de manutenção. Não é só este grupo do AA, também, tem outro grupo, o grupo de vivência que trabalha com a auto-estima deles, tem o grupo da espiritualidade que vem um padre e fala sobre o evangelho dentro da dependência química também.

Entrevistadora: Ah, então é um grupo a parte, este com o padre?

Ana: Isto, mas com o mesmo grupo...

Entrevistadora: Em um outro momento?

Ana: Em um outro momento. Tem um grupo também...ele vai para o grupo de apoio, que é só dependente químico, coordenado por dependente químico. Aí ele vai no grupo de vivência, é o palestrante que vem falar sobre auto-estima e debater com eles também. Aí no outro, da espiritualidade, vem um padre e já veio pastor também. E agora, na maioria é mais padre porque a gente tem mais contato. Mas não tem problema, ele não fala sobre a religião católica, ele só diz sobre o evangelho, ele sabe que lá não tem só católico, a maioria é católico, mas tem outras religiões também. Então, ele vem este momento falar sobre o evangelho, e ele se volta à dependência química.

Entrevistadora: E esse coordenador desse grupo...

Ana: É o padre.

Entrevistadora : Mas e o coordenador do grupo dos dependentes químicos, ele que mantém contato com você, então?

Ana: Os coordenadores que eu escolhi de cada grupo mantém contato comigo. Seria um subcoordenador.

Entrevistadora: E tem alguma linha teórica, ou alguns autores que você se utiliza para orientar esses coordenadores?

Ana: Olha, a linha que nós usamos aqui, é a comportamental...

Entrevistadora: Que autores você gosta?

Ana: Ai...agora os autores são tantos... não lembro agora dos mais modernos...eu lembro do Skinner...tem muitos outros muito mais recentes, que eu não to lembrada.

Entrevistadora: E como se dá o processo com os coordenadores, você orienta...

Ana: Não, com o coordenador eu só pergunto como é que vão as pessoas do grupo. Como é que ta o grupo, se ta tendo algum problema ou não. Porque ele já ta bem, ele já ta de abstinência, dez, quinze anos. Então não precisa mais atendimento psicológico, mas quando é necessário, eles voltam para o atendimento psicológico. E o atendimento psicológico é baseado, baseado não, é a linha comportamental que eu uso. Com dependente químico é a linha comportamental que é a melhor, que eu vejo, para dependência química.

Entrevistadora: Deixa eu ver, se eu entendi... então, quando você dá o seu atendimento aqui, você se utiliza da comportamental.

Ana: Sim.

Entrevistadora: E voltando para o Aconselhamento, então...daí você falou que, de repente, você sentiu embasamento para abordar o tema da espiritualidade...Teve algum autor ou alguma linha teórica dentro do Aconselhamento que você se utilizou?

Ana: Mais a linha comportamental também. Porque lá, eles tem várias linhas, quer dizer, todas as linhas você pode usar o Aconselhamento. Qualquer tipo de linha. E você

também, não só a linha comportamental, como a gestalt. Porque eu vi muitos pontos da Gestalt que é mais ou menos parecido com a linha comportamental. Então, quer dizer, eu já utilizava e nem sabia que era a gestalt.

Entrevistadora: Por exemplo, o que você achou interessante da gestalt que você falou que tem relação com a comportamental?

Ana: Aí eu preciso lembrar alguma coisa...que eu...é sempre mais a orientação, né... Como que ele deve ser, como que deve ser a postura de um dependente químico...né? Como que... a postura dele, não só dentro do trabalho, como dentro da família, ou com os colegas de trabalho. Toda esta postura que eu fazia na comportamental é mais ou menos igual à gestalt. Então foi por isso que eu gostei mais destas duas mesmo, e não utilizo outra.

Entrevistadora: Falando sobre a linha comportamental, que você falou que se utiliza, como que você entende esta linha comportamental, visão de homem dentro dessa linha, como que fica isso para você?

Ana: Visão de homem?

Entrevistadora: Isso...ou como que você compreende a linha comportamental, o que você utiliza nos seus atendimentos...ou como que você utiliza...

Ana: É porque...a linha comportamental é mais assim... é condicionamento, é... que mais? Condicionamento positivo, condicionamento negativo. Por exemplo, para melhorar uma pessoa que ta com comportamento diferente né... você, ao invés de você, por exemplo... você dá um comportamento positivo, e vê que aquilo lá não ta melhorando...aí você vai retirar o negativo. Então, eu acho muito importante fazer esta coisa de condicionar o dependente químico a não usar a droga, em que situação que ele se sente mais constrangido, em que ele pode ou não utilizar, como que ele vai fazer para melhorar a qualidade de vida dele, não tomando a droga, ou como que ele vai fazer com os amigos dele que estão oferecendo a droga cada dia, que ta insistindo para ficar e de repente nem precisa de dinheiro, nos primeiros momentos, como é que ele vai dizer não. Então, toda esta postura diante de cada situação, ele vai aprender os

comportamentos e isso vai surgir dentro deles mesmo espontaneamente. Primeiro ele vai aprender...e depois ele vai sair...

Entrevistadora: Então, você acredita que através da linha comportamental, há uma possibilidade de, de repente, ensinar alguns comportamentos, vê se é isso que eu entendi, alguns comportamentos que possam ajudar para que esse dependente saia dessa situação...

Ana: Exatamente, saia da droga, deste comportamento, que é um círculo vicioso. Ele sai daqui ele já sabe os pontos certos para pegar a droga. E daí, o que ele tem que fazer? Ele tem que ir para outro caminho...ele não pode mais passar naquele caminho. Ele tem que ter um comportamento dirigido para outro caminho. E isso aí dentro da cabecinha dele a gente já sabe, na linha psicanalítica, que ele sem querer, vai para aquele comportamento, para onde estão as pessoas que vendem as drogas. Daí ele tem que condicionar, um outro comportamento, ele tem que desviar daquele caminho, ele tem que ir por outro caminho, ele não pode mais ter muito contato, ele tem que se distanciar daqueles amigos, ele não pode ir mais naqueles locais que tinha muita droga, ele tem que encontrar outros locais. Eu até falo para eles, você não vai ficar inimigo daquele amigo, mas naquele momento você não pode conversar com essa pessoa, você tem que se distanciar. Depois que você estiver fortalecido com você mesmo e você consegue dizer não para a droga, daí não vai ter problema.

Entrevistadora: Parece-me que é uma orientação, assim, bem diretiva, Ana, é isso?

Ana: É, porque é mais comportamental. Ele tem que ser mais condicionado a mudar o comportamento para ele não procurar a droga mesmo. A outra linha, já fica mais difícil. É muito mais demorada. É claro que você vê, você faz toda uma anamnese, você vê todo o comportamento dele, desde quando ele começou com a droga, tal. Mas a psicanalítica você tem que ver o porque que ele entrou na droga, e a comportamental, não. Você já vai sair da droga. Ele precisa sair da droga logo, aquilo lá ta fazendo muito mal, ta acabando com ele, de repente ele toma uma overdose e daí não dá para esperar, tem que ser naquele momento.

Entrevistadora: Bem direcionado, né? E a respeito da gestalt, você gostou de algum autor da gestalt? Você falou que você conheceu a gestalt dentro do Aconselhamento...

Ana: Dentro do Aconselhamento, quer dizer, eu até fazia alguma coisa da Gestalt, sem saber que era a gestalt, achando também que era comportamental também, a linha comportamental. Mas eu acho que a gestalt entra um pouco na comportamental também ou a comportamental entra um pouco dentro da gestalt. Eu vi assim as duas linhas, né. E eu utilizo mais estas duas linhas com o dependente químico, agora eu atendo problemas psicológicos também. Agora problemas psicológicos, eu já eu utilizo a outra linha.

Entrevistadora: Qual a linha?

Ana: A psicanalítica. Só que agora eu estou mais atendendo dependente químico.

Entrevistadora: Mas ainda você atende outros casos?

Ana: É, atendo, porque tem a outra psicóloga que ta começando a entrar ainda. Eu atendia tudo...fazia tudo. Agora que ela ta entrando eu to passando para ela. Então tem algumas coisas que eu tenho que terminar...terminando estas outras pessoas, para ficar só com a dependência química que é o que eu gosto. Você vê, me deu tanta segurança o Aconselhamento, que eu passei a usar a cruzinha que eu antes não usava e as pessoas vão aceitando. Eu vou usar a cruzinha porque eu gosto. Eu to usando a cruzinha, a medalhinha e eu estou me sentindo mais segura de usar e ninguém nem percebeu. Você vê como que é? O comportamento da gente muda também. E ninguém nem percebeu. Me deu muito mais segurança para colocar uma coisa que eu gosto, né? É claro que eu me sinto protegida, né, com isto daqui. Mas foi também porque senti maior segurança de colocar também. Não usar nada; porque aqui no trabalho eu não podia usar isso aqui (aponta para a cruzinha e a medalhinha). Eu tinha que colocar um colarzinho, com um enfeitinho diferente. Mas e daí? Isso aqui eu queria usar, e não podia. Mas agora...a neutralidade está surgindo através do meu comportamento, do Aconselhamento que eu utilizava, tudo isto que nós estudamos, para ter mais segurança de eu usar até coisas que para outra pessoa não faz nenhum sentido, mas que para mim faz muito sentido, é uma coisa boa.

Entrevistadora: Então, me parece que você está até com mais liberdade para usar estas medalhinhas, objetos de devoção...

Ana: Exatamente, coisas que eu não podia utilizar.

Entrevistadora: Pelo que eu entendi, a sua neutralidade agora está na forma de você atender...

Ana: Exatamente, na forma de eu agir, não pelo que eu uso, pela minha vestimenta. E isso aí foi uma coisa boa para mim.

Entrevistadora: Ana, antes de você se formar, pois você já tá há muito tempo trabalhando, atuando, você fazia terapia, faz hoje, faz supervisão, já fez?

Ana: Bom, a psicoterapia, eu atendo todos, né, é uma psicoterapia, como aqui é um trabalho ambulatorial, é uma psicoterapia breve que eu faço com as pessoas que fazem o tratamento, que tem problemas psicológicos. Bem breve mesmo, bem ambulatorial mesmo. Agora, com o dependente químico, não dá para fazer mesmo, é uma terapia longa mesmo. Porque tem todo o acompanhamento, você fica com ele um longo tempo, até ele ficar abstinência mesmo, recuperado, ele nunca vai ficar curado, o dependente químico nunca fica curado. Então, ele fica recuperado. Se ele quiser ficar no grupo, se ele não quiser, ele não fica.

Entrevistadora: E você, atualmente ou no passado, faz terapia com algum psicólogo ou fez...

Ana: Não sei se eu já te falei... Eu não faço, mas eu já fiz no momento que eu precisei muito, quando meu pai tava com câncer, depois ele chegou a falecer, eu fiz até com um psicólogo, que eu senti muito, que ele já faleceu, e isto já faz uns oito anos atrás. E ele era da psicanálise mesmo.

Entrevistadora: E você lembra quanto tempo que você fez terapia?

Ana: Ah...eu não sei se foi um ano e meio, dois anos...por aí. Foi no momento que o meu pai começou a ficar doente, eu não resisti ver tanto sofrimento, aí eu comecei a fazer, e eu fiquei...acho que não ficou dois anos não.

Entrevistadora: E você já fez supervisão com algum outro terapeuta?

Ana: Não, eu faço mais supervisão com os meus estagiários.

Entrevistadora: Você dá supervisão?

Ana: Dou supervisão dentro do programa da dependência química. E quando tem o estagiário da psicologia, sou eu que dou supervisão.

Entrevistadora: E a linha teórica?

Ana: Comportamental.

Entrevistadora: Você estava me falando antes de começar a entrevista sobre suas atividades, quais são elas mesmo?

Ana: Então, porque era...agora, atualmente, além da coordenação do ambulatório, eu to com a coordenação do projeto da dependência química e eu to fazendo parte também do projeto do tabagismo. Um grupo de profissionais aqui fez um curso de capacitação do INCA, Instituto Nacional do câncer, com o pessoal de Brasília e então nós vamos começar, até que queriam muito que eu fosse coordenadora, colocaram meu nome, daí eu precisei tirar, porque eram muitas atividades, daí colocou uma outra pessoa. E eu estou fazendo parte, sempre, não sei, mais acho que bem dentro de mim, você vai tomando parte, você vai decidindo, vê, eu não era coordenadora mais eu fiz todo o projeto, já ta tudo passado no papel, mandei lá para registrar e vai ser um trabalho em grupo.

Entrevistadora: Você vai participar do grupo?

Ana: Exato. Eu sou psicóloga dentro, tem outra professora da psicologia aqui, vai ser nós duas. Então vai ser um trabalho... o individual vai ser a triagem, a gente faz a triagem, daí vai ser trabalho em grupo. São seis encontros, só pessoas que desejam parar de fumar mesmo, daí depois que faz estas seis sessões, passa por um grupão de manutenção que é durante um ano. Então daí tem este grupo dos dependentes químicos, nós somos em dez profissionais, médicos, psiquiatras, psicólogos, assistente social, enfermeiro e advogado. Cada um faz o seu trabalho. Então a pessoa recebe o

tratamento individual, com psicólogo, médico e assistente social inicialmente, daí nós vemos ver se ele precisa de uma desintoxicação. A desintoxicação é feita no hospital, daí ele é encaminhado, a assistente social vai junto e leva lá com a família tudo. Daí ele volta para nós, aí ele vai participar também dos grupos, ter atendimento psicológico comigo, durante um ano, depois vai para os grupos, grupo de vivência, grupo de apoio e grupo da espiritualidade. Estes três grupos, podem participar a vida toda. Tem pessoas que é o coordenador como eu tava dizendo, que faz dez anos que ele tá aqui, dez, outro faz doze, outro faz menos. Então ele pode, como pode não sair também. Se ele tá recuperado, ele pode deixar o grupo, como tem pessoas que já deixaram como tem pessoas que gostam de continuar, ajudar as pessoas que estão iniciando. Então como eu te falei. Cada grupo tem um coordenador que eu coloquei no grupo de vivência. O grupo de vivência tem a coordenadora que é pedagoga, grupo da espiritualidade o coordenador é o padre, que era o padre O., agora ele teve que ir para Roma então nós temos que colocar o outro, e tem o grupo do amor exigente. Quem tá coordenando agora é uma advogada, advogada que é do grupo. Normalmente tem que ser uma pessoa que já teve um parente, que é dependente químico.

Entrevistadora: Mas é um projeto que saiu daqui, o Amor Exigente?

Ana: Este projeto saiu do projeto dos dependentes químicos. Que é o projetão, tratamento de prevenção para dependentes químicos, que eu coordeno, que eu sou a coordenadora geral. E como a incidência tava grande aqui nesta instituição, precisou da necessidade deste projeto. Foi aí que nós começamos a trabalhar.

Entrevistadora: Então, é um projeto grande que foi dividido para os dependentes químicos e quem tem problema de tabagismo.

Ana: Só que este do tabagismo, como é um trabalho só em grupo, nós deixamos separados. Ele saiu deste projetão. Por isto que eu te falei, eu tirei meu nome, é outro coordenador, ele tá parte porque é diferente do projetão, e não tem tantos atendimentos individuais como o alcoolismo e drogado precisa muito de atendimento, agora o fumante, como é uma bebida mais social. Então não tem muitos problemas sociais, o problema é só ele mesmo, se ele fuma num lugar isolado. Só o problema é com ele

mesmo. Então a gente percebeu que no grupo, é muito mais fácil dele deixar, parar de fumar, porque ele vê o outro, como que o outro parou, qual foi o obstáculo que ele encontrou, que que ele fez, se ele substituiu, né. Porque tem pessoas que não conseguem mesmo daí tem que tomar um medicamento, substitui uma droga pela droga até que ele pare aquela droga que é mais difícil, e que aí ele vá parando os medicamentos também, aí também tem o médico, que tem dentro do programa, que daí dá estes medicamentos.

Entrevistadora: E você tava comentando, que ministra cursos também?

Ana: Eu dou curso de dependência química em outras cidades que precisam. Que é para coordenadores de escola, professores não, diretores, coordenadores, todas as pessoas, conselheiros, todas as pessoas que trabalham com pessoas que usam esta substância, então eu passo este curso para eles. Então eu já fui em várias cidades, toda esta região eu já fui o ano passado. O ano passado acho que já foi umas dez turmas, dez dias que nós tivemos. E agora este ano já melhorou, quer dizer, eu vou dar menos cursos. E daí troca a coordenação, daí entrou este seminário, nós vamos ter este seminário agora, além da semana que a gente faz todo o ano, a gente faz um evento que é a semana da prevenção ao uso de drogas, as campanhas são só mais o uso de prevenção. E sempre é no dia internacional do uso indevido de bebidas e drogas. Sempre a gente fazia um dia, daí a gente percebeu que um dia é muito pouco, porque daí as extensões tavam necessitando, aí então nós pensamos, precisamos fazer mais de um dia. Daí, dentro desta semana, tem o seminário que o pessoal tá pedindo.

Entrevistadora: Ainda voltando um pouquinho à nossa entrevista passada, no Aconselhamento você sentiu que, de repente, você teria essa possibilidade de estar abordando o tema da espiritualidade. Você tinha comentado que na época da faculdade, isso era muito difícil, abordar este tema da espiritualidade. Você até colocou que começou a participar da oficina de oração e me parece que ali, que você, tinha comentado na outra entrevista...

Ana: Despertou mais ainda, né?

Entrevistadora: Você lembra o que mexeu com você, que, de repente, você sentiu essa possibilidade, essa abertura...porque me parece que na outra entrevista você colocou dois pontos importantes: que foi a oficina de oração que você começou a participar e depois o Aconselhamento. O que você experienciou naquela oficina de oração, que quando você começou a participar, você abriu esse espaço...

Ana: Eu tenho que voltar um pouquinho atrás, porque eu acho que eu não comentei com você, que antes de eu fazer a oficina, eu fiz um curso sobre teologia. Que foi um tipo de uma faculdade de Teologia, este curso foi durante seis anos. Mas era um curso, não era pós, era capacitação. A teologia, era assim, o tema era em busca do ser. Não sei se você já ouviu dizer, o pessoal era de fora, eles vinham para cá. Ficavam durante uma semana dando o curso e depois nós reuníamos durante todo o mês em grupo e toda a semana nós debatíamos. Então você encontrava você dentro da Bíblia. Era uma relação que você fazia. E na oficina, eu vi que era quase a mesma coisa.

Entrevistadora: Antes de continuar, poderia me falar um pouco mais sobre o curso em Busca do Ser?

Ana: Era um auto conhecimento que você fazia de você dentro da Bíblia. O que tinha lá na Bíblia você passava para o seu dia-a-dia.

Entrevistadora: E você lembra se nesse curso de Teologia havia autores que você utilizava, uma abordagem teórica...

Ana: Não, não...era um tipo de uma apostila que um grupo, que agora eu esqueci o nome do grupo, um grupo que eles fazem esta apostila, eles passam para nós, mas é tudo através da Bíblia.

Entrevistadora: Mas, pelo que eu entendi, não tinha uma abordagem teórica, psicológica...

Ana: Não, não tinha, científica não. Era só uma apostila, que eles mesmo faziam, que era uma interpretação da Bíblia, e juntamente com a Bíblia mesmo. Então você praticamente estudava a Bíblia inteira durante os seis anos, desde o Êxodo até o

Apocalipse. Não tinha nada psicológica, nada científico. Era mais a teológica, a espiritualidade mesmo.

Entrevistadora: E quem coordenava o curso, você lembra? Que tipo de profissionais?

Ana: Eram só padres, uma equipe de padres, e esta escola ainda existe, numa cidadezinha. Então lá, ainda tem uma escola muito grande, em Busca do ser, que o padre que coordenava faleceu, ele tinha câncer, daí depois ficou outro na coordenação, agora eu me esqueci o nome dele. Não me lembro, faz tempo. Então a oficina, veio a complementar, me dar mais força àquela que tinha parado, que tinha adormecido talvez dentro de mim. Aquilo ali foi para me reanimar, me acordar...A teologia eu terminei em 95, e a oficina da oração, eu fiz antes de eu começar Aconselhamento, eu fiz em 2002, foi mais ou menos em 2000, 2001. Eu fiz dois anos de oficina. Tanto que eu gostei, que eu repeti. Acho que foi 2000 e 2001 e o outro foi em 98 que eu terminei. O término não foi muito distante não, acho que foi em 95 que eu terminei, e aí eu fiz a oficina em 2000, 2001.

Entrevistadora: E como que você entende a oficina de oração, porque me parece que também marcou...como que era o sistema da oficina de oração?

Ana: A oficina de oração agente colocava pontos, versículos na Bíblia e você estudava aquele versículo, via assim o que te tocou mais, se você vivenciou aquele versículo durante a sua vida, o que te deu mais valor, o que você não gostou, ou então se você não usou nada, e o porque você não utilizou. Então, isso que eu percebia assim na Bíblia. Então você também procurava usar essa espiritualidade, a religião mesmo da Bíblia, no seu dia-a-dia. Por exemplo, a gente lia um versículo de como vivia Maria, será que você poderia pegar alguns comportamentos de Maria e utilizar no seu dia-a-dia, e que você se sentiria bem, se sentiria satisfeita? Então você aprendia qual era a postura de Maria que era sempre aquela pessoa humilde, fazia qualquer tipo de trabalho, não media esforços, né. Uma pessoa forte que ficou ali na cruz, do começo ao fim, né? Será que a gente em situações que a gente tem até aqui no atendimento de pessoas, que totalmente fora de si, como que a gente reage, será que a gente é forte, será que a gente tá ali, que a gente tem que ser forte. Tem que tá ali com o paciente o tempo todo.

Então, será que daria para ser como Maria o tempo todo, e ela como uma mãe que ela foi, uma mulher de fé. Daria para ser esta mulher de fé dentro da psicologia? Quando eu comecei a fazer o Aconselhamento que me deu esta firmeza maior. Aí eu falava, será que dá mesmo? Nem tentava, não tinha muita segurança. Mas daí o Aconselhamento me deu toda esta segurança para ser esta pessoa mais forte. Tanto no curso de teologia, coordenado só por padres, como na oficina de oração, só havia uma abordagem espiritual. Só mesmo no Aconselhamento é que houve a integração do espiritual com o científico. Inclusive, gostaria de reunir estes psicólogos que você está entrevistando, e formar um grupo para falar sobre o tema, para que tenhamos um número maior de psicólogos cristãos. Eu gosto muito de falar sobre este assunto, se precisar de mais um encontro, pode me procurar.

ANEXO II

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS DE CÉSAR

1º ENTREVISTA

Entrevistadora: O meu interesse nesta pesquisa surgiu em função do que pude perceber durante os cinco anos de faculdade, quando o tema espiritualidade surgia e alguns alunos me falavam: “Não fale com aquele professor sobre espiritualidade porque ele não gosta de falar sobre este assunto” ou “Fulano tornou-se ateu depois que iniciou o curso de Psicologia”. Então, senti que dentro do curso de Psicologia a gente não tinha um espaço para falar sobre espiritualidade, sobre fé. E daí, eu comecei a me questionar, então, como é que esse psicólogo católico, que já tinha uma fé no início da sua graduação de Psicologia, depois que se formou, conseguiu traçar uma trajetória teórica? Como que essa escolha foi se dando, como que ele foi conseguindo fazer suas escolhas teóricas, considerando sua fé, se essa pessoa tinha alguma fé. Achei interessante fazer um trabalho sobre este tema. Então, neste sentido, para iniciarmos César, você se considera uma pessoa religiosa, que tem fé?

César: Eu me considero Cinthya, eu me considero uma pessoa de fé, uma pessoa religiosa, no sentido mais amplo mesmo de religiosa, essa que se liga com o processo de transcendência. E a minha experiência na Psicologia, é... eu percebo de maneira diferente. Na verdade o que eu acho que a Psicologia fez como contribuição na minha formação de personalidade foi aprofundar o processo, sair de uma fé ingênua para uma fé acho que mais crítica, mais real na vida. Eu acho que da minha experiência de Psicologia ela me levou realmente a criticar uma fé ingênua. Hoje eu me vejo com uma fé mais sólida, como fruto mesmo da experiência de ter feito Psicologia em todos estes vinte anos de trabalho como psicoterapeuta. Não sei se isto responde essa primeira inquietação, essa primeira pergunta.

Entrevistadora: Como que você entende essa fé mais ingênua e essa fé, que parece que você chamou, mais crítica, dentro deste processo da Psicologia?

César: Eu explico... Veja uma coisa, Cinthya, na minha percepção, toda a questão quando você colocou no início, da perda de fé, se tornar ateu, sei lá, das repercussões que cada um teve, ela tá no fundamento que você tem de pessoa humana, na visão que você tem de pessoa humana. Se você entende esse ser humano como um processo biológico e que a vida é um processo de combustão biológica, você vai realmente parar e dizer que não existe nada. Agora se tua visão, se a tua fundamentação antropológica for a compreensão de um ser humano como ser bio-psico-social-espiritual, então você vai ter sempre na tua visão de Psicologia também uma dimensão de espiritualidade. No início do processo da faculdade quando a gente teve os primeiros contatos com as obras de Freud e toda reflexão psicanalítica, aquelas percepções mesmo de que o processo de repetição, etc e tal, que via o processo religioso como uma expressão de uma neurose, uma maneira talvez de equilibrar uma neurose, uma maneira repetitiva, ali fui obrigado, de certa forma, a voltar e voltar para minha compreensão do que é o homem, como eu entendia o ser humano. Então, nesse momento que eu voltei e me sedimentei o que é o ser humano para mim, que dimensões ele tem. E quando toquei daí de novo nessa dimensão que era espiritual, eu comecei também a filtrar todo o processo de estudo de Psicologia a partir desse prisma. É como se você tivesse colocado uma lente, e daí filtrava naquilo que vinha, que você percebia aí esse processo como ingênuo, porque na verdade a ingenuidade da percepção da fé ou ingenuidade do processo da Psicologia ela vem de quem olha o ser humano como uma questão reducionista. Se você tem uma imagem do ser humano só como biológico, você vai ter uma visão reduzida do ser humano. O ser humano é muito mais do que isso. Se você pegar hoje, hoje eu falo 2005, toda a literatura de fundamentação biológica, a busca toda, ela realmente ela tá deixando, hoje, mais ainda para trás, a questão religiosa. Você pega, por exemplo, as obras de Steven Pinker, *Como a mente funciona* ou essa outra mais nova ainda, que é a questão da tábua rasa, eles afirmam categoricamente que nós não somos nada mais do que o biológico. E nós somos mais do que o biológico. Então, realmente, essa visão de ser humano, se torna uma questão biológica, como você vê o ser humano. Para mim, não é biológica, eu acredito nessa consistência de que nós somos também uma fundamentação espiritual. É, talvez eu tenha sofrido também muita influência de Viktor

Frankl, né? O Viktor Frankl tem na sua obra de doutorado, a obra de doutorado de Viktor Frankl chama-se *Deus no inconsciente*, onde ele aprofunda o estudo que no mais íntimo nosso, na expressão que ele usa alma, habita a presença de Deus, além do inconsciente coletivo, além do inconsciente individual de Freud, nós temos ainda anterior como fundamentação, a presença, não de um Deus real no inconsciente, mas esta presença de Deus que certa forma se faz presente no nosso inconsciente. Essa é a tese de doutorado dele. Não sei se eu respondi... mas é que eu quis tentar fazer uma síntese para você dessas crenças dentro da área da psicologia, dentro da clínica Psicológica. Daí seguiria outra questão: se o ser humano é um ser espiritual também, como ele é biológico, como ele é racional, como ele é emocionalmente, como ele é, afinal de contas, psiquicamente, se ele é espiritual, então, também no nosso trabalho de psicoterapia, se você está atento quando o teu paciente chega e diz para você : “Hoje eu to me sentindo mal porque eu tenho, (vou fazer, dizer) uma disfunção, porque eu tenho... (linguagem mais simples ainda)... porque eu to com dor de barriga” e você presta atenção, você dá suporte a ele nessa expressão e não analisa isso como sendo no primeiro momento como simplesmente um mecanismo, mas você olha como uma manifestação de ser que ele ta tendo, em questão aqui biológica da dor de barriga, vamos dizer que seja bem real, a mesma coisa acontece quando alguém chega para você e fala, partilha com você da experiência espiritual dele. Então, o processo é o mesmo, a dimensão é a mesma. E você vai trabalhar como você trabalha na questão do cuidado no atendimento do somático, como você trabalha também no cuidado e no atendimento do psicossomático, você vai também ta atento ao cuidado no atendimento do noético, do espiritual do indivíduo. Então, no próprio processo terapêutico existe um espaço da atenção, do carinho, do cuidado do noético, ou seja, do cuidado daquilo que é do espírito. É gozado que essa percepção do processo espiritual ela já era clara com Jung, não é só de Frankl. É lógico que com Jung em outra dimensão, né? Talvez Frankl foi o primeiro a partir das suas experiências vitais a reconhecer que existia uma força libertadora no espírito humano, essa força libertadora que era atraída por esses valores realmente espirituais. E vou mais um passo adiante com você. Quando os nossos pacientes chegam a tocar nesse processo, quando nossos clientes chegam a tocar neste processo, a possibilidade de recuperação da auto-estima, a possibilidade de

recuperação da dimensão do humano se torna muito mais fácil no processo terapêutico, muito mais fácil. Nesta experiência de vinte anos, eu vou dizer para você, que tenho percebido que aqueles indivíduos que tem uma abertura maior para a espiritualidade, para a fé, para estes valores transcendentais, o processo terapêutico tende a ser muito mais efetivo. É como se houvesse um recurso ou a uma percepção do recurso interior muito mais forte, não sei se isto responde.

Entrevistadora: César, a sua visão de homem hoje, e isso tudo que você falou, tem relação com alguma linha teórica? Você até falou de Victor Frankl, que parece que foi um autor importante. Você me falaria mais um pouco dessa visão de homem que tem essa dimensão espiritual.

César: Isto...

Entrevistadora:...que é um ser bio-psico-socio-espiritual e qual é a característica dessa visão de homem e se ela está embasada, de repente, em alguma linha teórica?

César: Está, está sim. Veja, se você olhar em termos, vamos dizer, o que seria esse processo psicoterapêutico, quais os fundamentos dessa visão de homem, ela tá, ela tem suas raízes no processo da visão fenomenológica do ser humano. E... a raiz dela está no existencialismo. E no existencialismo, aqui que você pega o primeiro no bloco todo do existencialismo, de Sartre até Gabriel Marcel do outro lado, mas todos eles quando falam da questão do homem, eles entendem o homem como um ser que se transcende, né? Essa transcendência, na minha compreensão, querendo ou não, ela se faz no espiritual. Então, se você fosse dizer, então, os pilares do teu processo psicoterapêutico estariam na fenomenologia e no existencialismo? Estão, estão sim. O Frankl, ele é considerado, com seu movimento psicoterapêutico, como a terceira escola vienense de psicoterapia. A primeira, entendida como a de Freud, a psicanálise, a segunda, a Psicologia Individual do Adler, que pega mais como fundamento a questão da visão do homem como ser que busca o poder, o poder de ser no mundo, o poder de se situar no mundo, aquele que pode gerar seu próprio processo de crescimento e a terceira grande escola, nós colocaríamos a de Frankl, onde ele encarna a presença, ele percebe a presença, encarnar, o verbo é muito forte, mas onde ele percebe a presença

desse ser humano como ser também espiritual. Então esses são os dois pilares da minha visão existencialismo e a fenomenologia.

Entrevistadora: Parece-me então, que a partir dessa visão de homem, pelo que eu entendi, que você acabou então encontrando linhas teóricas que, de repente, eram congruentes com essa visão...

César: Perfeitamente...

Entrevistadora:... de homem?

César: Isso. Eu tive muita sorte na minha vida, eu conheci pessoalmente o Rollo May, Carl Rogers, todo o movimento da psicologia humanista européia, Viktor Frankl, eu tive contato pessoal com eles. E tinha ali na época em Roma, em Zurique na Suíça tinha toda uma possibilidade de discussão de idéias. Era muito curioso, quando você estudava Psicologia, o primeiro ano todo era Filosofia. Você entrava depois no estudo da Psicologia a partir de uma visão filosófica, era muito curioso... o sistema de estudo se fazia assim, com sentido de se aprofundar. Nós estamos falando aqui no início dos anos 80, no início dos anos 80... No início dos anos 80, até lá, tem umas cenas muito gozadas, por exemplo, o pai da anti-psiquiatria, o Ronald Laing, Ronald Laing também teve passagens muito curiosas quando tive contato com ele. E todos eles, talvez o Rollo May com mais intensidade, todos eles quando falam de Psicologia, falavam na época, nos seus escritos também, sempre se iniciava a reflexão da Psicologia a partir de uma visão de homem, sempre foi a partir de uma visão de homem. E mesmo a questão de Maslow, quando Maslow fala das possibilidades de crescimento, de expansão do ser humano e ele fala dos processos de *pic experiences*, das experiências transcendentais, e mais tarde ele chega a realmente afirmar que a realização do ser humano vem no processo, né, do toque no espiritual. Depois na seqüência, também nesse movimento, eu tive contato com o Stanislav e Christina Groff, que já partem para a experiência da consciência, né? Só que eu acho que daí eles já entram em outra área que é da Psicologia Transpessoal, que aí também eu acho que ela foge um pouco da minha compreensão. Mas, é... o que eu queria dizer para você é que o parâmetro ele tá aí, a raiz tá aí, a raiz fundamental é a compreensão do ser humano, este processo do existencialismo, essa percepção do fenômeno do ser. Lógico que eu também tive bastante influência de todo esse pessoal ligado ao sistema religioso, também claro que

influenciou. Já tinha feito Filosofia pura, já tinha feito Teologia, então, eu trazia isso de raiz.

Entrevistadora: E dentro desta abordagem, teria alguma linha teórica... tem alguma que você considera, assim, que concilia mais com a sua fé? Porque eu vi que você citou Viktor Frankl, ... é, citou vários...Rogers, Rollo May...

César: Eu acho que, eu penso que, dessa linha existencial, eu acho que duas pessoas são de extrema importância, Biswanger, alemão, e como raiz ele é muito importante e Frankl é muito importante. Mas o risco sempre nosso, nosso mesmo como profissionais é ficarmos presos a um indivíduo, como se a gente fizesse escola em cima do indivíduo. Isso é um risco que nos traz um limite muito grande. Então, eu não gosto de me autodenominar, por exemplo, logoterapeuta, não, não, eu gosto muito das teorias dele, leio muito ainda sobre Frankl, mas eu não gosto de ficar parado aí não. Eu penso que existe hoje, por exemplo, movimentos muito fortes, por exemplo, como essa escola no sul da Alemanha, Anselm Grun, e o grupo dele é hoje constituído ali, são oito, nove psicólogos, médicos, fisioterapeutas, ... Eu acho que eles vão ser muito referência para nós, porque eles foram fundados com este objetivo, de unir a experiência mística, a espiritualidade com o Eros na expressão deles. Eu acho que eles vão trazer muito ainda no descobrimento dos processos de aprofundamento da Psicologia. Eles tem sido altamente produtivos. Nos últimos dez anos eles editaram na Alemanha mais de cinquenta livros trazendo essa reflexão de espiritualidade e Psicologia. Nós estamos recebendo no Brasil agora os primeiros, aquele que a Sonia Lyra traduziu, *Eros e Mística*. E também é interessante porque se você pegar um nome como por exemplo John Powell, né , que aparentemente ele é acusado de ter simplificado muito os processos psicoterapêuticos, mas ele também representa uma tendência de união ali na universidade Loyola em Chicago de uma tentativa também muito forte da união da Psicologia e espiritualidade. Eu acho que os Estados Unidos é muito significativo, na Itália os movimentos são muito fortes , na Alemanha hoje é muito forte, essa busca de uma reflexão sistemática muita séria da união da Psicologia e espiritualidade. Todos eles sofreram influência deste grande grupo dos anos 70, 60, 80. É isso, não sei o que mais podia ser dito...

Entrevistadora: Dentro disso, então, pelo que eu entendi, você considera que a espiritualidade e certas linhas teóricas ou a Psicologia, podem ser congruentes...

César: Elas são congruentes, elas são congruentes. Você não pode retirar a espiritualidade do ser humano ou não considerar o ser humano em sua espiritualidade sobre o risco de exclusão, vou falar isso aqui é forte mais muito consciente, sobre risco de exclusão, é... de perceber o ser humano como realmente um ser rico, abrangente, não pode... é constituinte do ser humano, faz parte do ser humano. É... como nós temos um instinto, se veja como é forte isso Cinthya, como nós temos um instinto de se alimentar, instinto de agressividade, instinto da sexualidade, nós temos no mais profundo dentro de nós ainda, o desejo da transcendência. Os desejos levantados por Freud são reais, mas não são só aqueles. E o ser humano, interessante isso, o ser humano, ele só descansa, ele só se acalma como ser humano quando ele encontra esse processo. É intrínseco à humanidade, é intrínseco à humanidade, faz parte do ser humano.

Entrevistadora: Quase finalizando, então, para você, como que você tentaria explicar melhor, ou definir espiritualidade... porque você falou muito na questão da espiritualidade, da transcendência, que você falou no começo da nossa entrevista; pelo que eu entendi, você disse que transcendência tem relação com espiritualidade. Qual é a tua visão de espiritualidade, transcendência...

César: Espiritualidade é a busca constante, sistemática ou não, do ser humano, né, com relação ao transcendente. O desejo quase de caminhar buscando algo a mais do que o processo de realização física nossa. É como se no nosso mais íntimo houvesse, e aqui eu acredito que exista, a busca, o desejo de transcendência. Espiritualidade é esse caminho, é o processo, o processo para atingir. Você podia dizer, então, é a ação? É a ação. É o esforço? É o esforço. É o querer? É o querer. É o desejo? É o desejo. Então, existe um desejo que é mais profundo do que o próprio desejo, vamos dizer, da sexualidade, da agressividade ou do poder no ser humano. Você vai dizer para mim, pois é, isso é bonito, mas como que você justifica tanta violência, tanta miséria, tanto desencontro, né? Na verdade o que existe é um desencontro do homem

consigo mesmo. É aqui que entra, então para a gente terminar, o próprio processo da psicoterapia. A psicoterapia seria a busca que fazemos com o outro, a busca que fazemos com o outro, de nos encontrarmos conosco mesmos.

Entrevistadora: Você tava me contando, agora pouco, um pouquinho da sua formação, você teve assim experiências...a sua formação foi em Roma?

César: Eu fiz a formação em Psicologia em Roma. E desde que eu cheguei lá no início eu me filiei ao Centro Europeu de Psicologia Humanista. Esse Centro Europeu de Psicologia Humanista foi dirigido em Roma durante pelo menos uns quinze anos por Michele Fest, que é um dos grandes nomes da Psicologia Humanista na Europa. E durante esse tempo eu tive muita sorte, tive contato, por exemplo com Ronald Laing, que é o pai da anti psiquiatria, eu tive contato com Rollo May, eu tive contato com Viktor Frankl e todos eles são nomes profundamente consistentes, eles são diferentes, né? Se você perguntasse para mim um traço comum entre todos eles eu vou dizer assim, a simplicidade, todos eles homens extremamente simples...de sentar com você, conversar, apesar da minha dificuldade na época na expressão de línguas. Mas uma experiência que eu tive com o Stanislav e Christina Groff, da Psicologia Transpessoal, ela foi muito impressionante, se fazia um processo psicoterapêutico de cinco, seis horas depois de termos dias de jejum, é...entrava em escalas de consciência diferente. Stanislav e Christina Groff são os pais da Psicologia Transpessoal. E neste estado diferente de consciência, é ... você tinha percepções de consciência diferente e sempre as percepções de consciência da Psicologia Transpessoal te levavam a percepções de consciência espiritual. Era muito curioso. É como se você transcendesse a tua realidade. É até gozado a gente falar nisso porque dá uma sensação de que você, é ... ta falando bobagem. Mas as experiências eram essas. E a Psicologia Transpessoal cresceu muito, né? Eu não entrei por essa área, né? Eu participei das experiências, li bastante sobre isso, mas nunca tentei trabalhar clinicamente com isso não. Mas que realmente existe alteração no ser humano, existe. E que a espiritualidade faz diferença no processo de alteração comportamental , de alteração do comportamento do ser humano, faz. Daí você vai dizer, bem, isso a gente observa, mesmo nos sistemas religiosos eles criam comportamentos. Mas não é que o comportamento se criou

através de processos behavioristas, comportamentais, não, de jeito nenhum. Não se pode explicar o fenômeno da religiosidade através dos processos comportamentais, behavioristas, não pode. Não é que você tem espiritualidade hoje porque você foi condicionada por teus pais a ser a Cinthya que é hoje. A Cinthya é hoje devido, é o que é hoje, devido a um monte de fatores. Às vezes teus pais não tem nada a ver com a espiritualidade tua e você é uma pessoa extremamente que busca uma realidade transcendental. Então esse pessoal... eu tive muita sorte, foi um momento da minha vida que marcou muito. Eu lembro com saudades desse tempo todo, das pessoas. Era muito ativo. Nós nos reuníamos todo final-de-semana, toda sexta-feira e tinha um centro em Roma, nós terminávamos as aulas na faculdade na sexta e sexta –feira às seis horas da tarde nós íamos para esse centro e isso... no Centro de Psicologia Humanista Européia e isto foi sistemático durante três anos. E vinham psicólogos da Suíça, do sul da Itália, vinham psicólogos da Espanha, vinham psicólogos de toda a Europa, na Europa a mentalidade é diferente e nós passávamos todo o final-de-semana, sexta, sábado e domingo, dentro deste centro. Dormíamos lá, não tinha ninguém que fazia alimentação lá, você mesmo fazia, eu era o único brasileiro, foi assim durante três anos, foi uma experiência muito rica. E esse pessoal ia nesse centro, Ronald Leing, todo esse pessoal participava. Não que eles participavam nessa intensidade, mas eles iam dar cursos, iam dar seminários, eles eram trazidos para dar seminários.

Entrevistadora: Por isso que até que eu lhe pedi para você falar um pouquinho sobre isso porque tem muito a ver, até como foi traçado realmente esse caminho teórico, esse caminho seu...

César: É, é... Foi, foi... nós sofremos influências muito fortes deles. Agora, de todos eles, todos eles homens extremamente humildes, simples, mas o que mais me impressionou por personalidade mesmo foi Frankl, muito, muito. Victor Frankl era extraordinário, extraordinário. Ele tinha uma frase muito interessante, dizia: “Quem somos nós? Somos aqueles que somos capazes de soltar bombas em Hiroshima, Nagasaki e ao mesmo tempo somos capazes de entrar dentro das câmaras de gases com a cabeça erguida e ao mesmo tempo capazes de partir o pão com o outro.” Ele era muito... um homem extraordinário. Até esse ano é cem anos de nascimento de Frankl,

ele nasceu exatamente cem anos atrás, dia 26 de março de 1905, participou do movimento de Viena, de todo esse movimento. Ta bom?

Entrevistadora: Gostaria de fazer mais alguma consideração?

César: Não, acho que já falei bastante.

Entrevistadora: Muito obrigada.

ENTREVISTA COMPLEMENTAR

1. Você se declarou uma pessoa religiosa. Qual é a sua religião?

César: Sou católico.

2. a) Você considera que sua religião e sua abordagem são congruentes ou se aproximam de alguma forma? Como?

César: Congruentes só no sentido de que respeitam o transcendente.

b) Que “pontes” conceituais você consegue fazer entre a sua religião e a sua abordagem teórica em Psicologia? Por exemplo, a sua visão de homem é congruente com a da sua religião e da sua abordagem psicológica?

César: Quando vamos aos fundamentos teóricos da religião e da abordagem fenomenológica percebemos que existem vários pontos que quase formam um abismo teórico. É melhor dizer que existem pontos de respeito entre a abordagem psicológica que utilizo e minha crença de fé. Mas existem incongruências profundas entre ambas.

3. Quais as concepções de religião e conceitos de Psicologia que você vê como distanciando as duas áreas?

César: Vou citar um ponto específico. A minha fé fala de um ser humano constantemente em conflito que depende da fé em todos os aspectos de sua vida e que tem como fundamento um ser em pecado. Minha crença psicológica vê o ser humano um ser em desenvolvimento buscando sempre ser responsável.

4. Que aproximações você vê entre a sua religião e o seu trabalho clínico?

César: A fé é um suporte que me auxilia a refazer a possibilidade de que o ser humano, apesar de suas fraquezas, pode ser amado e perdoado por Deus.

5. Como a sua formação em Teologia e Filosofia influenciaram no seu modo de refletir sobre os conteúdos da Psicologia?

César: A filosofia me possibilitou a capacidade de um senso crítico muito grande. A Teologia me falou de um povo que vive a certeza da graça de Deus, de uma história de Salvação, e que um indivíduo mesmo não amado e aceito é querido por Deus. A psicologia me mostra que o ser humano pode desenvolver-se quando amado e aceito. Resumindo que a verdade sobre o ser humano é relativa. As ciências podem contribuir com a fé e vice-versa.

6. Como a interação entre a Psicologia e a Religião modificaram o seu modo de ser religioso e de ser psicólogo?

César: Penso que exista uma interação entre as duas realidades. Com a religião aprendi a crer além do previsível. E com a psicologia aprendi a tornar real a relação.

ANEXO III

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE BETH

Entrevistadora: Esse trabalho surgiu a partir do momento que, durante a época da faculdade, eu comecei a perceber que o assunto espiritualidade, fé e religiosidade era muito difícil de ser abordado. E eu sou uma pessoa católica, cristã, desde nova. Então, para mim, quando eu entrei no curso de psicologia, pensava que o curso viria acrescentar a toda aquela espiritualidade que eu tinha, para eu ser um instrumento de auxílio para as pessoas que eu fosse atender no meu consultório. E, por fim, eu percebi que durante esses cinco anos, não tive oportunidade, não poderia se abordar este tema da espiritualidade, da fé. E eu comecei a ficar intrigada em saber, então, como que esse psicólogo cristão consegue traçar a trajetória dele, enquanto um teórico da Psicologia, um psicólogo que segue uma linha teórica, levando em conta a sua fé. Será que ele consegue conciliar os dois ou não...como que ele conseguiu traçar este caminhar durante sua vida profissional... E neste sentido, gostaria de saber se você se considera uma pessoa religiosa, que tenha fé?

Beth: Eu me considero sim, eu me considero uma pessoa religiosa, não no sentido de viver a religiosidade enquanto instituição, porque eu não sou uma pessoa assim que vive na igreja, eu não tenho muito o ritual religioso na minha vida. Mas eu sou uma pessoa que eu tenho muita fé, vejo muito o significado em tudo que eu faço. Às vezes, eu estou atendendo alguém e percebo que ali não tem só um conteúdo psicológico, que ali tem uma pessoa que tem uma história, uma família que tem uma história e ações ali que foram daquela família, às vezes estão recaindo sobre a vida daquela pessoa. Então, eu não consigo olhar para uma pessoa que eu estou atendendo e imaginar que ela seja só psiquismo. Eu, eu enquanto pessoa, terapeuta e psicóloga não consigo olhar para o meu cliente, meu paciente e imaginar que ele é só psicológico, né. Por exemplo, eu já estive diante de clientes que eu senti na pele o peso espiritual, casos graves, às vezes, de uma depressão, ou de um transtorno emocional qualquer, de eu olhar para a pessoa, ver toda a sintomatologia, na psicologia, aquela que os manuais

de psicopatologia que a gente estuda ensinam, mas eu olhar olho no olho, sentir na pele, na minha relação com a pessoa, olhar para ela, eu perceber: nossa, esta pessoa ela tem realmente um peso espiritual na vida dela muito grande, é uma pessoa que deve estar nesta situação por conta não só do psicológico, mas por conta da pessoa, ter aí, toda uma vida espiritual que acabou chegando nisto. Ou então o oposto, por exemplo, eu tenho uma cliente, e eu perceber claramente que quando ela não vive nada da espiritualidade dela, o progresso terapêutico dela é muito menor, ao passo que se ela começa a cuidar um pouco desta dimensão espiritual, e ela mesmo percebe em terapia que é uma dimensão, que ela não tá dando importância para vida dela. Por exemplo, é uma estudante, ela estuda pra caramba, ela sai, ela tem amigas, mas ela não tem, ela não está regando, alimentando a espiritualidade dela de nenhuma maneira, então, quando ela começa a fazer isto, a cuidar desta dimensão espiritual, como o avanço terapêutico é mais rápido. Isso para mim é claro na minha experiência terapêutica e uma das coisas que eu tenho muito claro, e isso acho que é da ciência da psicologia, hoje a gente sabe que o ser humano é um ser bio-psico-sócio-espiritual. Acabou aquela coisa do ser humano psico - social, ele é bio-sócio-psico-espiritual. Isto significa que ele tem uma dimensão que é do biológico, que é orgânica, que precisa ser cuidada. Ele tem uma dimensão psíquica, emocional, das representações do psiquismo, que precisa ser cuidada. Ele tem uma dimensão social, ele precisa ter amigos, ele precisa se relacionar, as relações dele podem ser produtivas ou não. Mas ele também tem uma dimensão espiritual. A vida dele tem que ter um sentido, ele precisa ser útil ao outro, ele precisa servir a humanidade. Então, quando eu falo disto, eu estou falando do espiritual. Eu saí da dimensão do psíquico só. Então, se isso tudo não estiver integrado ao espiritual, então, na minha visão, hoje, de homem, é uma mesa sem uma perna, entende?. Porque daí esta mesa uma hora, facilmente ela quebra, ela cai. Eu vejo isso como qualquer outra dimensão. Se eu menosprezar a dimensão do orgânico, isto também vai acontecer. Não adianta eu ficar ótima nas outras questões, né... Agora enquanto terapeuta qual seria o meu papel diante do espiritual, enquanto psicólogo, com a ciência da psicologia, a quem eu, eu presto serviço à ciência da psicologia, qual seria o meu papel frente a dimensão espiritual do cliente. Então, eu tenho claro para mim que eu não posso entrar especificamente nesta dimensão, por

que? Porque eu não sou um pastor, eu não sou um padre, né, então eu não posso, eu não tenho nem instrumentos para entrar nesta dimensão e trabalhar especificamente isto, a dimensão espiritual, mas eu posso sim fazer com que esta pessoa preste atenção se ela está cuidando desta dimensão, que ela faça contato que é uma dimensão que existe nela, né, e até que ponto ela olha para esta dimensão da espiritualidade, como ela olha, se ela cuida desta dimensão ou não, se isto faz falta ou não para ela. Então, isto é uma coisa que eu to sempre sondando com os clientes, se esta dimensão não está esquecida devido a supervalorização das outras, então isto eu estou sempre sondando, eu sempre pergunto, e a parte espiritual, como que tá na tua vida? Eu acho assim, o terapeuta ele é cuidador, ele é cuidador destas dimensões integradas, agora eu não posso travar uma discussão de cunho de valor religioso com ele, eu não posso. Eu não posso evangelizar no consultório e tenho colegas que fazem isto e se dizem terapeutas cristãos. Mas aí, eu já acho, que é misturar a área, entendeu? Porque ou você evangeliza ou você é terapeuta. São papéis diferentes, né. Eu posso sim sugerir para ele até algumas opções onde ele possa viver a vida espiritual dele nesta cidade. Então, se é uma jovem que chega à conscientização na terapia, de que ela não está dando o devido espaço para a espiritualidade na vida dela, e isto está fazendo falta para ela. Então, como terapeuta, eu até me disponho a junto com ela pensar em sugestões, de lugares que ela possa ir dentro desta cidade, eu até busco junto com ela, né. Onde você mora, ah...o que que você gostaria de participar, ah, é grupo de oração? Então eu também vou sondar que grupos de oração que tem perto da região que você mora, isso eu até faço. Mas é ela que vai decidir qual é a igreja, qual é a forma que ela vai viver a espiritualidade dela, se é via igreja evangélica, via igreja católica, se é via espiritismo, sei lá. Não sei qual é a leitura que a pessoa faz da religiosidade dela. Agora, eu não posso trazer a religiosidade enquanto instituição para dentro do meu consultório, porque daí eu vou estar desrespeitando as pessoas que não dividem dos mesmos valores de igrejas que os meus. Eu sou católica, agora eu não posso deixar que o catolicismo influencie naquilo que eu vou dizer para o meu cliente. Eu sinto que tem um pouco de confusão nisto. Assim por exemplo, hoje a igreja evangélica cresceu muito e a gente percebe, não a igreja evangélica só, a católica também, então tem lá, o pessoal da renovação e eu percebo que existem psicólogos

que são bastante é... que vivem intensamente a igreja e as atividades da igreja e aí eu percebo que pode haver uma confusão em relação aos papéis. Trazer isto para dentro do consultório de uma forma mais, não sei se eu to me fazendo clara, eu acho que a dimensão espiritual ela não pode mais ser negada pelo psicólogo, nem pela ciência da psicologia, tanto é, que um dos últimos congressos que a gente teve, em gestalt, foi sobre a questão destas diversas dimensões humanas, né. Agora, eu acho que a psicologia enquanto ciência não pode mais negar isto, existe uma dimensão espiritual no ser humano e que quando você trabalha o psicológico, você trabalha com todo o resto, você interfere no espiritual, você interfere no orgânico, você interfere no social, porque o ser humano é um todo e não tem como desintegrar. Se eu mexo no psiquismo, no psicológico, eu nunca mexo só no psicológico, eu to mexendo no espiritual, eu to mexendo no social daquele paciente se ele vai se relacionar diferente com as pessoas com quem ele vive, então não tem como eu separar e nem eu negar mais a dimensão espiritual do homem. Acho que por muito tempo a psicologia, a psicologia tem muita dificuldade em falar daquilo que é difícil a gente quantificar, acho que isto é uma herança do determinismo dentro da psicologia, do positivismo. Parece que tudo que não dá para contar, para pôr na balança, para ver, a psicologia então, "há! não é científico". Por exemplo o amor, "há! não podemos estudar", você estudou o amor no curso de psicologia? Você estudou cinco anos de psicologia, você estudou o amor? Você estudou felicidade? Eu não lembro de ter tido uma aula sobre felicidade...ok, são temas humanos, nada mais humano do que falar sobre amor e felicidade, nós nunca tivemos uma aula de felicidade, eu não me lembro de ter tido uma aula de felicidade. Então assim, nem sobre amor, eu nunca tive uma aula sobre amor. Então eu acho que a psicologia peca porque ela despreza temas como estes porque como que eu vou tornar um estudo sobre o amor, sobre a felicidade científico. É difícil descrever o que é felicidade, é difícil quantificar, entende? Então neste sentido, é por isto que eu trabalho dentro de uma abordagem fenomenológica, porque a pesquisa em fenomenologia, ela não exige esta quantificação. É o que é amor para você; o que é felicidade para você. Isto é o importante, o significado que você dá para isto, não o que o mundo dê para isto, entendeu? Então, eu vejo assim, eu acho que a espiritualidade é um aspecto que nós conhecemos muito pouco, eu acho que dá mesma forma que a psicologia nega

temas como amor e felicidade, ela nega a realidade de que o ser humano é um ser espiritual. Eu penso que nós da psicologia devemos falar mais, discutir mais sobre isto. Como que nós enquanto psicólogos interferimos no espiritual dos nossos pacientes, devemos estimular estes pacientes a ter uma vida espiritual ou não, como fazer isto. Eu penso que é como você falou Cinthya, você ficou frustrada, você não viu isto durante a formação. Então, existe aí algo que acontece com a psicologia, na academia, que ela passa batido em temas que são fundamentais, como o da espiritualidade, como esse do amor, da felicidade, entendeu? Eu acho que é a questão da ciência, porque não é científico, então não pode falar disto.

Entrevistadora: E para você Beth, como que foi essa sua trajetória, da sua escolha mesmo, porque você até citou que se utiliza da abordagem fenomenológica. Como foi para você, então tentar, não sei se houve uma conciliação ou não, mas traçar essa sua trajetória dentro de uma linha teórica, talvez você poderia até falar mais um pouquinho sobre isso, junto com essa fé, com essa visão de homem que você colocou para mim, que você consegue, pelo que eu percebi, sem dividi-lo. Você até deixou bem claro a sua visão de homem bio-psico-sócio-espiritual. Então, como que você conseguiu, você acha que conseguiu conciliar ou não?

Beth: Eu acho...eu acho...

Entrevistadora: Como foi feita essa sua escolha teórica nesta sua trajetória, desde quando você fez faculdade?

Beth: Eu acho... por exemplo, lá na faculdade que eu cursei, eu cursei no RJ, lá nós não tínhamos muita opção teórica diferente da psicanálise e da comportamental, não foi muito diferente da sua formação, naquela época, há dezessete anos atrás. Hoje lá tá diferente, mas naquela época não era, tanto é que eu fiz psicanálise no quinto ano e a psicanálise não me completou porque eu precisava de uma abordagem que me permitisse ser mais humana na minha relação com o meu cliente.

Entrevistadora: Mas o que é para você essa abordagem que lhe permite ser mais humana?

Beth: Que eu pudesse assim, sentir muito amor pelo meu cliente, poder transmitir isto, que eu pudesse assim, no momento de dor do meu cliente tocá-lo, dá a mão para ele, que essa relação humana verdadeira, que eu pudesse usar da minha capacidade de me emocionar, do meu humano, para ajudar o outro, ajudar profissionalmente, como terapeuta. A abordagem que eu acabei encontrando foi a Gestalt, porque ela é uma abordagem primeiro humanista e existencial. Então, é uma abordagem que me permite ser muito humana na minha relação de ajuda, tá. Então, por exemplo, eu não tenho medo de ser espontânea quando eu to atendendo o meu cliente, eu não tenho medo de ser afetiva com ele, eu não tenho medo nem de me emocionar em algum momento com ele. Claro que eu não vou me destampar a chorar junto com ele, nem vou falar das minhas dores. Mas eu posso me emocionar e essa minha emoção significa que eu estou junto com ele naquele momento. A emoção do terapeuta ela pode ser extremamente terapêutica porque o outro não vai se sentir só, vai se sentir profundamente compreendido naquele momento, entende? Então, foi a única abordagem que me permitiu ser eu mesma quando eu to atendendo. Então, a gente faz uso do método dialógico, que é aquele que foi enraizado lá no Martin Buber. Então, o Buber dizia assim, quando existem dois seres se relacionando, o sagrado está presente. Então, é na relação humana que você pode mostrar e descobrir o que há de melhor em você e o que há de pior em você. Então, a relação humana, eu entendo, que ela é sagrada e a abordagem gestáltica ela realmente permite que este sagrado venha para a relação terapêutica, para o momento terapêutico. Esse sagrado é um termo até usado pelo Buber, a gente se fundamenta muito no Buber porque a gente trabalha com o método dialógico, e ele acredita, o Buber ele é o representante do racismo, que é um movimento religioso importante, tal... e o Buber é um filósofo bem importante que trata muito da relação humana, da relação EU-TU, EU-ISTO. Então, quando a gente faz uso do método dialógico, eu preciso estar verdadeiramente interessado no que o outro ta dizendo e então eu quero estabelecer uma relação EU-TU meu cliente. Eu preciso estar interessada no que ele ta dizendo, eu preciso de verdade ser capaz de colocar o sapato do meu cliente, sentir onde está apertando o pé dele, e para isso eu tenho que sentir junto com ele. Eu não posso ficar assim numa postura fria, neutra e racional. Então, é uma relação que me permite ser... e se me permite ser eu mesma, me permite,

oh, isto é uma construção que eu to fazendo agora, ta? Se me permite ser eu mesma, me permite que eu seja também o meu lado espiritual. Então eu acredito sim, que a minha espiritualidade chega no cliente, eu acredito, porque todos nós temos uma espiritualidade. Todos nós temos. A espiritualidade do outro pode estar sombria, então eu acredito sim Cinthya, que a minha luz espiritual pode de alguma maneira chegar no outro. Há aqueles que podem não suportar, e esses talvez nem consigam ficar em terapia, e há aqueles que podem se beneficiar da nossa espiritualidade. Isto eu estou dizendo como ser humano. Você sabe, que dependendo de como você está, você é capaz de se pôr ao lado de alguém e só de você estar ao lado do outro, você interfere no outro. A física quântica já explica isso, eu to aqui com você, eu to interferindo no teu campo. Você ta aí, você ta interferindo em mim. Então isto não acontece na relação terapêutica? Por que não, se é uma relação humana? Agora, a minha caminhada de escolha da Gestalt, foi muito em função disto. Quanto mais eu estudo, mais eu confirmo que é uma opção teórica que te permite ser absolutamente autêntico, espontâneo e humano. E essa autenticidade do terapeuta, ela vai favorecer que o cliente descubra a sua autenticidade, a sua espontaneidade e que isto também devagar, comece ser trazido por ele. É como se ele fosse aprendendo comigo a se relacionar de um jeito verdadeiro. Essa aprendizagem, depois ele começa a levar para as relações dele lá fora no mundo. Então, a relação terapêutica é um momento onde ele vai poder aprender a se relacionar com a pessoa do terapeuta e ele vai devagar depois transpondo isto para as outras relações no mundo. Então, precisa ser uma relação muito verdadeira, a relação terapêutica com o cliente na nossa construção teórica.

Entrevistadora: E essa relação verdadeira é tudo isso que você colocou agora?

Beth: É, eu fico inteira na relação, com todo meu racional, com todo meu teórico, com todo meu pensamento, mas principalmente com meu sentimento, porque a Gestalt é centrada na relação terapêutica. Ou seja, é na relação que o processo se centraliza, entende? A relação muito importante, diferente da Rogeriana que é centrada no cliente, a abordagem gestáltica ela é centrada na relação terapêutica, ou seja, a relação é muito importante, e aí nós entramos na espiritualidade. A relação é sagrada, aí já está presente o espiritual, a relação é capaz de curar... É muito importante o terapeuta ter

uma espiritualidade desenvolvida relativamente, caminhando... que o terapeuta tenha, que ele cuide da religiosidade dele, que ele tenha espiritualidade, que ele tenha assim, fé. Primeiro, porque na nossa abordagem, por exemplo, a gente tem que ter muita fé no potencial do outro, se não você não trabalha dentro de uma abordagem humanista. Fé de que ali, dentro daquela pessoa, por pior que ela esteja, tem um potencial muito grande de transformação, que ela pode acessar, que ela pode descobrir, né? Então, veja bem, eu to falando de Deus, eu não to falando de Deus? Que potencial é este, da onde isto vem? Percebe, Cinthya? Não é só do humano.

Entrevistadora: Quando você fala, é importante que o terapeuta desenvolva esta espiritualidade, esta fé...

Beth: É... eu acho importante, por exemplo, eu já tive sessões, de momentos difíceis, que eu rezei antes de entrar na sessão e agradei depois que eu saí. E pedi sim, uma iluminação espiritual, no sentido de me colocar as palavras certas na minha boca, de me ajudar a enxergar por que caminho ir com aquela pessoa, entende? Para mim é importante, dentro da minha experiência, eu não entendo que eu trabalho sozinha. Eu entendo que eu sou um instrumento, como o médico é um instrumento, como o padre é um instrumento, eu tenho uma formação, eu estudei para isto, mas eu sou um instrumento. Eu acredito nisto, tem uma força maior, que te chama como e quando quiser chamar e que esta presente aqui e que vai interferir no que eu vou fazendo. Então, se eu estiver mais conectada com este Deus, eu vou trabalhar melhor. Eu acredito nisto.

Entrevistadora: Então, quando você fala em desenvolver esta espiritualidade, pelo que eu entendi, é estar conectada com Deus?

Beth: É, é estar ligada. Eu tive uma terapeuta, uma excelente terapeuta, uma terapeuta minha, pessoal, ela era jungiana, evangélica, uma pessoa formidável, assim. Uma baita terapeuta. Ela era mais assídua na coisa da..., ela rezava, ela fazia leituras bíblicas, antes de todas as sessões, nos intervalos de uma sessão para outra. Eu não tenho esta disciplina, como eu disse para você, eu não sou uma pessoa que vou à igreja semanalmente, eu não vou, porque não é minha forma. Mas, de repente, de um

intervalinho para outro, eu converso com Deus, eu peço uma ajuda, se é um cliente que me traz mais dificuldade do ponto de vista emocional, e que eu sinto uma carga espiritual maior, entende? Eu peço ajuda, então eu fico conversando, entendeu, antes da sessão, principalmente. Se eu tenho uma cliente com risco de suicídio, eu vou rezar mais, assim, para que eu possa ficar conectada, no sentido, de receber uma força maior que possa orientar as minhas palavras e as minhas ações aqui. Mas isto é uma crença minha pessoal, eu acho que cada terapeuta tem que ter a sua forma.

Entrevistadora: Você já é formada há quanto tempo mesmo, Beth?

Beth: Há 17 anos.

Entrevistadora: Você atende há ...?

Beth: Há 17 anos...não, porque eu já me formei e comecei a atender.

Entrevistadora: E como que foi este processo, que você comentou, que saiu de uma formação muito parecida com a minha, de orientação psicanalítica. E qual foi seu contato com a gestalt? Como aconteceu...

Beth: O meu contato com a gestalt na verdade, aconteceu com uma professora lá da universidade do Rio de Janeiro era uma professora que trabalhava com gestalt – terapia e nas aulas de personalidade, e nas aulas de psicologia geral, no primeiro e segundo ano, eu comecei a fazer contato com esta abordagem e comecei a buscar por fora, eu comecei a fazer *workshop*, grupos de estudo com ela, a faculdade não oferecia muito esta abordagem, e eu comecei a fazer terapia com ela e fiz alguns trabalhos também de finais de semana, de *workshop*. E assim, pude confirmar toda uma forma de pensar bem parecida com a minha. Então, eu fui buscando fora da faculdade, sempre, a faculdade nunca me ofereceu. Com a psicanálise, eu não me sentia completa. Eu achava que era uma relação muito fria, eu queria algo mais próximo, que eu pudesse sem sair do papel do terapeuta, que eu pudesse ser mais gente com meu cliente. E daí, as linhas humanistas elas te dão esta possibilidade. E na gestalt, nestas experiências que eu tive como cliente, eu fiz grupo terapêutico em gestalt como paciente. Aí, nestas experiências eu pude ver o quanto a gestalt permitia esta proximidade humana, que

estimulava muito a cura. Então, este foi o grande atrativo, que me atraiu mesmo. O tipo de relacionamento que você podia estabelecer, sem sair do papel do terapeuta, veja, ninguém tá dizendo para você ficar amigo do cliente, nada disto. É realmente, o que me atraiu foi a relação terapêutica, uma relação diferente. Eu vivenciei como cliente, primeiro. Primeiro eu fui para os grupos de estudo, depois eu fui para os grupos terapêuticos, *workshops* de fins de semana, depois eu fiz terapia individual e daí eu tive certeza. Daí eu já comecei a fazer muitos cursos assim, teóricos, fiz curso em Minas Gerais...e depois que eu fui para a formação mesmo. Então, hoje, cada livro, cada texto que eu leio, cada congresso que eu vou, só é uma confirmação da minha escolha, cada vez confirma mais a minha escolha.

Entrevistadora: Então, parece-me que no momento que você vive, se não estou equivocada, parece que houve uma conciliação da sua fé com a teoria escolhida?

Beth: Sim, nossa, super bem encontrado, bem casado. E eu falo muito isto para os alunos, que eu dou aula de psicologia, eu falo muito assim: a abordagem ela já está dentro de você, aquela para a qual você vai se dirigir. É só uma questão de você saber que ela está aí dentro de você. Porque a visão de homem você já tem, dentro de você, você tem já. A questão é você fazer este mergulho e ver que homem que você acredita, que tipo de relação terapêutica que você acha que tem haver com você, entendeu? Daí, nós não vamos encontrar abordagens melhores, abordagens piores, nós vamos encontrar homens diferentes, que pensam diferente.

Entrevistadora: Parece que para você muita coisa já está bem elaborada...

Beth: É... muita coisa eu to construindo aqui, falando com você. Porque na verdade eu não parei para pensar nisto, entendeu? Mais, assim, é até gostoso, porque daí eu vejo que tem muita coisa construída, que cai bem integradinho, assim. Eu não parei para pensar, tem coisas até que eu to descobrindo falando aqui com você, nesta experiência. Mas só sei que a relação é fantástica. A relação humana... é algo sagrado mesmo, Buber tinha razão. Ele dizia, onde há duas pessoas, a centelha divina está aí. Que é isso? A relação é sagrada. Lê, que você vai gostar. Maravilhoso, Martim Buber. Ele é um dos autores que mais me chama atenção porque ele realmente consegue

enxergar a dimensão espiritual na relação humana. Eu acho que é isso. O que que nós estamos falando, nós estamos falando que dependendo de como eu estabeleço a relação humana num setting terapêutico, esta relação, ela pode estar muito espiritualizada. No meu ponto de vista, se ela for uma relação muito verdadeira, o sagrado já está ali. Eu concordo com Buber. Eu acho que é isso que eu to querendo dizer. Foi na gestalt que eu consegui encontrar uma forma de se relacionar que mais me permitisse ter este sagrado da relação presente, eu acho que é isso. Porque ela tem toda uma construção teórica, nós só estamos falando só da relação, de um aspecto da abordagem que me chama atenção, porque nós estamos falando disso porque o teu tema é espiritualidade. Principalmente na relação que você vai perceber a dimensão espiritual do ser humano, quando ele está em relação. Por isso que nós não saímos disto, nós estamos falando em relação a este tema desde que começamos a entrevista.

Entrevistadora: Estar vivendo este sagrado, pelo que eu entendi, então é também a relação que se vivencia com qualidade, uma relação mais verdadeira?

Beth: É... este sagrado pode ser vivenciado com você lá com seu marido, você com seu marido, você com um aluno seu, a partir do momento que você está num encontro verdadeiro entre dois seres humanos, o sagrado está presente. Que dizer, esta é uma forma de pensar de Buber a qual eu compartilho, eu concordo com ela, nem todos concordam. Então assim, a partir do momento que você estabelece um encontro verdadeiro com alguém e principalmente se você está numa atitude EU-TU para com o outro, que é aquela atitude assim de interesse genuíno pela pessoa, eu não estou com você por algum objetivo, eu estou porque eu quero estar com você neste momento, entendeu? Então, quer dizer, esta relação, ela pode ir muito além daquilo ali. Então o que que é isso? É o espiritual agindo. Não são só dois seres psicológicos que se cruzam nesta relação, são dois seres espirituais que estão aqui um interferindo no outro. Eu já tive, eu to me lembrando, eu tive experiências bem pesadas.

Entrevistadora: Como assim?

Beth: Oh, eu vou te dizer como. Eu até lembrei de dois casos. Eu já tive uma vez, eu tive o caso de uma moça que ela não veio para o consultório, o marido veio para o consultório e o marido veio pedindo socorro, tal era a doença da esposa, a perversidade da esposa, aquele comportamento perverso, maldoso. Bom, quem veio me procurar na verdade foi o marido porque ela não veio diretamente, ele veio pedir ajuda para ela. E eu pedi que ela então, vamos ver se ela quer vir. E ela veio para a sessão, claro, a pedido do marido, por intermédio do marido. E quando eu olhei nos olhos daquela moça...eu vi uma maldade imensa, e eu me lembro até hoje porque foi uma das experiências mais fortes que eu já tive. Ela tinha os olhos muito escuros e ela me olhava assim, com muita raiva, ela tinha todo um comprometimento psicopatológico, um comprometimento maior, um caso assim de uma perversão, era um comportamento assim... era bem comprometida em termos psicológicos. Mas eu não fiquei com a impressão de que ela era comprometida só no psicológico. Eu fiquei com uma impressão muito forte de que ela tinha um comprometimento espiritual muito grande, se é que nós podemos falar assim. Eu não sei o que tinha nela, até hoje eu não sei, mas eu me lembro dos olhos dela, do jeito que ela olhou para mim. Eu me lembro que ela nunca mais voltou, eu tive a impressão que ela não voltaria. Então, como é que eu vou fazer uma leitura de que isso é só psicológico, ta entendendo? A minha sensibilidade me disse que ali tinha algo a mais, eu senti na pele... Bem recentemente aqui, nessa cadeira aí, sentou uma moça, um caso de uma depressão grave. Interessante, olha só, eu lembrei disto agora. De novo, quem procurou foi o marido, não foi ela que me procurou. O marido que procurou, um aluno me encaminhou, o marido veio até mim pedindo socorro, pedindo ajuda. A esposa num quadro de depressão muito profundo, um abatimento, uma desmotivação muito grande... e realmente, ela veio muito comprometida, ela mal olhava para mim, mas uma pessoa que quando eu olhei me senti muito mal. Era um olhar diferente. Então, são experiências que a gente vai tendo, agora se você perguntar para a academia da psicologia se ela tem um termo para dar para estas experiências, ela não vai ter um nome. Agora não sei, eu acho que já chegou a hora talvez da própria Ciência da Psicologia estudar estas questões, começar pesquisar, dar nomes a estas questões, porque eu creio que experiências todos psicólogos vão ter para contar. Bom, essa moça também não voltou. Eu senti que ela

não voltava mais, que ela era muito escura, entende? Ela não conseguiu ficar aqui na minha frente. Foi um outro caso, que quando saiu eu rezei bastante, sabe? Porque eu fiquei preocupada, porque tem experiências terapêuticas que você vê que tem algo a mais. Você vê que a pessoa não é só psíquico. Mas vou falar de coisa boa, aquele cliente que é um cliente bastante espiritualizado, que tem assim, um sentido de vida maior, aquela pessoa que tem todo um objetivo de fazer assim, bem à humanidade, é claro que é uma questão espiritual forte. Meu Deus, que interessante, como este cliente cresce, como ele avança rápido, como ele é mais saudável. Então, tem como você dizer que a espiritualidade não vai interferir neste psicológico? Claro que vai, né. São pessoas que enfrentam infortúnio com mais facilidade, são pessoas que não se abatem com tanta facilidade, são pessoas que tem um diferencial. E é gostoso atendê-las, entende, é muito gostoso, porque elas crescem, elas tem força. Então, não tem como dizer que está separado, não está. A gente tem é que estudar mais. Lembrei de um livro agora, Cinthya, que se chama Fenomenologia e Religiosidade, precisaria descobrir quem é o autor. Conversei com um colega outro dia, preciso me lembrar quem é que me falou deste livro, talvez tua orientadora pode conhecer, Fenomenologia e Religiosidade, olha só...o tema para você, este é o nome, Fenomenologia e Religiosidade. Mas acho que é isso que eu teria para colocar.

Entrevistadora: Parece que esta é a trajetória da sua integração mesmo, aquilo que você acreditava, a sua visão de homem e a visão de mundo...

Beth: Ficou bom...ficou bom...

Entrevistadora:... que a gestalt terapia tem...

Beth: Ficou bom... ficou muito bom.

Entrevistadora: Vê se é isso que eu entendi...

Beth: É...é...ficou muito bom e cada um vai ter a sua forma...

Entrevistadora: Parece que foi muito importante o encontro com aquela professora lá atrás...

Beth: Muito, muito importante... ela foi minha terapeuta, depois ela foi coordenadora do grupo de estudo; também teve uma outra terapeuta do Rio de Janeiro, da gestalt, que eu fiz terapia com ela e foi bem legal, foi bem legal, ela era muito espiritualizada. Com a primeira terapeuta eu fiz uns sete, oito meses, com a terapeuta do Rio de Janeiro eu fiz durante um ano e meio. É isso. Dá para ficar aqui?

Entrevistadora: Sim, muito obrigada.